

101 – SEP/OCT 2021

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

ART REPORT II

ARTISTS • COLLECTORS • AGENTS • GALLERIES • MUSEUMS • INTERIORS

PORTUGAL CONT. 9,00€ • BE/R/NL 12€ ES/IT 11,00€ • DE 13,00€ • UK £9,50 • Suisse 15,00CHF • Morocco 110MAD





O OYSTER PERPETUAL

O Oyster Perpetual, o expoente máximo dos relógios Oyster, foi o primeiro Rolex a apresentar o movimento Perpetual numa caixa resistente à água. Com uma seleção de mostradores em diferentes cores e acabamentos, continua a ser um eterno clássico.

#Perpetual



TORRES.PT
BOUTIQUE ROLEX AV. LIBERDADE 159, LISBOA
CENTRO COLOMBO AV. LUSÍADA, L.J. 130-133, LISBOA
EL CORTE INGLÉS AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 31 - PISO 0, LISBOA
CASCAISHOPPING EST. NAC. 9, L.J. 0.8/9, ALCABIDECHÉ
ALAMEDA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA, 147, CASCAIS

TEL. 211 160 960 - ROLEX@TORRES.PT
TEL. 217 167 000 - COLOMBO@TORRES.PT
TEL. 211 163 320 - ELCORTEINGLES@TORRES.PT
TEL. 214 603 008 - CASCAISHOPPING@TORRES.PT
TEL. 210 131 717 - CASCAIS@TORRES.PT

OYSTER PERPETUAL 31

FLEXFORM

MADE IN ITALY

ASOLO SECTIONAL SOFA
Antonio Citterio Design

www.flexform.it

AGENT FOR PORTUGAL
EDGAR SANTOS LDA
Alcabideche
inform@edgarsantos.com



**WINDOWS will always be the SAFEST CONNECTION with the world outside.
Choose OTIIMA.**

No limits. No boundaries.

work by OTIIMA PORTUGAL ECOSTEEL
system OTIIMA PLUS

CASA EM SABROSA | SEBASTIÃO MOREIRA

image by © João Ferrand



Much
more
than a
window.

OTIIMA



CASTLE STONES

MAURITS SIMONETTE



PEDRAS MONUMENTAIS INOVADORAS

Inspiradas pelo Renascimento, ruínas antigas e atmosferas monumentais, estas pedras exclusivas e artesanais são fabricadas de forma inovadora. São extremamente leves e finas, entre 6 e 8 mm.

www.castle-stones.pt

PORTUGAL AGENT
Mathilde interiores
+351 919 946 965
info@castle-stones.pt

URBIDYNAMIC
Official dealer Portugal
+351 916 781 094
info@urbidynamic.com



FUEL TO THE
ARTISTS IMAGINATION



- 10 Editor's Letter
- 12 Friends

Journal

- 14 Wishlist

Our Choice

- 20 Our Choice: Collector
- 22 Our Choice: Gallerist

Global Report

- 26 Piet Oudolf x Vitra
- 30 Casa Falcó
- 32 vaga - espaço de arte e conhecimento
- 34 Qta. Nova de Nossa Sra. do Carmo

Hot Architecture

- 40 Art Report Online Projects

Confidential

- 42 António Filipe Pimentel+Benjamin Weil
- 48 Ana Clara Silva
- 50 Stéphanie Ruth
- 52 Simone Coscarelli Parma

Art

- 56 Ai Weiwei
- 62 Evy Jokhova
- 66 Mónica de Miranda
- 70 Marco A. Castillo
- 74 Mia Dudek
- 78 Fernanda Fragateiro

Hot Exhibitions

Places

- 84 Galleries, Museums, Ateliers

Sounds

- 116 Books

Interiors

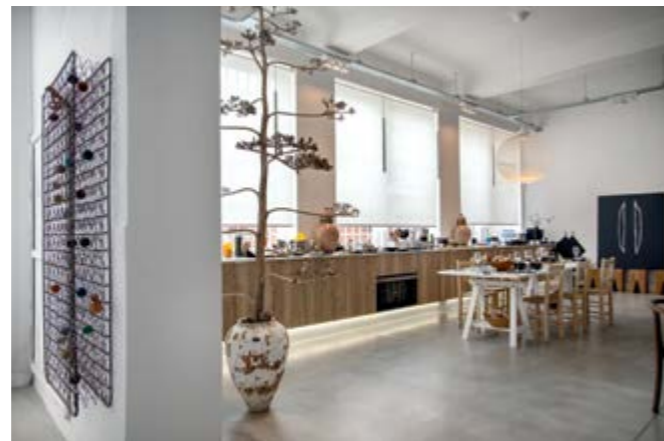
- 120 Portimão I
- 128 Lisbon
- 138 Madrid
- 148 Portimão II
- 158 Estoril
- 166 Santarém
- 176 Porto
- 184 Talk to me in Flowers



42 Confidential António Filipe Pimentel/Benjamin Weil
Photo © Ricardo Oliveira Alves



104 Place Lapa LX Photo © Francisco Nogueira



148 Interior Portimão Photo © Carlos Cezanne



Fotografia captada durante a instalação da peça de Loris Cecchini 'Wallwave Vibration', 2012, Resina de Poliéster e pintura, edição 1/3+2PA, 220x220x8 cm.

Photograph taken during installation of Loris Cecchini's piece, 'Wallwave Vibration', 2012, Polyester resine and paint, edition 1/3+2PA, 220x220x8 cm.

138 Capa/Cover Interior Madrid Photo © Ricardo Labougle

Errata/Eratum: Atitude 100 Hope: página/page 35, testemunho de/testimonial by Hugo Barreto, CEO HB Design Brands



© Filimage/Vincent Leroux



BARREIROS & BARREIROS
WALLPAPERS AND FABRICS

Collection Pierre Frey VIBRATION 2021 www.pierrefrey.com

www.barreirosebarreiros.com

ART REPORT II

Numa parceria que já dura há mais de seis anos com a revista *Attitude*, temos vindo a desenvolver um trabalho de divulgação da arte contemporânea numa revista que sobressai pela excelência das suas escolhas. A edição *Art Report II*, após um ano de pandemia e de crise mundial, vem com uma enorme garra mostrar a produção artística, os universos de colecionadores e as escolhas que acreditamos serem importantes para melhor conhecer o panorama da arte em Portugal e no mundo.

Uma selecção que bebe das nossas experiências pessoais e profissionais numa vida dedicada à arte. Das incontáveis visitas de atelier, destacamos as de Fernanda Fragateiro e Marco Castillo a quem dedi-



camos um espaço especial. As idas a exposições em galerias e museus, onde muito nos honra contar com os testemunhos dos novos directores do Museu Gulbenkian e Centro de Arte Moderna, ambos da Fundação Gulbenkian, António Filipe Pimentel e Benjamin Weil respectivamente. De destacar, ainda, o acesso privilegiado ao interior das casas de colecionadores do mundo da arte, como Ella Fontanals-Cisneros, fundadora da CIFO, e Vanessa Arelle, que partilha a sua colecção

familiar agora com morada em Lisboa. Numa nota mais pessoal, a casa de Verónica de Mello que, pela primeira vez, abre as portas para partilhar um percurso profissional onde se mistura o pessoal, a arquitectura, a curadoria e a consultadoria de arte.

Todos estes lugares formaram o nosso gosto e cultura visual. É importante sublinhar a nossa admiração por projectos individuais e institucionais; por residências de artistas, nomeadamente a Pada; por espaços e conceitos alternativos, entre eles o CAMA, e, ainda, por centros de arte de carácter independente, como as Carpintarias de São Lázaro que contam com Alda Galsterer como co-fundadora.

Por último, agradecemos a generosidade de artistas que, como Ai Weiwei na entrevista concedida, renovam o nosso alento. Nesta edição, decidimos abrir o nosso universo e partilhar com os leitores até os lugares e espaços que nos são muito pessoais, tornando a leitura que se segue, numa visita guiada ao nosso mundo da arte. [▲]

verónica de mello & alda galsterer
GUEST EDITORS

Through a partnership that has already lasted more than six years with *Attitude* magazine, we have been working on the communication of contemporary art in a magazine that is distinguished by the excellent quality of its choices. The *Art Report II* edition, following a year of pandemic and world crisis, brings with it enormous verve in showcasing artistic production, the unique worlds of collectors and the choices that we believe are crucial to a better understanding of the art scene in Portugal and around the world.

The selection draws from our personal and professional experience in a life devoted to art. Countless visits to studios, including those of Fernanda Fragateiro and Marco Castillo, to whom we dedicate a special space. Visits to galleries and museums, where we feel honoured to share the testimonials of António Filipe Pimentel and Benjamin Weil, the new directors of the Gulbenkian Museum and Modern Art Centre respectively, both belonging to the Gulbenkian Foundation. We also enjoyed privileged access to the homes of art world collectors such as Ella Fontanals-Cisneros, founder of CIFO, and Vanessa Arelle, who now lives in Lisbon and shared her family collection with us. On a more personal note, we feature the home of Verónica de Mello who opens the doors to her home for the first time, sharing her professional journey where personal, architectural, curatorial elements and art consultancy blend together.

All these places have shaped our cultural and visual tastes. It is essential to stress our admiration for individual and institutional projects; artist residences, namely Pada; alternative spaces and concepts, among them CAMA; as well as art centres with an independent character, like Carpintarias de São Lázaro, co-founded by Alda Galsterer.

Finally, we are grateful for the generosity of artists who, like Ai Weiwei in his interview, replenish our spirit. In this issue, we have decided to open up our universe to readers and share even those places and spaces that are deeply personal to us, transforming the coming pages into a guided tour to our art world. [▲]

Cask. Norm Architects — Photographer: Jonas Bjerre-Poulsen ©



www.expormim.com

expormim

SABINA WLANDIS



Sabina Wlandis é licenciada em Política, Filosofia e Economia pela Universidade de Oxford e mestre em História da Arte. O seu interesse especial pela arte moderna e contemporânea moldou a sua pequena coleção, e a sua paixão pela escrita levou-a a colaborar com o The Art Newspaper. Actualmente a viver em Portugal, trabalha em projectos de renovação e gestão de propriedades, e leva-nos agora a conhecer de perto a cena artística em Atenas e uma residência no Estoril.

Sabina Wlandis has a B.A. in Politics, Philosophy and Economics from Oxford University and a Master's in Art History. Her special interest in modern and contemporary art has shaped her small collection. She enjoys writing and has collaborated with The Art Newspaper in the past. Currently living in Portugal, she is working on a series of renovation and property management projects, and now offers us a closer look at the Athens art scene and a home in Estoril.

RITA ALMEIDA FREITAS



www.imaginalis.pt

Consultora de arte e fundadora da Imaginalis, Rita Almeida Freitas trabalhou na Phillips de Pury, foi nomeada para o FT Oppenheimer Funds Emerging Voices Award's e tem colaborado com a ARCO, favorecendo a ligação com colecionadores. Foi co-fundadora do jardim de escultura The SPOT e dá palestras frequentes sobre o mercado de arte. Hoje em dia, faz consultoria a empresas e oferece aos seus clientes um acesso privilegiado a sectores distintos do mercado de arte. É pelo seu olhar interessado e informado que ficamos a conhecer um pouco melhor sobre a vida e paixões de dois colecionadores.

Art advisor and founder of Imaginalis, Rita Almeida Freitas worked at Phillips de Pury, was a nominator for the FT Oppenheimer Funds Emerging Voices Award's and has collaborated with ARCO, liaising with collectors. Rita also co-founded The SPOT sculpture garden and gives frequent talks about the art market. Currently, she also provides consultancy services for companies and offers her clients privileged access to different sectors of the art market. Through her interested and informed perspective, we learn more about the lives and passions of two collectors.

BEATRIZ JOSÉ



IG: @bibijose

Concluiu a Licenciatura em Relações Internacionais com um Minor em Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa e o Mestrado em Gestão Cultural, no ISCTE. Começou o seu percurso na comunicação, talhando um caminho na vertente cultural, e tem vindo a colaborar com vários projectos como a exposição ProjectoMAP 2010-2020. Mapa ou Exposição, no Museu Coleção Berardo. Contribuiu para publicações de moda, arte e lifestyle, e assina agora alguns artigos desta edição, destacando nomes e lugares de referência do panorama artístico contemporâneo.

She finished her Bachelor's degree in International Relations, minoring in Communication Sciences at Universidade Nova de Lisboa and then went on to do an M.A. in Cultural Management at ISCTE. Her career in communications started in the culture sector and has involved a variety of cultural projects such as the ProjectMAP 2010-2020. Map or Exhibition, at the Berardo Collection Museum. She has also contributed to publications on fashion, lifestyle, art, and is the author of some of the articles featured in this edition, highlighting major names and places on the contemporary artistic scene.

EQUIPA – TEAM

Editor in Chief: Inês Graça
Photo Editor in Chief: Carlos Cezanne
Production Manager: Ana Lapão
Creative Director & Design: Daniela Vilas-Boas
Online Editor: Bardo Creative Ground
Contributing Writers: Francisco Ferrão, Ana Rita Sevilha, Beatriz José, Patrícia Ramos, Filipa Mesquita, Renata Branco, Joana Jervell, Rita Almeida Freitas, Sabina Wlandis.
Art Editors: Verónica de Mello, Alda Galsterer.
Proof-reading: Sofia Pereira

TRADUÇÕES – TRANSLATIONS

José Newman
E-mail: josefnewman@sapo.pt

COLABORADORES – CONTRIBUTORS

Rita Carmo, WAAT Studio, Luis Beltran, Salva Lopez, Rema Chaudhary, Estudio Peso, Kat V, Daphne Vitali, Panos Kokkinias, Eva Liapi, Paris Tavitian, Fanis Kafantaris, Giorgos Sfakianakis, Marek Iwicki, Julien Lanoo, Stemmer Rodrigues, Alexander Bogorodskiy, MAD Architects, Peter Piltchler Arch, DBOX, Mir AS, Ricardo Oliveira Alves, Márcia Lessa, Lala Pereira, The SPProject, Anna Skladmann, Hans Georg Gaul, Adrien Thibault, Sérgio Borges, Washington Borges, Ansis Starks, Clara Imbert, Foco Gallery, João Neves, Marco Gonçalves, Nara Roesler, Jeff McLane, Ewe B. Schlund, António Jorge Silva, Roman Mirz, Tomás Saraceno, Acute Art, Robert Berg, Gregory Gorman, Irina Boersma, Eric Petschek, Bruno Lopes, Cláudio Ferreira, Ana Malta, Eduardo Sousa Ribeiro, João Azinheira, Luis Asin, Joaquin Cortés, Noshé/Andreas Gehrke, Pedro Loba, Francisco Nogueira, Ingrid Rasmussen, Pia Riverola, Clara Wenz, Rutherford Chang, Alexander Komarov, André Werner, Alwin Lay, Ricardo Labougle, Joana Rocha.

SEDE: Administração, Redacção, Edição

TVF II, Comunicação e Editores Unip. Lda. NIF 507975391
Rua Monte do Bonfim, 120, Sala 232
4300-350 Porto, Portugal
Garante Carlos Cezanne, detentor de 100% do Capital Social.
T. +351 222 052 321
T. +351 222 085 586
attitude@attitude-mag.com
www.attitude-mag.com
FB: /AttitudeInteriorDesign
IG: @AttitudeInteriorDesign

VERSÃO iPad – iPad VERSION
www.attitude-mag.com/ipad
ASSINATURAS – SUBSCRIPTIONS
assinaturas@attitude-mag.com

PUBLICIDADE – ADVERTISING

PORTUGAL
Carlos Cezanne
carlos@attitude-mag.com
T. +351 963 042 453
José Luis Trêpa
advertising@attitude-mag.com
T. +351 911 093 554

ITALIA
FIORUCCI INTERNATIONAL
carlo@fiorucci-international.com
cesare@fiorucci-international.com
+39 0362 1445 999

DISTRIBUIÇÃO – DISTRIBUTION

PORTUGAL:
VASP – Soc. de Transportes e Distribuição, Lda.
MLP: Media Logistics Park
Quinta do Grajal – Venda Seca
2739-511 Agualva Cacém
T. +351 214 337 000
F. +351 214 326 009
E-mail: geral@vasp.pt

RESTO DO MUNDO – REST OF THE WORLD
ExportPress: www.exportpress.com

CONTABILIDADE – ACCOUNTER
Luísa Oliveira
T. +351 917013350

IMPRESSÃO – PRINTED

Lusoimpress
R. Venceslau Ramos 28,
4430-929 Avintes
Tiragem média Portugal: 7500 ex.
Bimestral: seis vezes por ano/
Bi-monthly

FONTES – FONTS
'Sofia Pro' by Mostardesign
'Domaine' by Klim Type Foundry
Special Feature 'Nobleman' by VV
Design Supply

PAPEL – PAPER
Maine gloss/Print Speed



Depósito Legal :: Legal Deposit: 222.993/05

© 2005 ATTITUDE, TVF II, ISSN 1646-0456

Registo na /E.R.C./ Registration: 125173

Registo na /C.P.A.P./ Registration: 0311 U 87662

Registo na /EAN International (EAN/UCC)/ Registration: 9771646045007

O título e conteúdo desta publicação estão registados. Qualquer reprodução ou cópia do conteúdo sem autorização do autor será punida por lei. Todos os direitos reservados.

Nota: Os autores desta publicação optaram por não aderir ao novo acordo ortográfico.

This title and content of the magazine are registered. Any reproduction or copy from this magazine including texts and images without previous authorization will be punished by all the legal rights. All the rights reserved.

ESTATUTO EDITORIAL

A ATTITUDE Interior Design é uma revista bimestral, bilingue, com edição impressa e online, independente, sem posições partidárias e económicas. É um título de "lifestyle" com artigos de arquitectura, design, arte e interiores. Dirige-se a um público de todos os meios sociais e tem como objectivo apresentar as últimas novidades e tendências nos temas que aborda.

Agent for Portugal

Hugo Barreto
HB DESIGN BRANDS
M +351 917 427 956
www.hbdesignbrands.com
hb@hbdesignbrands.com



SUMO.
WWW.LIVINGDIVANI.IT

LIVING
D I V A N I



Image © Waat Studio

Farilu Fiordy Studio

Depois de ter sido fundada em 1992 por Joaquim Faria, em Guimarães, é hoje, ao lado de Bruno Faria, que a empresa de joalharia Farilu tem vindo a apostar na criação de peças elegantes e intemporais. Na sua mais recente linha, Apart/ In Pair/ Mutual, a empresa recorre a ouro 9k com pedras naturais "dead stock", reaproveitadas das sobras de armazém.

After originally being founded in 1992 by Joaquim Faria, in Guimarães, nowadays with Bruno Faria, the jewellery company Farilu has been focusing on creating timeless and elegant pieces. In its latest line, Apart/ In Pair/ Mutual, the company uses 9k gold with "dead stock" natural stones, re-used from warehouse surplus.

www.farilu.pt

Kata Arper

A nova cadeira em madeira maciça Kata, concebida por Altherr Désile Park para a Arper, une o artesanato tradicional à tecnologia suave. A estrutura em madeira certificada suporta uma cobertura de malha em poliéster, produzida a partir de plástico reciclado e posteriormente convertida em fibras leves e resistentes. Tendo como prioridade a sustentabilidade, a cadeira pode ser totalmente desmontada e reciclada, mantendo o conforto e a beleza da marca italiana.

The first solid wood lounge chair Kata, designed by Altherr Désile Park for Arper, brings together traditional craftsmanship and soft technology. A frame in certified wood supports a mesh cover in recycled polyester made from post-consumer plastic that is converted into durable and lightweight fibers. Sustainability was a priority as the Kata chair can be entirely disassembled and recycled, while comfort and beauty still remains the hallmark of this Italian brand.

www.arper.com
Portugal: oficinas@oficinasgerais.pt



Photo © Salva Lopez

Picnic Gandia Blasco

Reinterpretadas sob a supervisão de José A. Gandía-Blasco Canales, com acabamentos da DEDAR Milano, as camas de rede Picnic estão disponíveis em seis padrões listrados que evocam a essência mediterrânica. De instalação simples e design intemporal, transportam-nos para a estética descontraída da clássica rede de praia.

Reinterpreted under the supervision of José A. Gandía-Blasco Canales, with finishes by DEDAR Milano, the Picnic hammocks are available in six striped patterns that evoke the essence of the Mediterranean. Easily installed and with their timeless design, they transport us to the relaxed aesthetics of the classic beach hammock.

www.gandiablasco.com

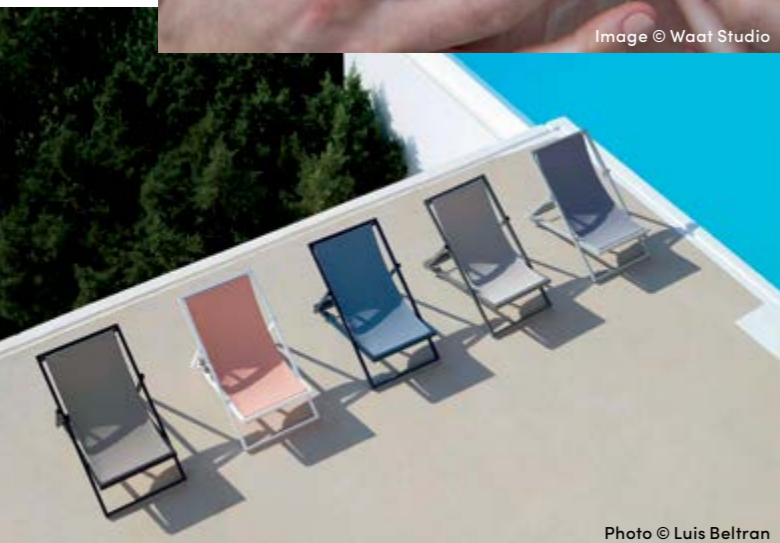


Photo © Luis Beltran

SANTOS



Alcabideche · Aveiro · Bragança · Faro · Frielas-Loures · Funchal · Fundão · Lagos · Lisboa · Nogueira
Oeiras · Portimão · Porto · Torres Vedras · Vila Franca de Xira · Vila Real · Viseu

santos.es

Capo De La Espada

Em Julho, a De La Espada lançou uma edição especial do modelo Capo Lounge, da Neri&Hu, uma poltrona forrada com uma manta alentejana. Feita a partir da lã das ovelhas merino locais, trabalhada posteriormente à mão num tear de madeira da fábrica Fabricaal, em Reguengos de Monsaraz, esta manta confere à cadeira maior calor e durabilidade.

In July, De La Espada launched a special edition of the Capo lounge armchair designed by Neri&Hu, upholstered in a “Manta Alentejana”, a traditional blanket from the Alentejo region of Portugal. Made from the wool of local merino sheep and hand woven in Reguengos de Monsaraz on a wooden manual loom in Fabricaal factory, this blanket gives the chair warmth and durability.

www.delaespada.com



Swing Rocking Chair Warm Nordic

A Warm Nordic volta a lançar a cadeira de baloiço concebida pelo prestigiado arquitecto dinamarquês Hans Olsen, em 1956. As costas, tecidas à mão em cana de forma simples e arejada, unem-se à simples estrutura em madeira, reforçando a sua aparência leve. O modelo combina conforto, estética, detalhes elegantes e uma almofada em couro ou tecido de lã reciclada Kvadrat.

Warm Nordic relaunches the Swing rocking chair designed by prestigious Danish architect Hans Olsen in 1956. The back of the chair, hand-woven in cane in a simple and airy way, is attached to the simple wooden frame, reinforcing its lightweight appearance. It combines comfort, aesthetics, elegant details and a seat cushion in leather or Kvadrat Re-wool fabric.

www.warmnordic.com



Freeport Flexform

Desenhada por Antonio Citterio para a Flexform, a colecção de exterior Freeport integra este sofá com base em alumínio, particularmente leve, robusto e resistente ao exterior. Com assento, almofadas e outros acessórios complementares, é a peça perfeita para qualquer espaço ao ar livre.

Designed by Antonio Citterio for Flexform, the Freeport outdoor collection integrates this sofa with its especially lightweight, yet robust aluminium base, that is highly resistant to outdoor conditions. With seat, cushions and other complementary accessories, it is the perfect piece for any outdoor space.

www.flexform.it
Portugal: project@edgarsantos.com



Photo © Rema Chaudhary



Ephemeris em & shi

Sediada em Jaipur, na Índia, a em & shi traduz a riqueza cultural e material da região. Com uma gola produzida manualmente, fruto de um detalhado processo artesanal desenvolvido durante 29 horas, a capa Ephemeris distingue-se pela sua delicadeza, podendo ser combinada com calças, saias ou vestidos.

Based in Jaipur, India, em & shi expresses the cultural and material wealth of the region. With a handmade yoke, the fruit of a meticulous 29-hour artisanal process, the Ephemeris cape is distinguished by its delicacy and can be combined with trousers, skirts or dresses.

www.emandshi.com

Laboratório Lisboeta Branco sobre Branco

Verbena, Chá Verde, Muguet, Jasmim, Bergamota, Manga e Morango são as sete colónias criadas em exclusivo para a Branco sobre Branco. Inspiradas no Mercado da Ribeira, em Lisboa, estas fragrâncias foram produzidas a partir de essências naturais de flores e frutos dos pomares e jardins portugueses, e são agora embaladas num cartucho de rebuçado de mercearia.

Verbena, Green Tea, Muguet, Jasmine, Bergamot, Mango and Strawberry are the seven colognes created exclusively for Branco sobre Branco. Inspired in Lisbon's Ribeira Market, these fragrances were produced from natural flower and fruit essences from Portuguese orchards and gardens and they are hand-packed in a cardboard recipient formerly used for sweets storage.

www.brancosobrebranco.store

Daciano da Costa

Depois da fundação do atelier Daciano da Costa, em 1959, é em 2013, oito anos após a sua morte, que os herdeiros de Daciano da Costa decidem dar início a um projecto que pretende valorizar e divulgar o seu património, mantendo viva a sua memória e introduzindo o design de Daciano da Costa em novos ambientes. As reedições da sua obra estão agora disponíveis na Galeria da Rua Arriaga 2, em Lisboa.

After the foundation of the Daciano da Costa atelier in 1959, it was in 2013 – eight years after his death – that Daciano da Costa's heirs decided to start a project that aims to reinforce and publicise his heritage, keeping his memory alive and introducing Daciano da Costa's design into new environments. The re-editions of his work are now available at the Gallery on Rua Arriaga 2, in Lisbon.

www.dacianodacosta.pt

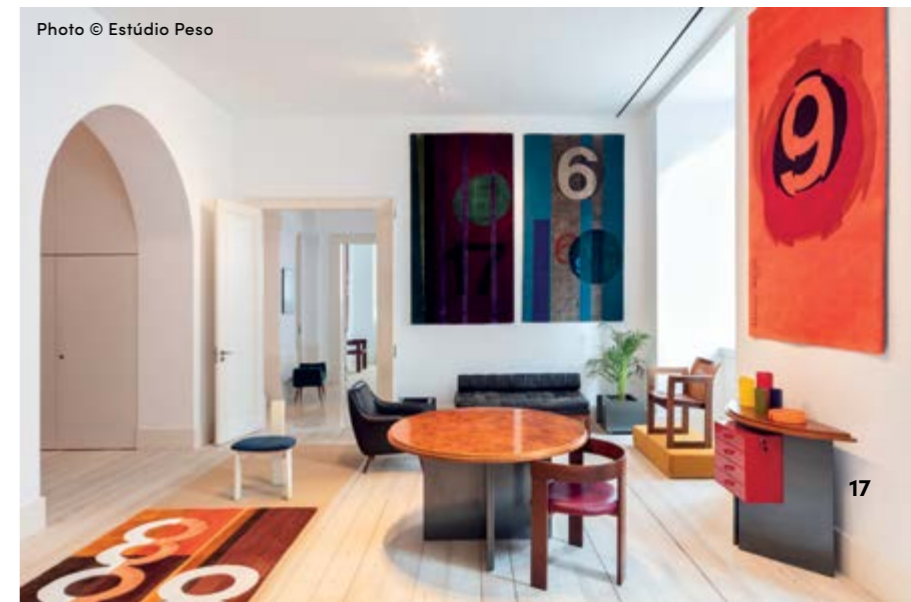


Photo © Estúdio Peso

Teppanyaki Steel, Dake

A coleção de exterior SWING, da Steel, integra o modelo com placa de aço Teppanyaki que poderá ser instalada sobre a bancada. Disponível em duas medidas diferentes, de 70 ou 90 cm de largura, esta churrasqueira distribuída pela Dake possui uma composição de aço de alta qualidade e atinge níveis de potência profissionais.

Steel's SWING outdoor collection includes the Teppanyaki steel plate model which can be installed over the worktop. Available in two different sizes, 70 or 90 cm wide, this barbecue grill distributed by Dake is manufactured in high quality steel and boasts professional power levels.

www.dake.es



Photo © KAT V

Echo Ding Dong

Inspirada na recordação de uma memória de longa data na natureza, esta coleção de exterior da Ding Dong apela à relação sinuosa entre o objecto, o espaço e o tempo. As cadeiras e daybed de linhas arredondadas e delicadas já estão disponíveis nos espaços do Porto e de Lisboa.

Inspired by the recollection of a longtime memory in Nature, this outdoor collection by Ding Dong appeals to the sinuous relationship between object, space and time. The chairs and daybed with rounded and delicate lines are already available in Porto and Lisbon stores.

Mais informações em: info@dingdong.pt

JA Mimosa MRM House of Scarves

Lenço de seda em tons de azul e amarelo mimosa, com desenho abstracto geométrico inspirado nas obras e estudos do artista alemão Josef Albers (1888-1976).

Silk scarf in shades of blue and mimosa yellow, with geometric abstract design inspired by the works and studies of German artist Josef Albers (1888-1976).

www.mrmhouseofscarves.com

PRÓXIMA EDIÇÃO
Descubra mais sobre

**SALONE DEL MOBILE
MILAN**

**3 DAYS OF DESIGN
COPENHAGEN**

NEXT EDITION
find more about



JAEGER-LECOULTRE

**REVERSO
TRIBUTE**

@Cool, @Calm, @Collecting.



Pág. esq./left page: ◀ instalação de/installation by Jeppe Hein, Ibiza. ▶ Lee Ufan (pintura/painting); Eduardo Chillida (escultura/sculpture), London. Pág. dir./right page: ▼ Escultura de mármore de Claudia Comte, junto à piscina, Ibiza./Claudia Comte's marble sculpture by the pool, Ibiza. ▶ "The string were the tension I felt between myself and the sea, the wind or the hills" Barbara Hepworth.



Começar a trabalhar com um novo cliente pode ser desafiante: os gostos podem divergir e, na falta de química, a frustração pode surgir de ambos os lados. No entanto, quando a química faz parte da equação, a descoberta feita lado a lado com o cliente torna-se tão emocionante como se estivesse a comprar para mim própria.

Curioso, apaixonado e discreto, é impressionante observar como os interesses deste colecionador evoluíram e diversificaram ao longo da nossa viagem. A forma como se tornou confortável com obras de arte, muitas vezes difíceis de digerir, explica o porquê de fazer parte de um núcleo crescente de jovens colecionadores que causam impacto na indústria da arte.

Nascido em França e a morar actualmente em Londres, divide o seu tempo entre Londres, Paris e Ibiza, motivo que o levou a cruzar-se com a arte que, desde então, se tornou num dos pilares da sua vida pessoal. Num curto espaço de tempo, montou uma colecção distinta, abrangendo diferentes períodos da história da arte. Seja pelo amor à arte ou pela vontade em deixar um legado à sua família, a sua colecção ecléctica desenvolveu-se de diferentes maneiras e, apesar de não ter um tema central, há um fio condutor que pode ser identificado.

No período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, os movimentos artísticos que ocorreram em todo o mundo procuravam reavaliar as nossas percepções da realidade, explorando as formas como lemos a informação no

Starting to work with a new client can bring its challenges: tastes might differ and if the chemistry isn't there, frustration can arise on both sides. However, when chemistry is part of the equation, the journey of discovery alongside a client becomes as thrilling as if I was buying for myself.

Curious, passionate and discreet, it's fascinating to realise how this collector's interests have grown more diverse during our journey. The ways in which he has been able to identify with artwork that is often difficult to digest explains why he is part of a rising demographic of young collectors who have impacted the art industry.

Born in France and now living in London, he spends his time between London, Paris and Ibiza. This has afforded him many opportunities to come into contact with art, which has since become a mainstay of his personal life. In a short period of time, a distinctive art collection has been assembled, spanning different periods of art history. Whether stemming from his love of art or a desire to leave a legacy to his family, his eclectic collection has developed in different ways and despite not having an obvious central theme, some common threads can be still be picked out.

In the period following the Second World War, artistic movements developing across the world were increasingly concerned with the need to re-evaluate our perceptions of reality, and to explore the ways in which we read the information in the physical world around us. From Barbara Hepworth's geometric

mundo físico que nos rodeia. Da abstracção geométrica de Barbara Hepworth ao gesto meditativo de Lee Ufan e Ha Chong-Hyun; das estruturas imersivas em vidro de Larry Bell às manifestações do legado do Minimalismo nas práticas de Wolfgang Tillmans ou Claudia Comte, as obras actuais da colecção introduzem questões partilhadas por esses movimentos – abordam a relação entre a Natureza e o mundo criado pelo Homem, conceitos de tempo e de espaço, noções de percepção e de imaterialidade. Cada compra resulta da sua pesquisa e curiosidade; o cuidado e entusiasmo pela própria obra de arte conferem à colecção um carácter altamente pessoal. Existe um grande equilíbrio entre as preocupações históricas da arte e as inclinações pessoais. Por exemplo, o minimalismo meditativo encarnado na obra de Ufan ou nas obras de Mira Schendel em papel ressoa fortemente na personalidade do colecionador e no seu interesse pelo Zen e pelo Budismo. A obra de Yoan Capote, composta por anzóis de peixe, evoca o passado da sua família na indústria pesqueira, enquanto que uma escultura de Barbara Hepworth reflecte a vontade da colecção em desenhar ligações entre formas encontradas no mundo natural e nos elementos do cosmos, e o vocabulário escultórico desenvolvido por artistas modernistas.

Uma coisa é certa: o proprietário acredita que as obras devem ser apreciadas e vividas, contempladas e experimentadas. Tornam-se parte do seu ambiente e da sua vida quotidiana, ao mesmo tempo que traduzem uma recolha pessoal e dedicada que, com o tempo, constituirá um legado do seu gosto, interesses e preocupações com o mundo em que vivemos, procurando encontrar ressonâncias no passado de onde provém. ▲

abstraction to Lee Ufan and Ha Chong-Hyun's meditative gesture, from Larry Bell immersive glass structures, to manifestations of the legacy of Minimalism in Wolfgang Tillmans' or Claudia Comte's practices, the current works in the collection open up questions shared by those movements – they relate to the relationship between nature and the man-made world, concepts of space and time, and the notions of perception and immateriality. Each of this collector's acquisitions is the fruit of research and curiosity and carried out with enthusiasm for the artwork itself, lending the collection an intensely personal character. There is a great balance between art history concerns and personal inclinations. For instance, the meditative minimalism embodied in Ufan's or in Mira Schendel's works resonates strongly with the collector's personality and with his interest in Zen and Buddhism. The work of Yoan Capote, composed of fish hooks, evokes his family's past in the fishing industry. The acquisition of a sculpture by Barbara Hepworth reflects the collection's commitment to drawing connections between shapes or volumes found in the natural world, elements of the cosmos and the sculptural vocabulary developed by modernist artists.

One thing is certain: he believes works of art are to be enjoyed and lived with, contemplated and experienced. They become part of his environment and daily life whilst being part of a personal and dedicated collecting practice that will, over the course of time, constitute a legacy of his taste, interests and concerns with the contemporary world we live in and which seeks to find resonance in the past it springs from. ▲

Atenas

um novo hub vibrante
no mapa artístico
contemporâneo

Athens

*a vibrant new hub on the
contemporary art map*

Mar, sol e... arte contemporânea. Talvez não seja a primeira coisa que vem à cabeça quando pensamos em Atenas. Ainda assim, a actividade artística tem vindo a desempenhar um papel central na capital grega desde os tempos antigos e, ainda hoje, é evidente no florescente panorama artístico contemporâneo. Novos locais e iniciativas reforçam a riqueza paisagística de instituições de arte públicas e privadas, contribuindo para um ambiente dinâmico, multifacetado e criativo. Entre eles, o Museu Nacional de Arte Contemporânea EMST, museu público fundado em 2000 para dar voz a artistas contemporâneos na Grécia, que se mudou recentemente para a antiga cervejaria histórica FIX. A sua colecção reúne obras de nomes conceituados como Jannis Kounellis, Mona Hatoum, Bill Viola, o português Pedro Cabrita Reis, e muitos mais.

Em conversa com Daphne Vitali, historiadora de arte e curadora do EMST, questionei-a sobre alguns dos hotspots da cidade. Num instante enumerou uma selecção de projectos de arte contemporânea e falou-me da crescente exposição internacional da Grécia nesta área, um fenómeno quase certamente ligado à icónica exposição Documenta, que decorreu em Kassel e Athens em 2017.

A primeira paragem, conta-nos, é precisamente do outro lado da rua de EMST. State of Concept, criada pela curadora e crítica de arte Iliana Fokianaki, tornou-se no primeiro espaço permanente sem fins lucrativos em Atenas, acolhendo exposições de arte contemporânea, algumas delas itinerantes em colaboração com instituições mundiais. ARCH é outro espaço independente sem fins lucrativos que organiza residências com artistas gregos e internacionais. Um edifício Art Déco, renovado com um ambiente de galeria contemporânea no interior, que está situado entre o antigo Arco de Adriano e a Acrópole em Plaka, um cenário perfeito onde o passado contrasta com o presente e o futuro.

Sea, Sun and...Contemporary Art. Not the first thing that springs to mind when thinking of Athens perhaps. Yet, artistic activity has been central to life in the capital from ancient times. Today, this cultural legacy is evident in Athens' burgeoning contemporary art scene. A flurry of hot new venues and artistic initiatives add to a rich landscape of established public and private art institutions contributing to a dynamic, multifaceted and creative environment. Among them, the National Museum of Contemporary Art, Athens EMST, a public museum, founded in 2000 to give a voice to contemporary art and artists in Greece, that has recently moved to its permanent location at the historic former FIX brewery. Its collection boasts works from renowned figures such as Jannis Kounellis, Mona Hatoum, Bill Viola, Pedro Cabrita Reis, from Portugal, and more.

I asked Daphne Vitali – art historian and curator at EMST – to tell me about some of the new spots around town. She is quick to list a selection of contemporary art projects and tells me about Greece's growing international exposure in this area, a phenomenon almost certainly linked to the iconic Documenta exhibition, that took place in Kassel and Athens in 2017.

The first stop she says, just across the road from EMST, is State of Concept, set up by art critic and curator Iliana Fokianaki. This was the first non-profit permanent space in Athens to host significant contemporary art exhibitions, including several travelling exhibitions in collaboration with worldwide institutions. ARCH is another independent and non-profit space that commissions and organises projects inviting artists from Greece and abroad for Residency. This quaint, refurbished Art Deco building, with a slick contemporary gallery feel inside, is situated between the ancient Arch of Hadrian and the Acropolis in Plaka, a perfect setting to contrast the past with present and future.

Daphne Vitali



Colecção permanente/ *Permanent collection*

▲ Instalação de *Installation by Jannis Kounellis*. Photo © Eva Liapi

◀ Instalação de *Installation by Janine Antoni*. Photo © Katerina Paraskeva.

◀◀ EMST. Photo © Eva Liapi.

Edifício/ *Building ARCH*.

▼ Instalação/ *Installation*. Photo © Paris Tavitian





Arranged by Date, a Guided Tour, Lenio Kaklea, 2016.
Photo ©Fanis Kafantaris

Não muito longe, noutra cidade ateniense, o londrino Hugo Wheeler criou a Hot Wheels Projects, uma galeria comercial que visa actuar como espaço interactivo "para a experimentação, colaboração e desenvolvimento crítico" de artistas gregos e internacionais. Sob o mote "o nosso espaço é a cidade", NEON não limita as suas exposições a um local, mas procura antes criar significado ao justapor as obras de arte dentro de diferentes cenários. Fundado pelo colecionador Dimitris Daskalopoulos, este projecto recorre a espaços públicos e privados – tais como parques, lugares antigos, escolas e recentemente uma antiga fábrica de tabaco – para desenvolver instalações provocadoras de pensamento.

Numa abordagem um pouco diferente, artistas e curadores estão também a criar as suas próprias galerias. Daphne desenvolveu a 3 137 de modo a fomentar uma experiência holística e directa com o processo artístico, mostrando igualmente interesse pelo trabalho da dupla Maria Thalia Carras e Olga Hatzidaki, que se uniram para expor e apoiar vozes marginalizadas e projectos comunitários, instalando a galeria Tavros num bairro desprivilegiado, ocupado por refugiados.

Apesar da crise financeira e de uma pandemia global, a actividade na cena artística contemporânea ateniense permanece. Uma prova do papel endémico que a arte desempenha no tecido cultural da Grécia, não fosse este o lugar que deu origem à pretensão de que "a finalidade da arte é representar não a aparência exterior das coisas, mas o seu significado interior" (Aristóteles). [▲]

Not far, in another renovated Athenian townhouse, Londoner Hugo Wheeler has set up Hot Wheels Projects a commercial gallery with the intention of acting as an interactive space "for the experimentation, collaboration and critical development" of Greek and international artists. With the tag line "our space is the city", NEON doesn't limit its exhibitions to one location but, rather, creates meaning by juxtaposing works of art within different settings. Founded by collector Dimitris Daskalopoulos, this project uses public and private spaces such as parks, ancient sites, schools, and now a massive former tobacco factory as the backdrop for multiple thought-provoking installations.

Approaching things a bit differently, artists and curators are also setting up galleries of their own. Daphne cites 3 137 as an example of an artist-led space that offers a more holistic and direct experience of the artistic process. Similarly, she is interested in the work of the curatorial duo Maria Thalia Carras and Olga Hatzidaki who have joined forces to exhibit and support more marginalised voices and community projects, with their gallery Tavros located in an underprivileged neighbourhood accommodating refugees.

There is currently no shortage of activity on the Athenian contemporary art scene despite the financial crisis and a global pandemic; a testament to the endemic role art plays in the cultural fabric of Greece. After all, what would you expect from the country that gave birth to the claim that: "The aim of art is to represent not the outward appearance of things, but their inward significance" (Aristotle). [▲]

Antiga Fábrica do Tabaco - Biblioteca do Parlamento Helénico e Casa de Impressão / Former Public Tobacco Factory - Hellenic Parliament Library & Printing House. Photo © Giorgos Sfakianakis, Courtesy Hellenic Parliament & NEON



Mais imagens na versão online.
More images on the online version.
www.attitude-mag.com



CIN
MUDA TUDO

É questionável, mas sou eu.



O material que escolhemos para a nossa casa, empresa ou negócio, diz muito sobre nós. Reflecte o que somos e como somos. Se escolhemos metal, é porque temos razões para isso. Talvez seja porque é moderno, porque é futurista, porque é clean. Mas o metal não é tão frio como parece: pede atenção e cuidado. Tratamos bem dele e sabemos que vai estar ali connosco para sempre.

Tudo para tratamento de metal em cin.com/deco

#2294
CINZA AÇO



PIET OUDOLF × VITRA



Pág. esq./ Left page e /and pág. dir./ right page: ▲ Vitra, Oudolf Garden, Junho/June 2021; ► Piet Oudolf. Photo © Marek Iwicki. Pág. dir./ right page: ▼ Vitra, Oudolf Garden, Maio/May 2021. Photo © Julien Lanoo.

Uma Performance no Tempo

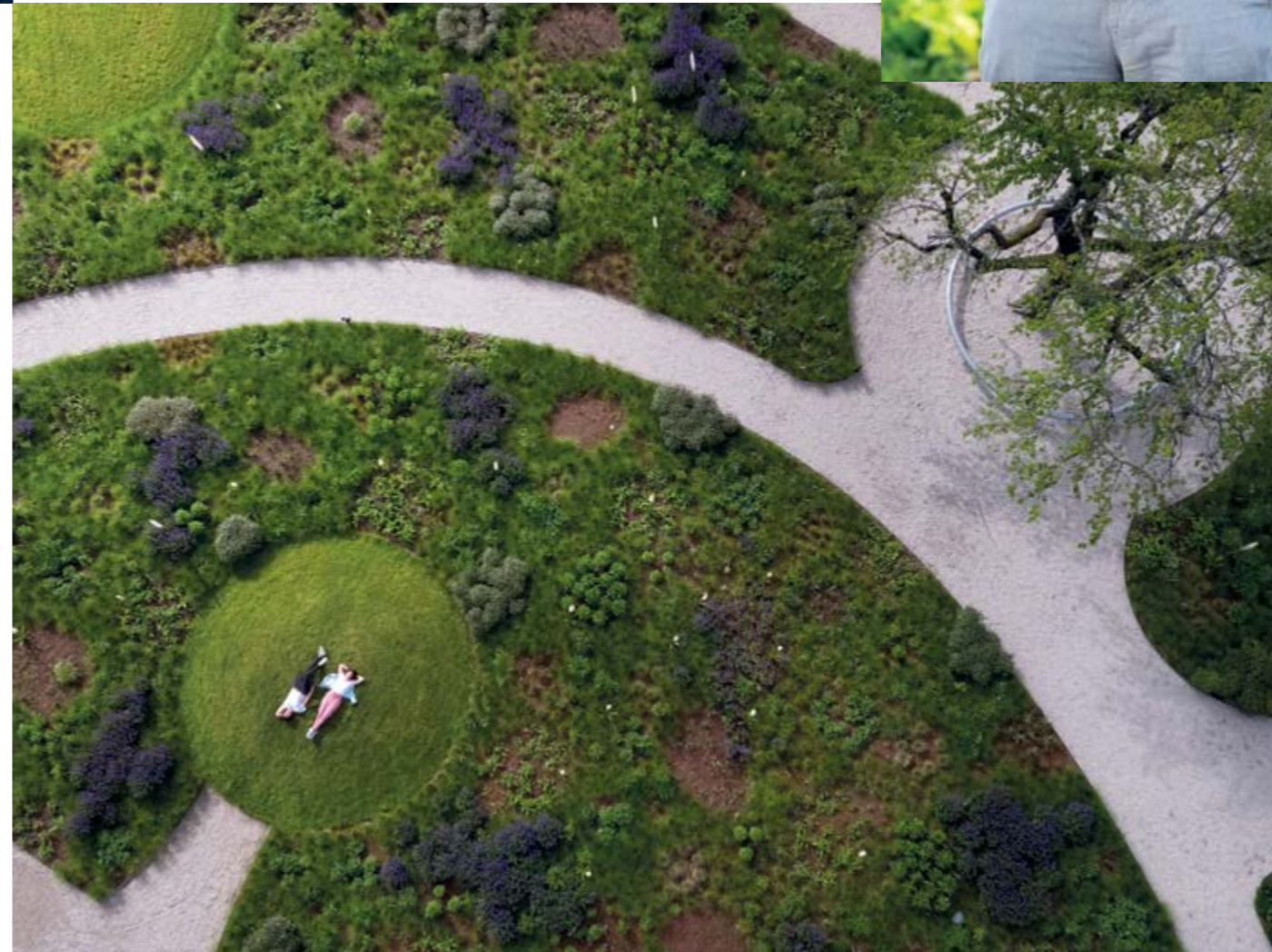
A chuva rasgava o céu cinzento à medida que nos aproximávamos do edifício projectado em 2010 pelo estúdio Herzog & de Meuron. Por detrás da volumetria imponente da VitraHaus, o design refrescante e subtilmente sofisticado traduzia bem a *raison d'être* da prestigiada empresa suíça que, ao longo da últimas décadas, tem vindo a transformar o Vitra Campus numa das mais requisitadas artérias do design e da arquitectura à escala global.

Fazendo da cidade alemã Weil am Rhein um ponto de paragem obrigatório a poucos quilómetros da fronteira suíça e francesa, e com provas dadas no que toca à composição arquitectónica – conjugando uma herança multicultural protagonizada por nomes como Tadao Ando, Jasper Morrison, Zaha Hadid, Frank Gehry, ou ainda o arquitecto português Álvaro Siza Vieira –, a conceituada empresa de produção de mobiliário faz jus às reminiscências de um mundo cada vez mais mutável e intermitente, contrariando agora uma previsível aposta arquitectónica para dar lugar ao tão necessário reencontro com a Natureza. Através de uma atenção exímia ao detalhe, sustentada por uma investigação profunda e colaboração constantes, The Oudolf Garden ilustra o mais recente projecto encomendado a Piet Oudolf, um jardim onde a liberdade e a espontaneidade se cruzam organicamente, numa simbiose perfeita com arquitectura envolvente.

A Performance in Time

Rain streaked the grey sky as we approached the building designed in 2010 by the Herzog & de Meuron studio. Behind the imposing volumes of the VitraHaus, the refreshing and subtly sophisticated design perfectly conveyed the *raison d'être* of the prestigious Swiss firm which, over the last few decades, has successfully transformed the Vitra Campus into one of the most prestigious hubs of design and architecture on a global scale.

Making the German city of Weil am Rhein a mandatory stop just a few kilometres from the Swiss/French border, and with its well-proven reputation for architectural composition – combining a multicultural heritage featuring names such as Tadao Ando, Jasper Morrison, Zaha Hadid, Frank Gehry and even the Portuguese architect Álvaro Siza Vieira – the renowned furniture production company does justice to the reminders of an increasingly changeable and fickle world, now going against a predictable architectural focus to give rise to a much-needed reconnection with Nature. Through exceptional attention to detail, sustained by ongoing in-depth research and collaboration, The Oudolf Garden illustrates the latest project commissioned from Piet Oudolf, a garden where freedom and spontaneity organically intertwine, in a perfect symbiosis with the surrounding architecture.





“Criar um jardim é sempre diferente porque não é algo estático, é uma performance que se vai transformando ao longo do tempo e das estações. Um artista cria uma obra e, quando acaba, o trabalho está pronto, uma cor será sempre uma cor. Aqui a cor que vês hoje não é a mesma que vais ver na próxima semana.” Sentados no piso superior da VitraHaus, o designer holandês reconhece uma satisfação acrescida na projecção de espaços públicos. Depois de ter sido contactado por Rolf Fehlbaum, chairman emeritus da Vitra, o designer holandês refere que o facto de poder trabalhar “sem restrições” lhe permitiu idealizar um espaço onde a aparente simplicidade é calculada ao mais pequeno pormenor, acabando por recorrer a mais de 30.000 plantas e 124 espécies no total. “Acho que o principal desafio acaba por ser a manutenção. Estes lugares precisam de ser cuidados e as pessoas que tratam dos jardins têm de ter esse conhecimento”.

Percorrer os 4000 metros quadrados deste ecossistema é mergulhar numa experiência sensitiva que nos retém o olhar a cada passo. Aqui, a beleza é disforme, manifesta-se ao longo de dezenas de gramíneas, arbustos e samambaias, mas também nos caminhos curtos e inusitados que se moldam em torno das herbáceas abundantes e da antiga cerejeira que foi preservada. Mesmo numa esfera reduzida, somos conduzidos mentalmente para os lugares mais remotos e inesperados. Uma “magia da Natureza que tem vindo a perder-se”, reconhece, procurando, agora, contrariar a habitual criação de “espaços verdes sem vida, que tendem a ser puramente decorativos e que servem, essencialmente, para correremos, andarmos de bicicleta ou deitarmo-nos na relva.”

“Creating a garden is always different because it is not something static, it is a performance that will evolve over time and through the seasons. An artist creates a work and when he finishes, the work is done, a colour will always be a colour. Here, the colour you see today isn't the same one you'll see next week.” Sitting on the top floor of VitraHaus, the Dutch designer acknowledges an added satisfaction in designing public spaces. After being contacted by Rolf Fehlbaum, chairman emeritus of Vitra, the Dutch designer says that being free to work “without restrictions” has enabled him to envision a space where the ostensible simplicity has been worked out in the smallest detail, ending up using more than 30,000 plants and 124 species in total. “I think the main challenge ends up being maintenance. These places need careful tending and the people who look after the gardens need to have that expertise.”

Wandering through the 4000 square metres of this ecosystem is to plunge into a sensory experience that grabs your attention at every juncture. Here, beauty is shapeless, revealed through the scores of grasses, shrubs and ferns, but also in the brief and unexpected paths that are fashioned around the abundant herbaceous plants and the ancient cherry tree that has been preserved. Even in a restricted sphere, we are mentally guided to the remotest and most unexpected places. A “magic in Nature that has been lost”, he recognises, now seeking to counteract the predictable creation of “lifeless green spaces, which tend to be purely decorative and serve, essentially, for jogging, cycling or lying on the grass.”

Talvez por se tratar de um projecto idiossincrático, colhemos a sensação da sua autenticidade: a mudança está lá porque é necessária para dar resposta a um mundo em constante transformação. Também o mais recente Club Office da Vitra, situado na sede da empresa em Birsfelden, a poucos quilómetros de Basileia, acabaria por revelar-se um dos momentos altos da nossa estadia, onde ficamos a conhecer de perto o novo palco “de experimentação” da marca suíça. Segundo Christian Grosen Rasmussen, Chief Design Officer da Vitra, o novo espaço procura agora “explorar o regresso ao escritório nos tempos modernos, reforçando o encontro, colaboração e troca de conhecimento entre a comunidade”, e privilegiando áreas públicas e semi-públicas capazes de se adaptarem às necessidades individuais, num registo mais espontâneo e informal.

Dois dias intensos e altamente inspiradores que não estariam completos sem uma incursão pelo impressionante ensemble arquitectónico que permeia o Vitra Campus, onde tivemos a oportunidade de visitar uma exposição dedicada ao design alemão após a Segunda Guerra Mundial, no Vitra Design Museum, e ainda o emblemático Schaudepot, um arquivo fascinante que agrega mais de 400 peças de mobiliário produzidas desde 1800.

Já de regresso ao Porto, ainda enlevados pela energia criativa e multicultural que se vive no interior do universo Vitra, compreendemos como estivemos perante uma filosofia sólida, mas igualmente refrescante que abre caminho às múltiplas possibilidades do design. Um design que tem vindo a afirmar, exponencialmente, uma habilidade profunda que transcende campos estéticos e funcionais, tornando-se numa ferramenta essencial para nos conectarmos, ora com nós próprios, ora com o mundo que nos rodeia. ▲

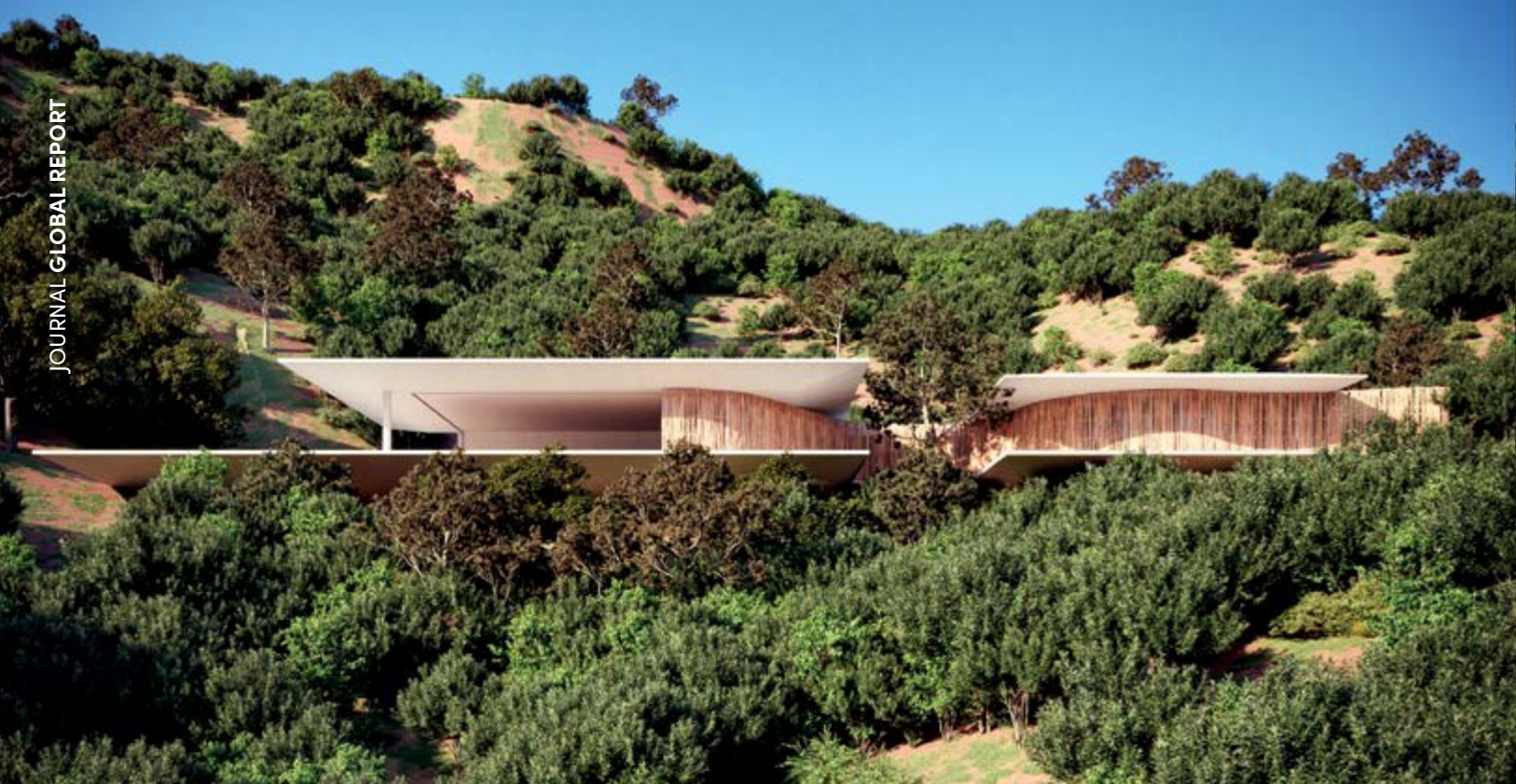
Perhaps because it is such an idiosyncratic project, we absorb the sense of its authenticity: the change is there because it's essential to respond to a world in constant transformation. Vitra's latest Club Office, located at the company headquarters in Birsfelden, only a few kilometres from Basel, also turned out to be one of the highlights of our stay, where we got a close-up look at the Swiss brand's new “experimentation” stage. According to Christian Grosen Rasmussen, Chief Design Officer at Vitra, the new space seeks to “explore the return to the office in modern times, reinforcing the coming together, collaboration and exchange of knowledge as a community”, and favouring public and semi-public areas capable of adapting to individual needs, in a more spontaneous and informal register.

These two intense and deeply inspirational days would not have been complete without an incursion through the impressive architectural ensemble that comprises the Vitra Campus, where we had the opportunity to visit an exhibition dedicated to German design after World War II, at the Vitra Design Museum, and also visit the emblematic Schaudepot, a fascinating archive with more than 400 pieces of furniture produced since 1800.

Back in Porto, and still under the spell of the creative and multicultural energy of the Vitra universe, we affirm a solid but equally refreshing philosophy that paves the way for the manifold possibilities of design. A design that has been exponentially enhancing a profound ability that transcends aesthetic and functional fields, becoming an essential tool for connecting us, both with ourselves and the world around us. ▲



Pág. esq./ Left page Vitra, Oudolf Garden, Maio/May 2021. Photo © Julien Lanoo. Pág. dir./Right page: Vitra, Oudolf Garden, Novembro/November 2020. Photo ©Vitra



CASA FALCÓ

Costa Brava, Spain

Com um efeito mimético, de reprodução contínua e adaptação autêntica à realidade envolvente, irrompe a Casa Falcó. Deixamos a movida de Barcelona e a escasos 100 quilómetros temos este vislumbre. A cidade de Saint Feliu de Guíxols, em plena Costa Brava espanhola, dá-nos a possibilidade de admirar, não só o mar, mas também esta bela implantação arquitectónica.

Mais do que o pedido para uma habitação ampla e integrada, o terreno acidentado e as restrições legais aplicadas localmente condicionaram de forma desafiadora os arquitectos Roberto Stemmer e Mariano Chitarrini. A necessidade de integração paisagística, a par das limitações cromáticas e volumétricas, tornou este projecto do estúdio Stemmer Rodrigues um reflexo puro e inato do melhor que este recanto mediterrânico tem para oferecer.

No lote de mais de cinco hectares, a área construída ocupou, não mais do que um hectare, definindo uma residência pautada pela horizontalidade do betão armado, pintado a branco, e dos grandes vãos envidraçados. É nesta linearidade que se desenrola a vivência principal da casa. De um lado, a garagem (para cinco carros), espaço para arrumos, e a zona social, composta por cozinha, sala de estar e de jantar, que se abrem desafogadamente para o terraço e, na sua continuidade, para a piscina. Em oposição, rumo a Sul, fixa-se a parte mais íntima da habitação. Três suites e uma área de estar mais privativa.

Casa Falcó bursts forth with the mimetic effect of continuous reproduction and authentic adaptation to its surrounding reality. Leaving the bustle of Barcelona behind – and just 100 kilometres away – we are rewarded with this vision. The town of Saint Feliu de Guíxols, located in the heart of the Spanish Costa Brava, offers us the chance to admire not only the sea, but also this beautiful architectural project.

Beyond the request for a large, integrated dwelling, the rugged terrain and the local planning and building restrictions provided the greatest challenge for the architects Roberto Stemmer and Mariano Chitarrini. The imperative integration into the landscape, combined with the chromatic and volumetric constraints, made this project by Stemmer Rodrigues studio a pure and innate reflection on the best that this Mediterranean retreat has to offer.

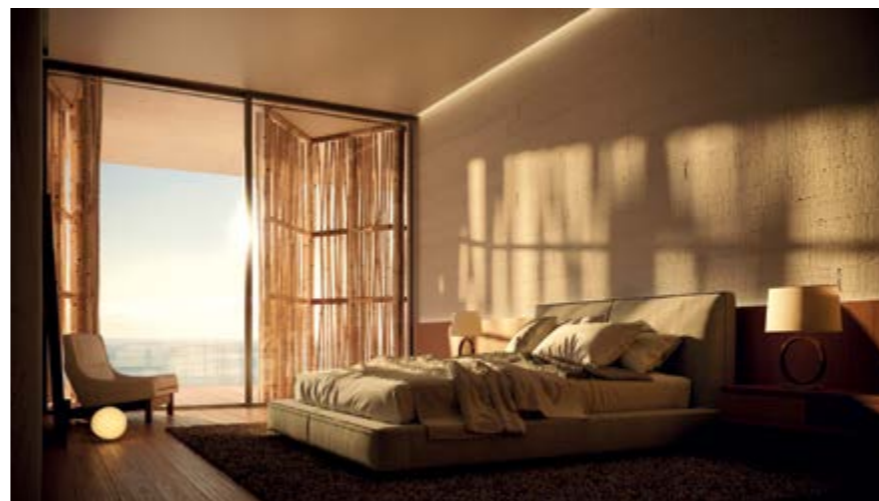
On a plot of more than five hectares, the built area occupies no more than one hectare, defining a residence characterised by the horizontality of white-painted reinforced concrete and large glazed openings. The main living experience of the home emerges from this linearity. On one side, there is the garage (for five cars), storage space, and the communal area, consisting of the kitchen, living room and dining room, which open out onto the terrace and, ultimately, to the swimming pool. On the other side, to the south, one finds the most intimate part of the house: three suites and a more private living area.

Como duas folhas de papel assentes paralelamente, os panos de betão claro são interceptados por uma sinuosa onda de madeira. Ora une, ora separa os dois ambientes do andar mais importante da residência. E, segundo Mariano Chitarrini, "este rompimento na volumetria era uma prerrogativa da legislação local que procurámos reverter em personalidade para a Casa Falcó".

A construção intenta ainda anular a sua presença para quem a vê da via pública. O telhado cobre-se de verde, disseminando o edificado pelos jardins do terreno. Enquanto isso, o piso inferior, que alberga um espaço de hóspedes, com sala de jogos, ginásio, duas suites e um ofuro, esconde-se entre a vegetação autóctone, estando mais recuado em relação ao volume superior. Sem perder a ligação com a paisagem, e sem deixar de a respeitar, o gabinete de arquitectura brasileiro Stemmer Rodrigues apresenta-se de modo irrepreensível, neste que é o seu primeiro projecto no mercado europeu. ^A

Like two parallel sheets of paper, the pale concrete panels are intersected by a curving wooden wave. At times it unites the panels, at other times it separates the two ambiances of the most important floor of the home. And, according to Mariano Chitarrini, "this disruption of the volumes was a requirement of local building regulations that we sought to convert into the personality of the Falcó House".

The building also seeks to disguise its presence when viewed from the street. The roof is covered in green, spreading the building across the gardens of the property. Meanwhile, the ground floor, which includes a space for guests, with a games room, gym, two suites and an ofurô tub, is concealed among the native vegetation, and is more retracted in relation to the upper volume. While simultaneously preserving its connection with the landscape and respecting it, the Brazilian architecture office Stemmer Rodrigues flawlessly delivers its first project for the European market. ^A





vaga – espaço de arte e conhecimento

São Miguel Island, Azores, Portugal

Foi a propósito da 10.ª edição do Festival de Artes dos Açores, o Walk&Talk, em São Miguel, que conhecemos aquela que é a nova morada da associação Anda&Fala, responsável (entre outras notáveis iniciativas) pela organização de um evento que, ano após ano, tem vindo a transformar a paisagem cultural, não só da ilha, como do arquipélago. Situada na Travessa das Laranjeiras, em Ponta Delgada, vaga é a materialização do sonho antigo de usufruir de uma casa permanente, contam-nos Sofia Carolina Botelho e Jesse James, directores artísticos do festival. Focado nas artes contemporâneas, é um espaço pluridisciplinar que se quer agregador de novas energias, práticas e discursos, assente numa lógica de comunalidade, de encontro e partilha. Sem descurar da associação, mais imediata, ao território insular onde se insere, o seu nome transporta-nos para “a ideia de movimento, de intensidade e renovação”, traduzindo bem a natureza irrequieta e provocadora intrínseca à associação. “Pretendemos ser um ponto de partida, um espaço facilitador para a comunidade local de artistas que aqui residem, como para todos os que circulam pela ilha, oferecendo-lhes um lugar de possibilidades,” refere a dupla. “Interessou-nos sempre a ideia de os artistas poderem arriscar, pois, muitas vezes, são esses passos mais arriscados que os levam a explorar novas direcções. Facultar-lhes essa margem de experimentação é, para nós,

It was during the 10th edition of the Azores Arts Festival, Walk&Talk, on São Miguel, that we visited the new address of the Anda&Fala association, which is responsible (among other notable initiatives) for organising an event that, year by year, has been transforming the cultural landscape not only of the island, but also of the archipelago as a whole. Located at Travessa das Laranjeiras, in Ponta Delgada, the venue is the fulfilment of the longstanding dream of having a permanent address, Sofia Carolina Botelho and Jesse James, the festival's artistic directors, tell us. With a focus on contemporary arts, this multi-disciplinary space aims to bring together new energies, practices and discourses, grounded in the logic of communality, meeting and sharing. Without disregarding the more immediate association with the island territory where it is located, the name vaga (wave) conveys “the idea of movement, intensity and renewal”, reflecting the restless and provocative nature inherent to this association. “We aim to be a starting point, a facilitating space for the local community of artists who live here, as well as for all those who move around the island, offering them a place of possibilities,” the pair explain. “We have always been interested in the idea of artists being able to take risks, as it is often those risky steps that lead them to explore new directions. Offering them leeway for experimentation is very important to us, so that we can contribute to their growth in some way”, adds Sofia. Rejecting a rigid programmatic model, it is not surprising that,

muito importante, contribuindo para o seu crescimento de alguma forma”, acrescenta Sofia. Rejeitando um modelo programático rígido, não é de estranhar que vaga (por definição) se desenvolva de forma orgânica e autónoma, acolhendo dinâmicas que podem surgir espontaneamente, no dia-a-dia. Com uma agenda anual organizada por ciclos – as “temporadas”, intercaladas por um momento de pausa e reflexão, o “intervalo” –, dela fazem também parte as chamadas “assembleias”: encontros mensais, abertos ao público, conduzidos por artistas, agentes e produtores em torno de distintas temáticas.

Ocupando um armazém de 400 m², dividido em três áreas, o projecto de arquitectura da vaga foi entregue a Joana de Oliveira e a Giacomo Mezzadri, do Mezzo Atelier,

by definition, vaga (the wave) develops in an organic and autonomous way, welcoming dynamics that may come up spontaneously on a day-to-day basis. The year's agenda is organised into cycles – the “seasons” – alternating with moments of pause and reflection, the “interval”. Then there are the so-called “assemblies” which are also part of it: monthly meetings, open to the public, held by artists, agents and producers around different themes.

Occupying a 400 m² warehouse, divided into three areas, the architectural design of the space was assigned to Joana de Oliveira and Giacomo Mezzadri, from Mezzo Atelier, with whom



com quem colaboram desde 2016. E, por isso, “já familiarizados com as nossas necessidades”, reconhece Sofia. Ao centro, com quatro portas pivotantes, sugerindo diferentes modos de circulação, abre-se a galeria, espaço de apresentação de projectos vários, que tanto podem ser exposições, performances ou debates; lateralmente, a oficina, destinada à criação e produção, e ocupada, aquando da nossa visita, pela RARA – Residência de Artesanato da Região dos Açores, com curadoria de Miguel Flor; por fim, surge-nos a casa, integrando as zonas de trabalho, de reuniões e refeições, às quais se somam, na mezzanine, dois quartos para receber artistas em residência. De realçar, ainda, a loja inserida na parede expositiva no átrio principal – visto como extensão natural da rua –, e a opção pelo tom azul acinzentado, com vista a uniformizar a fachada e seus elementos.

Perante iniciativas como o W&T, a assegurar que revigorantes “vagas” continuem a dar à costa dos Açores – destino tão idílico quanto acolhedor, tantas vezes distinguido internacionalmente –, potenciando o seu património único e aliando-o a uma salutar dinamização artística, o que mais nos resta pedir, afinal, neste paraíso insular? [▲]

they've been collaborating since 2016 and who were, therefore, “already familiar with our needs”, Sofia acknowledges. At the centre, with its four swivelling doors, suggesting different modes of circulation, the gallery opens out, offering a space for the presentation of various projects, which can take the form of exhibitions, performances or debates. To the side we find the workshop dedicated to creation and production, and at the time of our visit it was occupied by RARA - Design and Crafts Residency of the Azores –, curated by Miguel Flor. Finally, we come to the house, which integrates areas for work, meetings and meals, complemented by the mezzanine, with its two rooms for accommodating artists-in-residence. Also worth mentioning, is the shop set into the exhibition wall in the main atrium – seen as a natural extension of the street – and the choice of a greyish blue tone, aimed at unifying the façade and its elements.

With initiatives such as the W&T, ensuring that invigorating ‘waves’ continue to wash over the Azores coastline – a destination that is as idyllic as it is welcoming and, so often distinguished internationally – enhancing its unique heritage and combining it with a healthy artistic dynamism, what more can we ask of this island paradise? [▲]

QUINTA NOVA DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Covas do Douro, Portugal



Recostados nas almofadas do terraço, apreciamos as vistas desafogadas sobre as encostas verdejantes, uma cenografia que sempre nos absorve e nos apaixonava como se fosse a primeira a vez. No chilrear dos pássaros, há o silêncio do Douro. Uma pureza dilatada que excede o campo visual e que é eterna na sua beleza e serenidade, envolvendo-nos a cada recanto da Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo, propriedade adquirida em 1999 pelo grupo Amorim, originalmente referenciada em 1756.

É aqui que, na margem direita do rio Douro – ao longo de 1,5 quilómetros e de uma mancha única de 85 hectares de vinha –, ficamos a conhecer a herança daquela que terá sido a primeira propriedade de enoturismo da região. “Há uma calma e uma paz que não se explicam, quem chega aqui consegue desligar e recarregar completamente”, conta-nos Luís Sousa, director da Winery House, à medida que nos conduz pelos interiores quentes e aconchegantes, envolvidos pelo xisto nas paredes e pelos bonitos tectos em madeira. Deixando a recepção, subimos ao Wine Bar e somos conduzidos para o interior do Salão de Inverno, pautado pelos quadros botânicos e uma suave vegetação. Detalhes clássicos, que se traduzem numa selecção de móveis antigos, e que se fundem com peças mais leves e contemporâneas, também nos 11 quartos da propriedade, distribuídos pelos dois pisos. “Em nenhum deles vão encontrar uma televisão, o foco será sempre o exterior”, sublinha o director, uma premissa que acabaria por orientar o projecto assinado pela arquitecta Ana Isabel Vale, responsável por recriar uma atmosfera genuinamente confortável e familiar.

Lounging on the terrace cushions, we relish the sweeping view over the green hillsides, a panorama that always captivates us as if for the very first time. The twittering of the birds captures the silence of the Douro. A vast sense of purity that goes beyond the visual sphere and which is eternal in its beauty and serenity, embracing us in every corner of Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo. The estate was acquired in 1999 by the Amorim group, and the first references to it date back to 1756.

It is here on the River Douro – stretching over 1.5 kilometres along its right bank and a unique 85 hectares of vineyard – that we learn about the heritage of what is said to have been the first wine tourism property in the region. “There’s a calm and peace that is hard to explain; everyone who comes here is able to switch off and recharge completely”, Luis Sousa, director of the Winery House, explains as he shows us around the warm and cosy interiors, framed by the schist walls and beautiful wooden ceilings. Leaving the reception, we head up to the Wine Bar and are led inside the Winter Salon, lined with botanical paintings and soft vegetation. Classic details – expressed through a selection of antique furniture combined with lighter and more contemporary pieces – extends into the property’s 11 rooms, distributed over the two floors. “There are no televisions to be found in any of the rooms, with the focus always being on the outdoors”, emphasises the director. This is the premise that guided the project signed by architect Ana Isabel Vale, who was tasked with recreating a genuinely comfortable and family atmosphere.

Pág. esq./left page: Vista da vinha para a zona dos quartos. / *View from the vineyard to the bedroom area.*

Pág. dir./right page:
▲ A piscina, envolta em xisto, emoldura a paisagem vinhateira. / *The swimming pool, surrounded by schist, frames the vineyard landscape.*
► Pérgola exterior com acesso à loja de vinhos. / *Outdoor pergola that accesses the wine shop.*
▲► Recepção. / *Lobby.*



Recentemente distinguido com o selo da Relais & Châteaux, serão, contudo, os seus múltiplos recantos a sua riqueza maior, começando na colecção impressionante de mais de 500 peças de Fernanda Amorim, um espólio inserido no museu da propriedade que ilustra o ciclo produtivo do Vinho do Porto; passando pela encantadora capela junto à casa senhorial, onde ainda hoje decorrem as missas da vindima; ou, ainda, a simpática piscina de xisto, inserida nos socalcos durienses. Sem esquecer, naturalmente, as habituais "provas de vinho ou a experiência do Enólogo por um dia, onde os participantes têm a oportunidade de criar o seu próprio vinho através do blending dos lotes seleccionados", acrescenta, mas também "a possibilidade de fazerem um passeio de barco, comboio ou caminhada pela manhã, nos três trilhos recomendados".

Ainda assim, terá sido provavelmente à mesa da esplanada do restaurante Terraçu's, conduzidos pela enorme simpatia e dedicação constantes do staff, que acabaríamos por testemunhar a verdadeira essência deste lugar. Ao longo de uma experiência gastronómica inesquecível, comandada pelo chef André Carvalho, redescobrimos o conforto dos sabores portugueses – onde os tradicionais cuscos, originais de Trás-os-Montes, acabariam por assumir o devido protagonismo – e comprovámos a qualidade vinícola deste terroir, sempre tão diversificada quanto emocional. ▲

Although it was recently awarded the Relais & Châteaux seal, its greatest asset of all is to be found in its many different corners, starting with Fernanda Amorim's impressive collection of over 500 items, a collection housed in the estate's museum which illustrates the production cycle of Port Wine. Then there is the delightful chapel adjoining the manor house, where the grape harvest masses take place to this day; and even the stunning schist swimming pool, nestled on the terraces of the River Douro. Naturally, we cannot forget to mention the customary "wine tastings or the Winemaker for a Day experience, offering participants the chance to craft their own wine by blending selected batches", he adds, as well as "the options of taking a boat or train ride or a morning stroll along the three recommended trails".

Nevertheless, it was probably while seated at the table on the terrace of Terraçu's restaurant, overseen by the genuine friendliness and constant dedication of the staff, that we would end up savouring the true essence of this place. Over the course of an unforgettable gastronomic experience, delivered by Chef André Carvalho, we rediscovered the comfort of Portuguese flavours – with the traditional "cuscos", from Trás-os-Montes stealing the limelight – and we witnessed the quality of wine from this terroir, offering us all its diversity and emotions. ▲

◀ Esplanada do restaurante Terraçu's. / *Terraçu's restaurant terrace.*
 ▼ Na zona exterior, os vários cadeirões e poltronas convidam os hóspedes a contemplar os socalcos do Douro. / *In the outdoor area, the several armchairs invite guests to contemplate the Douro terraces.*



O Futuro? Estamos a *desenhá-lo*



adico.pt

Rua Comendador Adelino Dias Costa, 74, P. O. Box 2, 3860-076 Avanca, Portugal

(+351) 234 850 850 adico@adico.pt

[f](https://www.facebook.com/adico.mobiliariometalico) [@](https://www.instagram.com/adico.mobiliariometalico) [adico.mobiliariometalico](https://www.instagram.com/adico.mobiliariometalico) [in](https://www.linkedin.com/company/adico-mobiliariometalico) [p](https://www.pinterest.com/adicomobiliariometalico) [@adicomobiliariometalico](https://www.pinterest.com/adicomobiliariometalico)

The Bedside Table – www.thebedsidetableproject.com



Art She Says – www.artshesays.com



ARTUNER – www.artuner.com



Empenhado em explorar a relação do Homem com o seu universo doméstico e pessoal, The Bedside Table é o mais recente projecto curatorial de Pedro Valdez Cardoso, uma sucessão de obras desenvolvidas ao longo de um ano onde o artista plástico desafia outros criativos a recriar o interior da sua mesa de cabeceira. Num registo exclusivamente digital, divulgado quinzenalmente, 24 artistas nacionais e internacionais – entre eles Ana Jotta, Julião Sarmiento, Miguel Palma e Susanne S. D. Themlitz –, convidam-nos a conhecer o interior desta gaveta pelo seu olhar distinto e particular, conjugando “o objecto, que tende a ser mais permanente” com a “efemeridade de uma flor”, que completa cada criação artística. Reconhecendo a importância da linguagem digital desenvolvida pelo estúdio OH! MANA, também responsável pela criação de diferentes posters inspirados nas plantas escolhidas, o artista português desperta-nos para múltiplas possibilidades criativas dentro de portas, levando-nos a explorar com humor, nostalgia ou misticismo, o secretismo de um espaço habitualmente intimista e negligenciado.

Striving to explore man's relationship with his domestic and personal universe, The Bedside Table is Pedro Valdez Cardoso's most recent curatorial project: a succession of works developed over a year through which the artist challenges other creatives to recreate the inside of his bedside table. In an exclusively digital format, published fortnightly, 24 Portuguese and international artists – among them Ana Jotta, Julião Sarmiento, Miguel Palma and Susanne S. D. Themlitz – invite us to discover the inside of this drawer through their distinctive and personal perspective, conjugating “the object, which tends to be more permanent” with the “ephemerality of a flower”, thus completing each artistic creation.

Acknowledging the importance of the digital language developed by the OH! MANA studio, which is also behind the creation of different posters inspired by the selected plants, the Portuguese artist raises our awareness of the multiple creative possibilities indoors, prompting us to explore, with humour, nostalgia or mysticism, the secrecy of a space that is usually intimate and neglected.

A falta de “empoderamento feminino” no universo artístico fê-la reconhecer a ausência de uma plataforma que destacasse “artistas e negociantes de arte do sexo feminino, de uma forma mais assertiva e poderosa”. Depois de passar pelo mundo editorial, assumindo a curadoria de diferentes exposições, foi este o mote que levaria a directora criativa Eliza Ali a fundar a Art She Says, uma revista digital empenhada na divulgação de conteúdo e serviços de arte “significativos e diversificados”, promovendo o trabalho das mulheres de forma mais aberta e democrática. “Actualmente, apenas 2% das mulheres artistas são responsáveis pelas vendas em todo o mercado. O nosso trabalho é continuar a destacar mulheres influentes no mundo das artes, provocando conversas e inspirando outras mulheres a mostrar o seu impacto na sociedade.” Através de uma selecção criteriosa de artistas, curadoras, empresárias ou negociantes de arte, é ao lado de uma talentosa equipa de editoras de vários cantos do mundo – de Los Angeles a Nova Iorque, passando por Londres ou Milão – que a artpreneur dá a conhecer uma comunidade de vozes femininas, somando ainda serviços de aconselhamento de arte, curadoria, organização de eventos e, mais recentemente, uma galeria em Nova Iorque, um novo espaço pensado para favorecer o contacto directo com os colecionadores.

The lack of “female empowerment” in the world of art led her to identify the absence of a platform that highlighted “female artists and art dealers, in a more assertive and authoritative way”. After working in the publishing world, undertaking the curation of different exhibitions, this was the impetus that would lead creative director Eliza Ali to establish Art She Says, a digital magazine committed to disseminating “meaningful and diverse” art content and services, promoting women's work in a more open and democratic way. “Currently, only 2% of women artists account for sales across the market. Our job is to continue showcasing influential women in the art world, provoking conversations and inspiring other women to demonstrate their impact on society.” Through a discerning selection of artists, curators, entrepreneurs and art dealers, and in association with a talented team of publishers from various corners of the world – from Los Angeles to New York to London and Milan – the artpreneur spotlights a community of female

voices, while also offering art advisory services, curatorship, event organisation and, more recently, a gallery in New York, providing a new venue designed to foster direct contact with collectors.

Lançada em 2013 pelo coleccionador e curador Eugenio Re Rebaudengo, ARTUNER nasce da sua vontade incansável em dar voz à arte contemporânea, procurando levar o talento emergente de vários artistas a uma vasta gama de coleccionadores de todo o mundo. Originalmente concebida em formato digital, através da promoção de exposições online desenvolvidas lado a lado com conceituadas instituições artísticas, surge agora em registo híbrido, somando à curadoria de exposições digitais novas apresentações pop-up por todo o mundo, permitindo que os artistas “possam desenvolver o seu trabalho em locais mais ambiciosos e aliciantes.” De pequenos pátios na ilha de Sifnos a palácios barrocos em Turim, a plataforma tem vindo a apostar em parcerias com galerias como a Max Hetzler, em Berlim e em Paris, ou o Palais de Tokyo, passando ainda a representar um entusiasta painel de criativos de diferentes áreas, ao qual já se juntaram nomes como Paul Kneale, Inez de Brauw, Ana Elisa Egreja ou Luigi Ghirri.

Launched in 2013 by the collector and curator Eugenio Re Rebaudengo, ARTUNER was born from his relentless desire to give a voice to contemporary art, seeking to reveal the emerging talent of various artists to a diverse range of collectors around the world. Although originally conceptualised in digital format, through the promotion of online exhibitions developed in close association with respected art institutions, it now appears in a hybrid register, adding to the curation of digital exhibitions new pop-up presentations around the world, enabling artists “to develop their work in more ambitious and appealing venues.” From small patios on the island of Sifnos to baroque palaces in Turin, the platform has been investing in partnerships with galleries such as Max Hetzler, in Berlin and Paris, or the Palais de Tokyo, and going even further by representing an exciting panel of creatives from different areas, which has already attracted names such as Paul Kneale, Inez de Brauw, Ana Elisa Egreja and Luigi Ghirri.

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

ANTÓNIO
FILIPES
PIMENTEL

Reconhecido por ter uma visão inovadora sobre a missão pública e universal dos museus nos nossos dias, aberta à sociedade e ambiciosa no seu estudo e aprofundamento, António Filipe Pimentel é o novo director do Museu Calouste Gulbenkian. Tornou-se conhecido do grande público pela sua coragem e empenho na função de Director do Museu de Arte Antiga, em Lisboa, (MNAA) e, entre várias linhas de gestão, gerou a campanha "Vamos Pôr o Sequeira no Lugar Certo", que conseguiu angariar 600.000€ da sociedade civil para a aquisição do quadro de Domingos Sequeira "a Adoração dos Magos", que viria a integrar a colecção do MNAA. Um evento inédito em Portugal de colaboração e de envolvimento do cidadão na cultura, liderado por Pimentel, que, não só trouxe a obra para dentro do museu, mas também transformou a forma de pensar e actuar dos portugueses em relação ao seu património.

Alda Galsterer + Verónica de Mello: Congratulamo-lo pela sua nova posição no Museu Calouste Gulbenkian (MCG). Em 1991, recebeu o Prémio Gulbenkian de História da Arte. Esta nomeação para Director do Museu Gulbenkian é quase como um "voltar a casa"? António Filipe Pimentel: Também (como quase "toda a gente") beneficie de bolsas de estudo e de apoios que se revelaram, muitas vezes, essenciais ao desenvolvimento do meu trabalho científico – pelas quais estou, evidentemente, reconhecido. A Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) é, há muito, para muita gente e também, obviamente, para mim, uma "casa", de onde nunca verdadeiramente se sai: nas áreas da cultura, da educação, da ciência... Nesse sentido, mais do que um regresso, é um desafio, no qual tentarei, na medida do possível, devolver o que recebi.

Acknowledged for his innovative vision of the public and universal mission of museums today that is both open to society and ambitious in its analysis and depth, António Filipe Pimentel is the new director of the Calouste Gulbenkian Museum. He became known to the general public for his courage and commitment in his role as Director of the National Museum of Ancient Art in Lisbon (MNAA) and, among various management initiatives, he headed the campaign "Let's Put Sequeira in the Right Place", which managed to raise €600,000 from civil society for the purchase of Domingos Sequeira's painting "The Adoration of the Magi", which would eventually become part of the MNAA collection. This unprecedented event in Portugal of collaboration and citizen engagement in culture, headed by Pimentel, not only brought the work to the museum, but also transformed the way the Portuguese think and act in relation to their heritage.

Alda Galsterer + Verónica de Mello: We congratulate you on your new position at the Calouste Gulbenkian Museum (MCG). In 1991 you received the Gulbenkian Prize for Art History. Is this appointment as Director of the Gulbenkian Museum a bit like a 'homecoming'? António Filipe Pimentel: I have also (like almost "everyone") benefited from scholarships and grants that have often proved to be instrumental in the development of my scientific work – for which I am, of course, indebted. The Calouste Gulbenkian Foundation (FCG) has long been, for many people and also obviously for me, a 'home', which one never really leaves, in the areas of culture, education, science... In that sense, this is more than a return, it is a challenge, one in which I will try to the best of my ability to give back what I have received.



Calouste Gulbenkian Foundation e/and António Filipe Pimentel.



"É UM DESAFIO, NO QUAL TENTAREI, NA MEDIDA DO POSSÍVEL, DEVOLVER O QUE RECEBI." – "IT IS A CHALLENGE, ONE IN WHICH I WILL TRY TO THE BEST OF MY ABILITY TO GIVE BACK WHAT I HAVE RECEIVED." António Filipe Pimentel

AG+VdM: Foi director do MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa – durante quase 10 anos. Disse que o trabalho entre os museus da Gulbenkian – Centro de Arte Moderna (CAM) e Museu Gulbenkian – poderá ser uma joint venture: tem uma visão de futuro para o Museu Gulbenkian? AFP: Obviamente que a recuperação das identidades próprias, para o MCG e o CAM, significa, essencialmente, uma opção (a meu ver inteligente) da Fundação, no sentido de potenciar ao máximo ambas as "marcas", no respeito pelas respectivas vocações e consequentes missões – pelo que não representa (como não poderia) um regresso à etapa anterior.

Nos últimos anos foram criados hábitos e sinergias (e o respectivo gosto) de trabalhar conjuntamente, que deverão permanecer como marca, seja no projecto comum, de reforçar o prestígio da Fundação a que ambas pertencem, seja na criação específica de projectos em parceria. O MCG, como é evidente, não irá ficar à margem da reabertura do CAM, quando ocorrer: será uma ocasião festiva, onde os públicos terão a oportunidade de fruir em pleno uma instituição que conta com dois grandes museus unidos, aliás, por um maravilhoso jardim, ele mesmo provido de serviço de educação e programação próprios. A isto chamo a tal "joint venture".

AG+VdM: You were director of the MNAA – National Museum of Ancient Art in Lisbon – for almost 10 years. You said that the work between the Gulbenkian museum's – Modern Art Centre (CAM) and Gulbenkian Museum – could be a joint venture: do you have a vision for the future of the Gulbenkian Museum? AFP: It's obvious that the restoration of the MCG and CAM's specific identities means, essentially, a decision (in my opinion, an intelligent one) of the Foundation, in order to maximize the potential of both "brands", respecting their different vocations and consequent missions.

In recent years, habits and synergies (and the respective taste) for working together have been developed, which should continue as a hallmark, whether in the shared project of reinforcing the prestige of the Foundation to which they both belong, or in the specific creation of projects in partnership. The MCG, of course, will not be detached from the reopening of CAM, when it takes place: it will be a celebratory occasion, where the public will have the opportunity to fully enjoy an institution that has two great museums united, as it happens, by a wonderful garden, itself provided with its own educational and programming service. This is what I call a joint venture.



▲► Jardins/ Gardens Calouste Gulbenkian Foundation; ► Benjamin Weil.

AG+VdM: O jardim da Gulbenkian é icónico na cidade de Lisboa. Num mundo em pandemia, o exterior do museu poderá ganhar maior relevância para a programação? Qual a ideia de programação e linhas estratégicas para os próximos anos? **AFP:** O jardim é parte integrante da FCG – no próprio espírito de Calouste Gulbenkian –, para quem a ligação do Homem à Natureza constituía um vector essencial da sua própria compreensão do mundo. O projecto gizado para o MCG implicou essa ideia, com os seus jardins interiores e a contínua abertura de paredes, fomentando uma noção de transparência, então altamente ousada, com o jardim envolvente. É uma verdadeira marca da própria Fundação, no seu conjunto.

Na renovação museográfica em marcha, é nossa intenção restaurar e reforçar essa ligação. Por outro lado, o jardim é o ponto de união entre o Museu e o CAM – terreno azado para a experienciãçã da tal “joint venture”, que os serviços de educação não poderão deixar de explorar, mais e mais.

Quanto à programação (para além da notabilíssima pequena mostra que abrirá em Setembro, “Visões de Dante. O Inferno segundo Botticelli”), arrancará, formalmente, no Outono de 2022, com a grande exposição “Faraós Superstars”, um projecto duplo, da egiptologia à egiptomania, gizado em parceria com o MUCEM de Marselha. Entretanto, o Museu trabalha num programa de “Obra Convidada” e, posteriormente, gostaríamos de intercalar a apresentação de projectos próprios com a apresentação de grandes colecções internacionais afins da nossa. ▲

AG+VdM: The Gulbenkian garden is a landmark in Lisbon. In a pandemic world, can the outdoor area of the museum take on greater relevance in terms of programming? What are the programming ideas and strategic lines for the coming years? **AFP:** The garden is an integral part of the FCG – in the spirit of Calouste Gulbenkian himself – for whom the connection between man and nature was an essential vector in his understanding of the world. The project designed for the MCG entailed this idea, with its interior gardens and the continuous opening of walls, fostering a very daring notion, for the time, of transparency with the surrounding garden. It is a true mark of the Foundation itself, as a whole.

In the ongoing renovation of the museum, our aim is to restore and strengthen this connection. On the other hand, the garden is the connecting point between the Museum and CAM – the perfect place to experience the joint venture that the education services will have to continually exploit.

As for programming (apart from the outstanding small exhibition that will be opened in September, “Dante’s Visions. Hell according to Botticelli”), it will formally start in autumn 2022 with the major exhibition “Pharaoh Superstars”, a double project, from Egyptology to Egyptomania, devised in partnership with the MUCEM in Marseille. In the meantime, the Museum is working on a programme of “Invited Works” and, at a later stage, we would like to intersperse the presentation of our own projects with the presentation of major international collections related to ours. ▲

CENTRO DE ARTE MODERNA GULBENKIAN

BENJAMIN WEIL

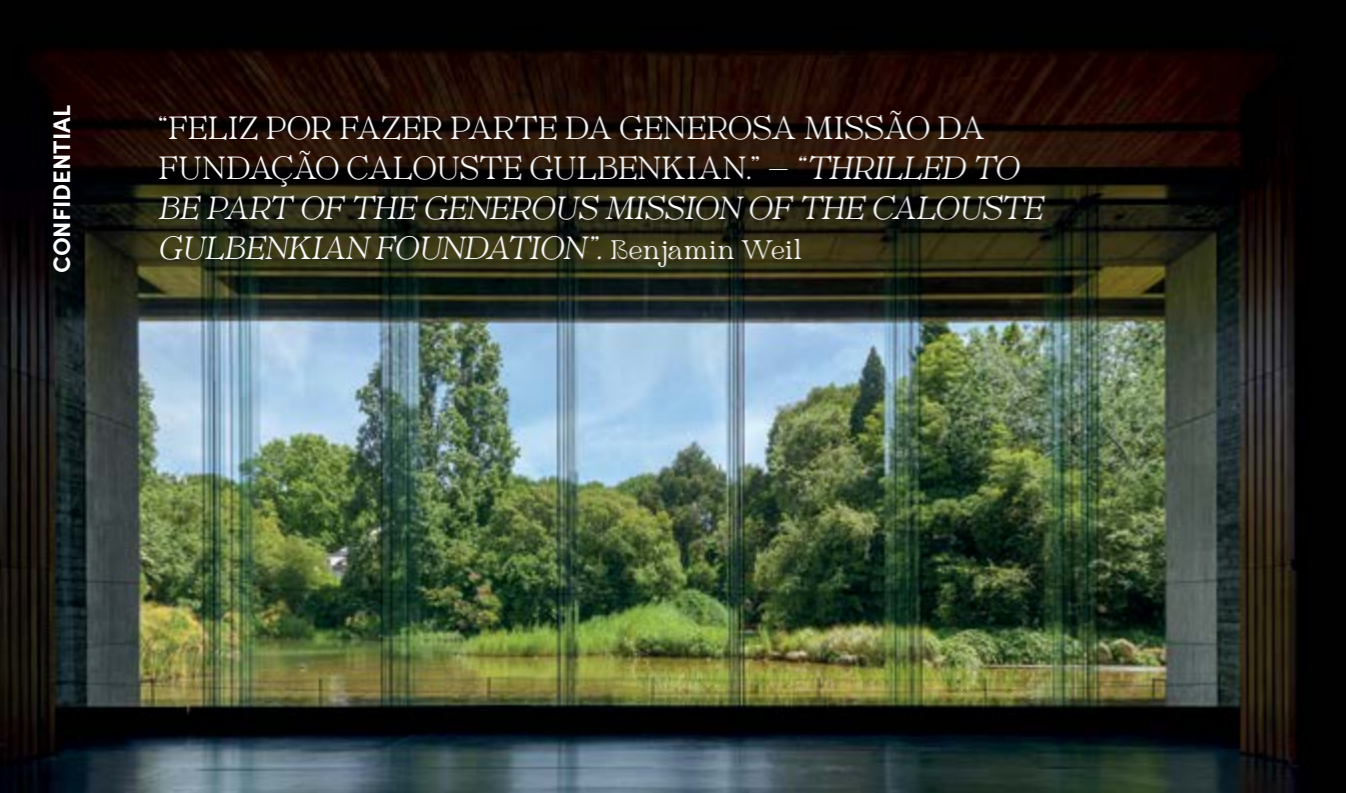
Benjamin Weil foi eleito para definir o novo rumo do Centro de Arte Moderna Gulbenkian (CAM), um espaço que está actualmente a ser remodelado pela mão do arquitecto japonês Kengo Kuma. Contando com um novo jardim que ladeia o sul do edifício, concebido por Vladimir Djurovic, o projecto permitirá que o acesso ao público seja feito através do parque, convidando os visitantes a mergulhar na natureza mesmo antes da sua chegada. Procurando alterar a percepção de tempo e de espaço, a ideia passa por proporcionar uma experiência complementar e de alargamento da mente.

Alda Galsterer + Verónica de Mello: Como vê a missão e o conceito do Centro de Arte Moderna (CAM)? Benjamin Weil: Quando o “CAM” ou “CAM - Gulbenkian”, como preferir dizer, foi concebido na viragem da década de 1970, a ideia era criar uma casa para a colecção de Arte Moderna e Contemporânea em expansão, adquirida pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), bem como mostrar o trabalho de artistas emergentes, em todos os meios de comunicação, e novas formas de arte interdisciplinares – o núcleo do famoso programa ACARTE. A missão do “novo” CAM segue

Benjamin Weil has been elected to chart the new course for the Gulbenkian Modern Art Centre (CAM), a space that is currently being revamped at the hands of Japanese architect Kengo Kuma. Featuring a new garden flanking the south of the building, designed by Vladimir Djurovic, the project will allow public access via the park, encouraging visitors to plunge into nature even before they set foot inside. Seeking to alter the perception of time and space, the idea is to provide a complementary and mind-broadening experience.

Alda Galsterer + Verónica de Mello: How do you see CAM – Modern Art Centre’s mission and concept? Benjamin Weil: When “CAM” or “CAM - Gulbenkian”, as I prefer to say, was conceived at the turn of the 70s, the idea was to provide a home for the expanding collection of Modern and Contemporary Art acquired by Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), as well as to showcase the work of emerging artists in all media, and new cross-disciplinary art forms – core to the famed ACARTE

“FELIZ POR FAZER PARTE DA GENEROSA MISSÃO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN.” – “THRILLED TO BE PART OF THE GENEROUS MISSION OF THE CALOUSTE GULBENKIAN FOUNDATION”. Benjamin Weil



os passos do projecto original: explorar novas formas de apresentar a colecção, revelar talentos emergentes, e dar proeminência a artistas mais estabelecidos.

Vamos também restabelecer um programa de artes ao vivo, para apresentar o trabalho de meios baseados no tempo, quer sejam novos ou desenvolvidos nas últimas décadas, desde que os artistas visuais começaram a produzir esse tipo de conteúdos. O programa de artes ao vivo remete-nos para os primeiros anos do CAM, quando, graças ao ACARTE, a FCG estava na vanguarda da promoção de novas formas de arte, apresentando também o trabalho de muitos artistas que não tinham tido a oportunidade de ser apresentados neste país. Sempre que possível, esforçamo-nos por oferecer uma experiência artística em todas as suas formas.

AG+VdM: Sabemos que a colaboração entre a Colecção Moderna e a Colecção do Fundador da Gulbenkian deve ser continuada. Tanto o Benjamin como o António Filipe Pimentel têm um leitmotiv para um programa comum? BW: Tanto o CAM como o Museu Calouste Gulbenkian fazem parte da mesma Fundação. Creio que a forma como as coisas funcionaram no passado faz com que estes espaços se relacionem um com o outro e sejam complementares. Além disso, partilhamos várias preocupações comuns sobre eventuais formas de chegar a novos públicos e de dinamizar a apresentação das nossas colecções, envolvendo novas gerações de visitantes através de abordagens que sejam mais relevantes no modo como se relacionam com o mundo.

AG+VdM: O que nos pode dizer sobre o novo edifício concebido pelo gabinete de Kengo Kuma para o CAM? Está a trabalhar em estreita colaboração com a sua equipa

program. The mission of the “new” CAM takes its cue from the original one: to explore new ways to present the collection, to reveal emerging talents, and to give prominence to more established artists.

We will also reinstate a live arts programme, to present work in time-based media, whether new or produced over the course of the few decades that visual artists have been conceiving that kind of work. The live arts programme will link us back to the early years of CAM, when, thanks to ACARTE, FCG was at the forefront of promoting new art forms, also presenting the work of many artists who hadn’t had the chance to be presented in this country. As far as possible, we will strive to offer an experience of art in all its forms.

AG+VdM: We know that the collaboration between the Modern Collection and the Gulbenkian’s Founder’s Collection is to be continued. Do you and António Filipe Pimentel have a leitmotiv for a common program? BW: Both CAM and Museu Calouste Gulbenkian Museum are part of the same foundation. I believe that the way things have worked in the past made them relate to each other, they are complementary. Furthermore, we share many common concerns about ways to reach out to new audiences, to dynamize the presentation of our collections, and to engage new generations of visitors with approaches that are more relevant to the way they relate to the world.

AG+VdM: What can you tell us about the new building designed by the architecture studio Kengo Kuma for CAM? Are you working closely with their team to conceive a better and more suitable space for the collection? BW: The issue is more to think about creating a place where people of all generations can feel at ease with culture. I am particularly impressed by the way Kengo Kuma is redefining the relationship between

Projecto de/Project by Kengo Kuma. Pág. esq./Left page: Calouste Gulbenkian Foundation.



de arquitetura para conceber um espaço melhor e mais adequado para a colecção? BW: A questão passa por criar um lugar onde as pessoas de todas as gerações possam sentir-se à vontade com a cultura. Estou particularmente impressionado com a forma como Kengo Kuma está a redefinir a relação entre o edifício e o jardim. As qualidades arquitectónicas existentes do edifício serão melhoradas. O fluxo de visitantes tornar-se-á mais fluido entre os vários espaços, e estaremos a oferecer vários tipos de experiência, muito para além da forma tradicional de ver a arte.

A colecção estará presente em todos os tipos de formatos e ritmos de exposição – algumas apresentações durarão um ano, enquanto outras poderão durar apenas duas semanas. O nosso objectivo é tornar a arte mais acessível.

AG+VdM: O jardim Gulbenkian é de grande importância para a cidade de Lisboa, as suas qualidades espaciais e paisagísticas históricas tornaram-se ainda mais cruciais após a pandemia. Estará o futuro programa do CAM mais relacionado com este jardim icónico? Estará o museu a expandir-se para o exterior? BW: Quando o CAM reabrir, estará rodeado de jardins e, para aceder ao edifício, será necessário atravessar um deles: a sua entrada principal será feita através do novo jardim localizado a sul, e não através da rua. Também será possível entrar através dos jardins existentes a norte, que ligam o CAM aos outros edifícios da Fundação.

O novo jardim será também uma ocasião para reflectirmos sobre a forma como podemos expandir o museu, de modo a melhorar a dinâmica criada pela extensão de Kengo Kuma. Provavelmente vamos realizar mais actividades no jardim, onde também poderemos colocar algumas obras da colecção. [▲]

the building and the garden. The existing architectonic qualities of the building will be enhanced. The flow of visitors will be fluidified between the various spaces, and we will be offering various types of experience, which will go beyond the traditional approach to viewing art.

The collection will be very present, in all kinds of exhibition formats and rhythms – some presentations will last a year, while other may last as little as two weeks. Our aim is to make art more accessible.

AG+VdM: The Gulbenkian garden is of major importance to the city of Lisbon; its spatial qualities and historic landscaping became even more crucial after the pandemic. Will the future program of CAM be more engaged with this iconic garden? Is the museum expanding outdoors? BW: When CAM reopens, it will be surrounded by gardens, and to access the building, one will have to cross one of them: its main entrance will be from the new garden located South, and no longer from the street. Of course, visitors will also be able to approach it from the North, through the existing gardens that link CAM to the other buildings of the Foundation.

The new garden will also offer the opportunity to reflect on how we expand the museum, to enhance the dynamics created by Kengo Kuma’s extension. We will probably hold more activities in the garden, where we might also place some works from the collection. [▲]

ANA CLARA SILVA

A MUDAR POUCO A POUCO A CENA ARTÍSTICA DE MIAMI?
CHANGING THE MIAMI ART SCENE BIT BY BIT



Ana Clara Silva é a nova directora de exposições do Faena Art, uma organização sem fins lucrativos que apresenta práticas criativas inovadoras num edifício impressionante desenhado por Rem Koolhaas, do estúdio OMA, em Miami Beach. De grande sorriso e trato fácil, a directora acredita que ainda há espaço para desenvolver um trabalho curatorial nesta geografia, acabando por se dedicar a outros projectos enquanto membro da Placeholder, conceito que desenvolve exposições temporárias em lugares distintos da cidade de Miami, e directora de programação do The55Project, uma plataforma que promove artistas brasileiros num contexto internacional. Editora de uma série de publicações artísticas, contribuiu para o livro de arte cubana *Adiós Utopia: Art in Cuba since 1950*, e em breve lançará uma nova publicação, *Women Photographers International Archive Congress Catalogue*.

Ana Clara Silva is the new director of exhibitions at Faena Art, a non-profit organisation that presents innovative creative practices in an impressive building designed by Rem Koolhaas from OMA studio, on Miami Beach. With her broad smile and friendly manner, the director believes there's still scope for developing curatorial work in this area, dedicating herself to other projects as a member of Placeholder, a concept that develops temporary exhibitions in different locations in the city of Miami, and programming director of The55Project, a platform for promoting Brazilian artists in an international context. Editor of a series of artistic publications, she collaborated on the Cuban art book *Adiós Utopia: Art in Cuba since 1950*, and will soon be launching a new publication, *Women Photographers International Archive Congress Catalogue*.

Verónica de Mello: Como são desenvolvidos projectos alternativos com artistas emergentes no panorama artístico de Miami? Como concilia a curadoria, a programação do Faena Art e o The55Project? Ana Clara Silva: Miami tem grandes feiras, museus e galerias, mas também há espaço para um modelo alternativo. Tive a sorte de criar relações com pessoas de todas as partes do mundo da arte e, por sua vez, tenho sido capaz de organizar exposições e performances em diferentes espaços da cidade. Gosto de participar no que está a acontecer na cidade – conversas, inaugurações, *happenings*, performances, etc. Isto significa que vou acompanhando o que se passa e tento abordar as questões mais relevantes.

Quanto a este malabarismo que faço com os meus projectos, claro que existem momentos em que penso que fui longe demais e assumi demasiadas responsabilidades. Mas, de facto, todos eles estão alinhados de alguma forma e as ligações entre eles vão surgindo de forma natural. Apesar de cada um contar uma história diferente, é como se todos falassem a mesma língua.

VdM: Enquanto directora de exposições do Faena Art, como vê a programação de 2022, pós-pandemia? O que é que a cidade precisa e como acha que vai reagir? ACS: Durante o auge da pandemia em 2020, a quarentena fez com que Fórum Faena não pudesse ser utilizado para eventos e programas regulares. Vimos isto como uma oportunidade de utilizar o espaço para algo especial e criámos o primeiro programa de Residências Artísticas do Faena Art.

Em 2022, vamos continuar com este programa, pois acredito que é uma forma importante de mostrar como o Faena Art pode chegar à comunidade artística e servir de catalisador para práticas inovadoras, *site-specific* e imersivas, ao criar espaço para a experimentação. Claro que continuaremos a produzir e alojar experiências artísticas interdisciplinares, mas este novo programa é algo que nasceu na pandemia e estamos todos muito entusiasmados por vê-lo crescer em 2022. [▲]

Verónica de Mello: How are alternative projects developed with budding artists on the Miami art scene? How do you juggle curating, Faena Art's programming and The55Project? Ana Clara Silva: Miami has the big fairs, museums, and galleries, but there is also a lot of scope for a type of alternative model. I've been lucky to create relationships with people from all parts of the art world, and in turn have been able to organize exhibitions and performances in different spaces throughout the city. I'm also constantly participating in what's going on around Miami – artist talks, openings, happenings, performances, etc. This means that I see things as they change and push to address issues that are relevant.

As far as juggling all of my projects, there are certainly moments when I think I've gone too far and taken on too much. But the reality is that they are all aligned in some way and creating links through each project feels natural. There are elements in each that relate to the other; it's as if although they are each telling a different story, they are all speaking the same language.

VdM: As Faena Art's director of exhibitions, what is your vision for post-pandemic programming in 2022? What do you think the city needs and how do you think it will react? ACS: During the height of the COVID pandemic in 2020, quarantining meant that the Faena Forum wasn't being used for regular events and programs. We saw this as an opportunity to use the space for something special and created Faena Art's first Artist in Residence program.

In 2022, we will be continuing the program, which I think is an important component of how Faena Art can reach the artistic community and adds to the mission of serving as a catalyst for innovative, site-specific, and immersive practices because it allows space for experimentation. Of course, we will continue to commission, produce, and house cross-disciplinary artistic experiences, but this new program is something that was born out of the pandemic and we're all very excited to see it develop and grow in 2022. [▲]



Pág. esq./Left page: ◀ Ana Clara Silva no/at the Miami Beach Botanical Garden, obra de/artwork by Gustavo Prado. Courtesy of The55Project. Pág. esq. e dir./Left and right page: ◀ Faena Forum by OMA Architecture. Photo Courtesy Faena Art.

STÉPHANIE RUTH

PALAVRAS E EXPOSIÇÕES

WORDS AND EXHIBITIONS

Stéphanie Ruth é uma mulher do mundo (da arte). Trabalha como curadora, designer e escritora e tem o Mestrado em História de Arte pelo Courtauld Institute of Art, e o grau de Desenho de Interiores pela KLC School of Design, em Londres. Viveu em Londres, Nova Iorque e Berlim, e voltou agora para Londres, onde vive com o seu marido. Desde 2003, tem comissariado exposições de artistas como Giacomo Balla, Vanessa Beecroft, Kate Bellm, Piero Dorazio, Marcel Duchamp, Lyonel Feininger, Rachel Whiteread, entre outros.

Sempre que faz curadoria de exposições ou desenho de interiores, Ruth olha para o espaço como um todo: todos os elementos são tomados em consideração. Não tem complexos nenhuns em dizer que o que lhe interessa é desfazer as fronteiras entre a arte e o design, uma das razões pelas quais tem planos de abrir um espaço "non-white-cube" para o ano, em Londres.

Stéphanie Ruth is a woman of the (art) world. She works as curator, designer and writer and has an MA in Art History from the Courtauld Institute of Art, and an Interior Design degree from the KLC School of Design in London. She has lived in London, New York and Berlin, having now returned to London, where she lives with her husband. Since 2003, she has curated exhibitions by artists such as Giacomo Balla, Vanessa Beecroft, Kate Bellm, Piero Dorazio, Marcel Duchamp, Lyonel Feininger, Rachel Whiteread, among others.

Whenever curating exhibitions or interior design, Ruth looks at the space as a whole; all the elements are taken into consideration. She has no complexes about affirming that what interests her is the blurring of the boundaries between art and design, which is one of the reasons she plans to open a "non-white-cube" space in London next year.



Alda Galsterer: Há alguns anos disse que a ideia de uma galeria num "white-cube" era, na sua opinião, antiquada e restrita. No entanto, lembro-me de quando trabalhava na sua galeria em Berlim, que era tudo menos um cubo branco com os seus painéis de madeira e transparecia uma sensação quase palaciana. Acredita que essa galeria já anunciava a sua vontade em quebrar as fronteiras entre o espaço "neutro" da galeria e o de uma casa? **Stéphanie Ruth:** Sim, totalmente. Demorou muito tempo até encontrar um espaço único e histórico para a Moeller Fine Art, em Berlim. A sala com painéis de madeira criou um contexto diferente para a exposição de arte. Havia três espaços adicionais mais neutros com paredes móveis que o arquitecto Thomas Kröger concebeu para permitir mais flexibilidade. Assim, ao longo de cinco anos, pude fazer a curadoria de uma série de exposições como "George Grosz, Esquire" – que mostrava os seus desenhos para a revista Esquire, acompanhados pelas histórias que ilustravam. Convidei também o artista coreano contemporâneo Jeongmoon Choi para criar um trabalho escultórico específico para o local.

Procuro, sobretudo, activar ou desafiar o ambiente expositivo, promovendo uma experiência e a sensação de compromisso. Gostaria de afastar essa ideia de "templo de culto" frequentemente associada ao formato de "cubo branco".

AG: Os primeiros 20 anos do século XX revelaram uma explosão de criatividade. Será esta a razão pela qual está tão fascinada com o Modernismo? **SR:** Na verdade, gosto de todos os períodos de arte, mas, sim, passei definitivamente a maior parte do tempo com o Modernismo. Especializei-me em Arte Moderna Europeia durante o meu mestrado no Instituto de Arte Courtauld, especificamente no período entre 1918–1933, que correspondeu à República de Weimar. Achei fascinante a procura de um mundo melhor e de uma nova linguagem visual, tendo como pano de fundo a Primeira Guerra Mundial.

AG: É filha de um coleccionador e galerista; trabalhou para a galeria da sua família, assumindo a curadoria de exposições e a direcção da galeria em Berlim. Para muitos, isto seria um sonho tornado realidade. Onde e como vê o seu futuro? **SR:** Sinto-me privilegiada por ter tido a oportunidade de aprender com o meu pai, mas é preciso deixar o ninho em algum momento. Isso e o facto de o modelo tradicional de galeria estar um pouco ultrapassado. Tenho actualmente alguns projectos de arquitectura de interiores e este é um trabalho paralelo que vejo como uma extensão da minha prática de activação do espaço. Para responder à pergunta, vejo mais o meu futuro num papel de curadora-enquanto-artista-enquanto-curadora. Gostaria de utilizar o formato expositivo como um meio para a minha própria expressão artística – para criar novas narrativas através das narrativas existentes dentro dos objectos e obras de arte de outras pessoas. ^A

Alda Galsterer: Some years ago, you said that the white-cube gallery felt antiquated and restricted to you. However, I remember you working in your gallery in Berlin, which was anything but a white cube with its wooden panelled walls and an almost palatial feeling about it. Was your gallery in Berlin already a step into blurring the boundaries between the "neutral" gallery space and that of the home? **Stéphanie Ruth:** Yes, absolutely. It took a long time to find a historical and unique space for Moeller Fine Art in Berlin. The wood-panelled room created a different context for displaying art. There were three additional more neutral spaces with moveable walls that architect Thomas Kröger designed to allow more flexibility. So, over the course of five years, I was able to curate a range of exhibitions such as "George Grosz, Esquire" – that showed his drawings for Esquire Magazine accompanied by the stories they illustrated. I also invited Korean contemporary artist Jeongmoon Choi to create a site-specific sculptural work.

My interest is more about activating or challenging the exhibition environment by encouraging an experience and a spirit of engagement. I'd like to strip away that temple of worship one often finds in the white-cube format.

AG: The first 20 years of the 20th century were an explosion of creativity. Is this the reason, why you are so fascinated with Modernism? **SR:** I like all periods in art actually. But, yes, I have definitely spent most of my time with Modernism. I specialised in European Modern Art, specifically the period between 1918–1933 – of the Weimar Republic – during my Masters at the Courtauld Institute of Art. What I found fascinating was the search for a better world and of a new visual language against the backdrop of World War One.

AG: You grew up as the daughter of a collector and gallerist; you worked for your family's gallery, curating shows, directing the gallery in Berlin. For many, this would be a dream come true. Where and how do you see your future? **SR:** I feel privileged to have had the opportunity to learn from my father but one needs to fly the nest at some point. That, and the traditional gallery model feels a bit outdated. I currently have a few projects as an interior architect, designer. This is a side gig that I see as an extension of my overall practice of activating space. To answer your question, I see my future more in a curator-as-artist-as-curator role. I would like to employ the exhibition format as a medium for my own artistic expression – to create new narratives through existing narratives within the objects and artworks of others. ^A

Pág. esq./Left page: ◀Stéphanie Ruth; ▶Livro de/Book of Stéphanie Ruth: Culture of Spectacle; ▼Vista da Exposição/Exhibition View Moeller Fine Arts Berlin, Giacomo Balla, MFA. Photo ©Hans Georg Gaul.

SIMONE COSCARELLI PARMA



Natural do Brasil, Simone é uma cidadã do mundo. Já morou em Houston, Londres, Haia, Rio de Janeiro e encontra-se actualmente a viver em Paris. A sua colecção de arte da América Latina reflecte não só as cidades por onde passou, mas também a sua vontade em dar mais visibilidade a artistas fora do seu continente. A sua envolvimento com o mundo da arte não passa apenas pelo coleccionismo: é ainda directora de comunicações do Verbier Art Summit e patrona de várias instituições.

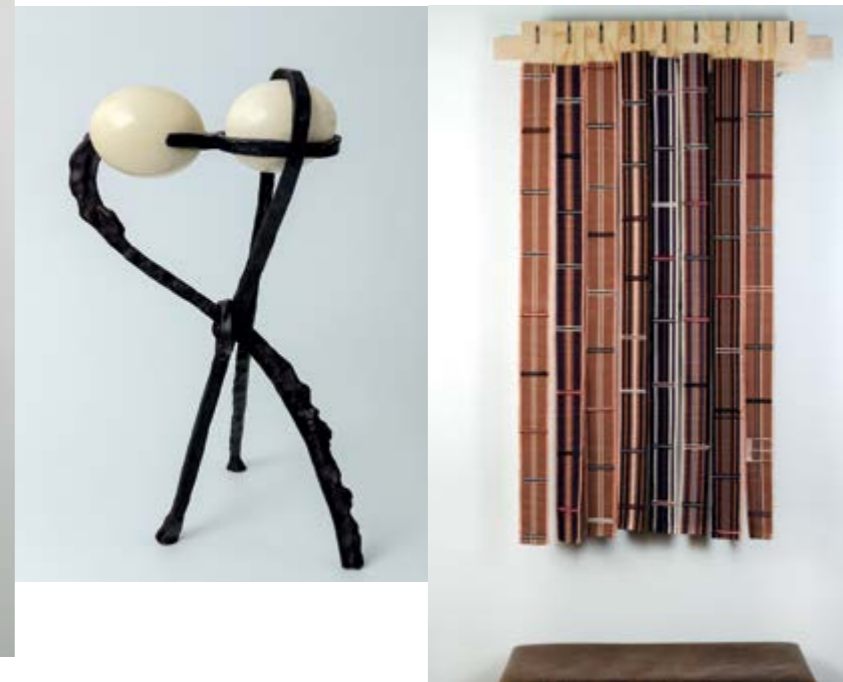
Rita Almeida Freitas: Estudou Fine and Decorative Arts. O que a levou a coleccionar arte contemporânea em vez de enveredar pela sua área de estudo? Qual a principal motivação por trás da sua colecção? Simone Coscarelli Parma: Na verdade, a influência que isso tem na minha colecção é enorme. Em primeiro lugar, senti a necessidade de entender a arte do meu tempo. Acredito que ter estudado a arte do passado me ajudou a perceber melhor a arte do presente, conseguindo estabelecer uma relação entre as duas. Além disso, ter estudado elementos como o tecido, a porcelana, a madeira ou o vidro fez com que começasse a apreciar processos e materiais diferentes. Isso reflecte-se muito nas minhas escolhas, ainda que de forma inconsciente.

Born in Brazil, Simone is a global citizen. She has already lived in Houston, London, The Hague, Rio de Janeiro and presently lives in Paris. Her collection of Latin American art not only reflects the cities where she has been, but also her ambition to offer more visibility to artists beyond her continent. Her engagement with the world of art is not only through collecting: she is also communications director of the Verbier Art Summit and patron of several institutions.

Rita Almeida Freitas: You studied Fine and Decorative Arts. What led you to collect contemporary art instead of pursuing your field of study? What is the main impetus behind your collection? Simone Coscarelli Parma: Actually, the influence my academic background has on my collection is enormous. First of all, I felt the need to understand the art of my time. I believe that having studied the art of the past has afforded me a better understanding of present-day art, allowing me to establish a relationship between the two. Also, having studied elements such as fabric, porcelain, wood and glass led me start appreciating different processes and materials. This is very much reflected in my choices, even if unconsciously.



Pág. esq./ *Left page:* Sala de estar com trabalhos de Paula Turmina e Ana Mazzei (da esquerda para a direita)./ *Living room with Paula Turmina and Ana Mazzei artworks (from left to right).*
Pág.dir./ *Right page:* ◀ Simone com uma obra de Erika Verzutti./ *Simone with an artwork by Erika Verzutti.* ▼▼ Obras de Erika Verzutti, e de Hellen Ascoli./ *Artworks by Erika Verzutti and Hellen Ascoli.*



RAF: Reconheço que as suas escolhas são arrojadas tendo em conta que novos colecionadores tendem a ser mais conservadores. Na minha opinião, isso confere um carácter mais interessante e individual à colecção. SCP: Mais interessante não sei, mas durante o processo de compra fascina-me que a matéria possa ter um papel mais forte do que a própria vontade do artista.

RAF: Esse processo é particularmente evidente em alguma obra da sua colecção? Qual a sua favorita? SCP: É difícil referir, uma vez que materiais diferentes revelam o processo de diferentes formas, umas mais óbvias, outras mais discretas, que é exactamente o que mais me atrai. A obra de arte é como filho, não existe uma preferência, são apenas diferentes.

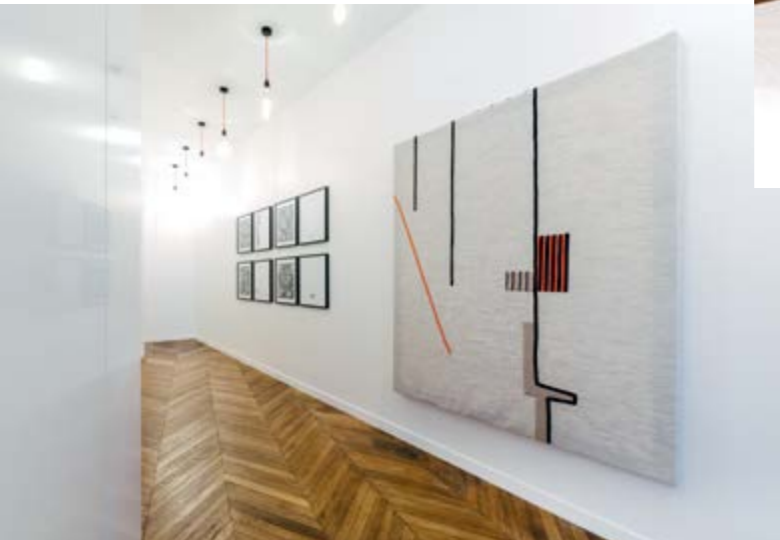
RAF: Enquanto pessoa curiosa e com sentido crítico, raramente compra por impulso. Já perdeu alguma obra por não ter tomado uma decisão rápida? SCP: Sim, uma obra de André Komatsu que não comprei logo porque estava a começar a coleccionar e tive receio de seguir a minha intuição. Arrependo-me até hoje! Mas continuo a achar que essa é a melhor forma de coleccionar: quando uma obra me toca, investigo sempre o seu significado, o seu contexto; procuro saber mais sobre o artista, a forma como pensa e o que afirma. É engraçado como costumo encontrar sempre algo com que me relaciono. Este processo permite-me criar uma ligação ainda mais forte com a obra, muito para além do interesse inicial.

RAF: I appreciate that your choices are daring considering that new collectors tend to be more conservative. In my opinion, this lends a more interesting and individual character to the collection. SCP: Whether it is more interesting I don't know, but during the acquisition process I am fascinated by the fact that the material can play a stronger role than the will of the artist.

RAF: Is this process particularly evident in any of the works in your collection? Do you have a favourite? SCP: It is difficult to point out, since different materials reveal the process in different ways, some more obviously and others more discreetly, which is exactly what attracts me the most. A work of art is like a son or daughter; there is no preference, they're simply different.

RAF: As a curious and critical person, you rarely buy on impulse. Have you ever lost a piece of artwork because you didn't make a speedy decision? SCP: Yes, a work by André Komatsu that I didn't buy right away because I was new to collecting and I was wary of following my intuition. I regret it to this day! But I still think that's the best approach to collecting. When a work interests me, I always investigate its meaning, its context; I try to find out more about the artist, the way they think and what they say. It's curious how I always find something I can relate to. This process allows me to forge an even stronger connection with the work, reaching far beyond the initial interest.

►Quarto principal com obras de Maria Laet (diptico)./
Main bedroom with Maria Laet artwork (diptych).
▼Hall de entrada com obras de Regina Vater e Laura
Lima (da esquerda para a direita)./ Entrance hall with
Regina Vater and Laura Lima artworks (left to right).
▼►Iván Argote, "politically and socially charged"
instalação/ installation.



RAF: É patrona de instituições como a Tate, Fondation Maeght e Pivô. Como escolhe as instituições que apoia? Acredita que é importante para um colecionador envolver-se com outras instituições? SCP: Tenho um carinho muito especial pela Tate, pelas óptimas recordações que me traz dos tempos que vivi em Londres. Estar no Comité de Aquisição para a América Latina dessa instituição é uma forma de garantir a presença de artistas do continente num ambiente de alta relevância e exposição internacional. Acho importante que as pessoas que visitam o museu, que chegam de diferentes partes do mundo, possam ver (e muitas vezes descobrir) artistas latino-americanos. Quanto à Pivô, é uma instituição que faz um trabalho maravilhoso em São Paulo, com exposições, programas públicos, residências artísticas e publicações. Em 2020, criaram o programa Pivô Satélite (que tenho o maior orgulho em apoiar) com o objectivo de dar apoio à comunidade artística local atingida pela pandemia. Isso viabilizou propostas de artistas em início de carreira de diversas regiões do Brasil e, num único ano, o programa já conseguiu levar esses artistas a várias instituições internacionais.

RAF: Se pudesse roubar uma obra de arte sem ser apanhada, qual seria? SCP: O *Bicho* da Lygia Clark: é fácil de roubar, podes dobrar e pôr na carteira. Fora de brincadeiras, adorava ter um *Bicho*, visto que é uma obra de enorme relevância histórica que supera os limites entre a arte e o espectador. ^Δ

RAF: You patronise institutions like the Tate, Fondation Maeght and Pivô. How do you choose the institutions you support? Do you believe it is important for a collector to get involved with other institutions? SCP: I have a very special fondness for the Tate, for the wonderful memories it brings back from when I lived in London. Being on the Acquisition Committee for Latin America of this institution is a way of guaranteeing the presence of artists from that continent in a highly relevant environment that offers international exposure. I think it's important that the people who visit the museum, who arrive from different parts of the world, can see (and often discover) Latin American artists. As for Pivô, it is an institution that carries out wonderful work in São Paulo, including exhibitions, public programmes, artistic residencies and publications. In 2020, they created the Pivô Satellite programme (which I am very proud of supporting) with the aim of supporting the local artistic community affected by the pandemic. This enabled emerging artists from all over Brazil to submit proposals and, in just one year, the programme has already succeeded in taking these artists to various international institutions.

RAF: If you could steal a work of art without getting caught, what would it be? SCP: Lygia Clark's *Bicho*: it's easy to steal, you can fold it and put it in your wallet. Joking apart, I'd love to have a *Bicho*, since it's a work of enormous historical relevance that transcends the boundaries between art and the viewer. ^Δ

G*GRASS®
www.grass.at

@grassiberia | Instagram | Facebook

BANHOAZIS®



NOVA PRO SCALA

BANHOAZIS - FÁBRICA
Av. Cruto Sobral 3
4730
Cervães (Portugal)

banhoazis.pt



"Forever Bicycles", 2015 (960 bicicletas de aço inoxidável / 960 stainless steel bicycles), Cordoaria Nacional, Lisbon.

Ai Weiwei



Artista e activista político, Ai Weiwei (Pequim, 1957) vive agora em Portugal e apresenta, desde Junho, a sua mais recente exposição em Lisboa.

Com uma actividade artística que vai desde a escultura ao universo cinematográfico, passando pela instalação ao objecto ready-made, procura mobilizar a opinião pública em torno de tragédias humanitárias e questões económicas e sociais, tornando-se, assim, *persona non grata* do Estado Chinês. O artista assistiu à destruição consecutiva dos seus ateliers em Pequim e Xangai, foi raptado pelas autoridades chinesas em 2011, esteve preso durante quase três meses e acabou por viver em prisão domiciliária, recebendo o seu passaporte apenas em 2015.

No seu trabalho polémico, encontramos referências constantes à pop art, à cultura ocidental do ready-made, mas, também, às tradições chinesas e orientais. A melhor forma de o conhecer será certamente através das suas palavras.

Ai Weiwei (Beijing, 1957), Artist and political activist, now lives in Portugal and his most recent exhibition in Lisbon has been open to the public since June.

With artistic activity that ranges from sculpture to cinema, from installation to ready-made objects, he seeks to rouse public opinion around humanitarian tragedies and economic and social issues, thus making himself into a *persona non grata* of the Chinese State. The artist witnessed the successive destruction of his ateliers in Beijing and Shanghai, was kidnapped by the Chinese authorities in 2011, was imprisoned for almost three months and ended up living under house arrest, only getting his passport back in 2015.

In his provocative work, there are constant references to pop art, to the Western culture of the ready-made but also to Chinese and Eastern traditions. The best way to get to know him is certainly through his words.

AI WEIWEI

IG: aiww

“A MINHA ARTE É UMA ARMA” – “MY ART IS A WEAPON”

Alda Galsterer: Quando e porque é que decidiu que queria tornar-se num artista? Ai Weiwei: A minha relação com a arte começou muito antes de querer tornar-me num artista. O meu pai foi poeta e também um excelente artista. Quando cresci, acreditava que ele era especial porque trabalhava arduamente, limpava quartos de banho públicos, mas também desenhava lindamente e isso chocava-me... Estávamos em Xinjiang, a viver nuns campos (de trabalho) para sermos castigados e longe do olhar público. O meu pai passou 20 anos lá, eu passei uns 16 talvez, foi onde cresci. Quando se cresce onde eu cresci, não queres ser artista porque sabes que é perigoso, é um problema.

AG: Nos anos 80 foi para Nova Iorque fazer um curso e tentar ser artista. No entanto, quando voltou para a China, pôs essa ideia de lado e assumiu o papel de alguém que cria espaço e oportunidades para outros artistas trabalharem e mostrarem o seu trabalho... **AW:** Sim. Fiz publicações clandestinas, curadoria de exposições de arte para ajudar artistas locais, sabendo sempre que ainda tinha muito para mostrar. Essas publicações clandestinas foram uma forma de ajudar os outros artistas. Por volta do ano 2000, construí o meu próprio estúdio. Não porque me queria tornar num artista, mas porque a minha mãe dizia que "a minha vida era um fracasso".

Alda Galsterer: When and how did you decide that you wanted to be an artist? Ai Weiwei: I started approaching art long before I decided to become an artist. My father was a poet and he was also a very good artist. While I was growing up, I always thought that he was very special because he used to do hard physical labor, he had to clean the public toilets. And he could also draw beautifully so that did shock me... We were in Xinjiang, living underground, punished, in these camps. My father spent 20 years there, I spent maybe 16 years there; it's where I grew up. When you grow up in a place like I did, you avoid becoming an artist because it is so dangerous, it's a problem.

AG: In the 1980s you went to New York, to study and work there, trying to make it as an artist. However, when you came back to China in the 1990s, you set this idea aside. Although you didn't work as an artist, didn't you provide spaces and opportunities for other artists to work and show their works? **AW:** Yes. I did underground publications and curated art shows; I curated an art show for local artists, knowing that my time was not yet up. Also, the underground publications were meant to help other artists. But around the 2000s I built my own studio. Not because I wanted to become an artist, but because my mum said 'My life was such a failure'.



AG: Ela não levava a sério os seus estudos na Parsons School of Design? **AW:** Ela nunca me fez perguntas sobre os Estados Unidos. Dizia aos amigos que parecia que eu nunca tinha saído da China. Provavelmente, tinha razão: a minha missão começou mais tarde quando comecei a colecionar antiguidades, a percorrer mercados apenas para saber mais sobre história; a estudar a arte e os objectos. Também aprendi mais sobre arquitectura para poder construir o meu próprio estúdio e, de repente, a estética que desenvolvi tornou-se num modelo. A arquitectura do meu atelier foi considerada muito diferente pelo que acabei por me tornar num porta-voz deste novo estilo de vida antes de me tornar propriamente num artista.

AG: Foi convidado a colaborar no novo Estádio Olímpico para os Jogos Olímpicos de 2008... **AW:** Sim, estava a trabalhar com um estúdio de arquitectura suíço [Herzog & de Meuron, 2002-2003]. Foi por volta dessa altura que entrei no mundo online. A Internet abriu-me a mente; comecei a exercer os meus direitos, a criticar, tornei-me num líder da liberdade de expressão defendendo todas essas questões.

Tive vários problemas depois de um grande terremoto onde mais de 5000 estudantes faleceram [Sichuan, 2008], ao questionar o Governo sobre o que tinha acontecido e sobre as ligações entre a construção e a corrupção. Isso levou-me à política. Fui preso, espancado, tive uma hemorragia cerebral, podia ter morrido, fui operado, e isto é apenas uma versão curta de toda a história. Só mais tarde é que as pessoas começaram a reparar em mim enquanto artista, pois o meu entendimento da arte passa por tentar perceber porque é que tenho tantos problemas. Tenho uma compreensão estética muito particular com a ancestralidade e a liberdade de expressão. Faço arte sobre tudo: os meus sentimentos e as minhas emoções, mas também sobre alguém que é infeliz ou pessoas que não têm voz. Utilizo a minha arte como uma arma, para defender os direitos humanos e a liberdade de expressão.

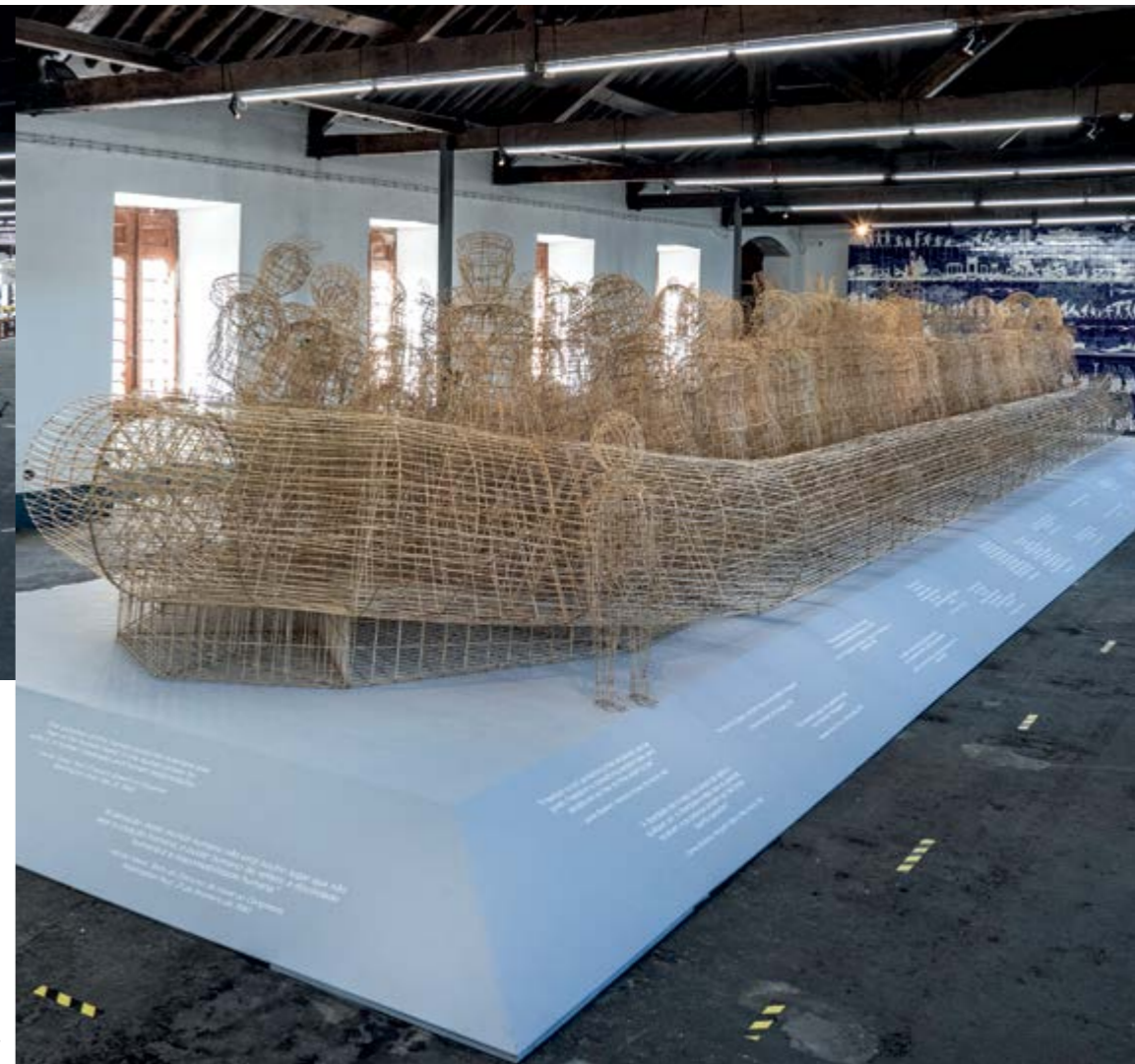
AG: Didn't she take your studies at the Parsons School of Design seriously? **AW:** She never asked me about the USA. She always told her friends that this boy seems to have never left China. She was probably right. My mission started later when I started collecting antiquities, going to antique markets just to learn about history by studying art and objects. Also I did some architecture so I could build my own studio. Suddenly the aesthetic of my studio became a model. My studio's architecture was considered very different, so I become the spokesperson for this new life style even before I became an artist.

AG: Then you were invited to collaborate on the new Olympia Stadium for the Olympics in 2008. **AW:** Yes, I was working with a Swiss architecture firm. [Herzog & de Meuron, 2002-2003]. It was around that time I started using the Internet. The Internet opened my mind. It gave birth to me – I started to exercise my rights of freedom of speech, criticize, and then I become a leader of free speech, defending all those issues.

So I got into trouble because there was a major Earthquake [Sichuan, 2008] where over 5,000 students died and I asked the Government about what had happened and the connections between construction and corruption. So that got me into politics... I was arrested, I was beaten, and even my brain was bleeding. It almost finished my life. So, I had an operation, and that is the short history of it. Then I started being noticed as an artist, because my understanding of art is to try to understand why I have so much trouble. I have a very different aesthetic understanding of ancestry and the freedom of speech. I make art about everything: my feelings, my emotions, as well as about someone else who might be unfortunate or people who have no voice... I use my art in order as a weapon; to defend human rights, freedom of speech.



◀ "Pendant" (Papel Higiénico, Mármore / Toilet Paper, Marble), 2021. RAPTURE Cordoaria Nacional, Lisbon.
 ▲ "Refraction" (Fornos solares, chaleiras, aço / Solar hovens, teapots, steel), 2014. RAPTURE, Cordoaria Nacional, Lisbon.
 ▶ "Life Cycle", (Bambu, fio de sisal e seda / Bamboo, sisal cord and silk), 2018. RAPTURE, Cordoaria Nacional, Lisbon.



AG: O seu processo artístico envolve processos colaborativos. Este tipo de processo deve ser também um desafio para si, uma vez que não se envolve apenas a nível físico, mas, também, a nível mental com as pessoas com quem trabalha. **AW:** Acredito que aqueles que usam habilmente as suas mãos conseguem manifestar a sua saúde mental. Usamos as nossas mãos não só para nos expressarmos mas também para aprendermos mais sobre quem somos.

Vejo a história e a tradição como um ready-made. Nunca conseguiria apreciar apenas o que existiu; dou antes um empurrão para uma nova interpretação sobre o que é a tradição. Essa nova interpretação só funciona quando trabalho a cultura como ready-made. Diria que a nossa tradição e condição política, é o meu "pronto a fazer". Também trabalho com a mente humana (a memória, a tradição, o conhecimento), com o conceito de entendimento político e artesanal, e é por isso que o meu trabalho atinge um público tão vasto.

AG: Your creative process also involves being collaborative. This kind of process must be also a challenge for you because not only do you engage on a physical level with the people you work with, but also on a mental level. **AW:** Firstly, I believe that those who work, skillfully using their hands, that it shows their mental condition. Not only do we use our hands to express ourselves, but also to really learn about who we are.

Also, you know, I think I see history and tradition as a 'ready-made'. I would never really just appreciate what has existed, but rather give it a push into a new interpretation about what tradition is. So that new interpretation only works when I work with the 'ready-made', you know, the culture. But I'd say that our tradition and political condition is my 'ready-made'. I also work with the human mind (memory, tradition, knowledge), with the concept of political understanding and craftsmanship, so that's why my work appeals to such a large audience.



▼ "Mutuophagia", 2018. Impressão fotográfica/Photographic print. Courtesy Ai Weiwei Studio, Photo Sérgio Borges, Photo assistant Washington Borges. Exposição Entrelaçar/*Intertwine Exhibition*. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto.



◀ "Two Figures", Instalação/*Installation*, 2018. Courtesy Ai Weiwei Studio. Exposição Entrelaçar/*Intertwine Exhibition*. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto.
▼ "Pequi Tree", 2018-2020. Courtesy Ai Weiwei Studio. Exposição Entrelaçar/*Intertwine Exhibition* Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto.
▼ "mr Painting", 2019. Courtesy Ai Weiwei Studio. Exposição Entrelaçar/*Intertwine Exhibition* Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto.

AG: Nasceu e cresceu na China, viveu exilado praticamente durante toda a sua vida – estudou em Nova Iorque, viveu em Londres e em Berlim, entre outros lugares – e agora mudou-se para Portugal. Qual a sua relação com o conceito de "casa"? O que é que isso significa para si? **AW:** Acredito que o meu carácter se perdeu. Não tenho um lar, nem mesmo na minha própria Nação. Estou sempre a ser empurrado ou oprimido por todo o tipo de razões.

Um lar é um lugar onde a tua família está, onde te sentes seguro, onde és aceite e podes sempre estar sem sequer repararem em ti, mas isso não é o meu caso. Fui sempre considerado inimigo do Estado por várias razões, ou por causa da minha posição económica ou pela situação política. Vivi sempre em condições que não escolhi, de todo.

Felizmente, mudei-me recentemente para Portugal e comprei uma propriedade a que posso chamar de "lar", mesmo que não seja uma ideia à qual esteja habituado. Agora posso cultivar árvores e flores, posso abrir a minha porta e andar por aí. Acredito que sou um afortunado por ter esta experiência, pois, em última instância, o Homem pertence à Natureza, ao ambiente. Estou muito feliz por estar a viver em Portugal. É um país generoso e as pessoas também são muito amigáveis. Sinto-me confortável. ▲

AG: Being born and raised in China, you have lived almost all your life in exile, having lived and studied for almost a decade in NYC, then in London and Berlin, among other places, and now you live in Portugal. How do you relate to the concept of "home"? What does it mean to you? **AW:** I think of myself as a person whose character has been lost. I do not have a home, not even in my own Nation. I'm always being pushed or oppressed for all kind of reasons, so I have got used to not having a home.

Definition of 'home' is a place where your family is, where you feel safe, where you are accepted and can go without getting noticed, but I don't enjoy any of these conditions. I have always been noticed as an enemy of the State, for several reasons, or because of my economic position or political situation. I have always lived in conditions that I didn't choose at all.

But luckily, I recently I moved to Portugal, and I bought a property here and I do feel that this is a place I can call "Home". Now, I can grow trees and flowers and I can open my door and see everything, I can walk around. I think I am very fortunate to have this experience, because, ultimately, Men belong to Nature, to the environment. So I am very happy to have settled today in Portugal. It is a very generous country, the people are also very friendly and I do feel comfortable. ▲



RAPTURE: Até 28 de Novembro de 2021, na Cordoaria Nacional, em Lisboa./ *Until the 28th November 2021, at Cordoaria Nacional, in Lisbon.*

ENTRELAÇAR Pequí vinagreiro, raízes e figuras humanas/ *INTERTWINE* Pequí tree, roots, and human figures. Museu de Arte Contemporânea SERRALVES. 23 JUL 2021 - 09 JUL 2022, no/in Porto.

www.evyjokhova.co.uk

EVY JOKHOVA



'Mirror Image', Riga Photography Biennale 2020. Photo © Ansis Starks.



Evy Jokhova.
Portrait © Clara Imbert.



'Weighed down by stones' Totem detalhe/detail. Photo courtesy of Evy Jokhova.

REFERÊNCIAS CULTURAIS EM MUTAÇÃO – SHIFTING CULTURAL REFERENCES

Artista multidisciplinar, Evy Jokhova estabelece o diálogo entre a antropologia social, a arquitectura, a filosofia e a arte. Procurando colmatar lacunas nas mais diversas áreas, dedica-se à criação de projectos *in situ*, explorando a relação entre os comportamentos sociais, a construção arquitectónica e a memória corporal.

Beatriz José: A sua jornada fê-la atravessar diferentes países – nasceu na Suíça, viveu na Rússia, na Áustria, na Estónia, no Reino Unido e, actualmente, em Lisboa. De que forma esta multiculturalidade influencia a sua prática? **Evy Jokhova:** Reflecte-se em tudo o que faço, na forma como aprendi a trocar de referências para dar resposta a diferentes ambientes. Sinto-me forçada a procurar uma variedade de contextos e de culturas para trabalhar. Em Viena, traduzi a música e a dança num edifício, colaborando com dois intérpretes austríacos. Em Nida, na Lituânia, uma espiral de terra espantosa, passei algum tempo a investigar a paisagem florestal báltica e estou actualmente a trabalhar num projecto com o museu de arte Kumu, na Estónia, que explora o Antropoceno Báltico, centrando-me na busca pela cultura e por uma arquitectura de lazer. Recentemente, passei também muito tempo nos Açores e estou a aprender mais sobre as plantas de lá. O meu objectivo é criar uma Associação de Forrageamento em Portugal de forma a reintroduzir o conhecimento das plantas tradicionais e criar ligações mais fortes com a Natureza através da alimentação e actividades culturais.

Evy Jokhova is a multidisciplinary artist whose practice engages with relationships between social anthropology, architecture, philosophy and art. Aiming to bridge gaps between different fields, she dedicates herself to the creation of site-specific projects, investigating the relationships between social behaviour, architectural construction and body memory.

Beatriz José: Your journey has taken you to many countries, you were born in Switzerland, you've lived in Russia, Austria, Estonia and the UK, and now Lisbon. How would you say this multi-cultural background influences your research and practice? **Evy Jokhova:** It is reflected in everything I do because of the way I have learned to approach things, shifting references to alter my perspectives and responses to environments. In terms of my research and practice specifically, I would say I feel compelled to seek out a variety of contexts and cultures to work in. In Vienna, I worked on translating a building into music and then in to dance in collaboration with two Austrian performers. In Nida, Lithuania – covered with pine forests and surrounded by water on both sides – I spent time researching the Baltic forest landscape and I'm currently working on a project with Kumu in Estonia, that explores the Baltic Anthropocene, focusing on foraging culture and leisure architecture. Recently, I've spent a lot of time in the Azores, learning more about the plants there. It is my aim to start a Foraging Association in Portugal, to re-introduce traditional plant knowledge and create stronger connections to nature through food and cultural activities.



'Uma cobra naturalmente falsa'. Galeria/Gallery Balcony. Photo ©João Neves



'In this hot desert I miss the snow'. Film stills, vista da instalação/ installation views. Photo courtesy of Evy Jikhova.



'Between these lines I operate'. Photo Courtesy Foco Gallery.



'Bruised', 2019. Photo courtesy of Evy Jikhova.

BJ: Conhecemo-nos quando estive numa residência artística aqui em Lisboa. O seu objectivo era mudar-se para cá? **EJ:** Antes de sair de Londres, saltava de residência em residência e isso fez-me perceber que estava pronta para me mudar para uma nova cidade. Os dois grandes amores da minha vida são Istambul e Atenas, mas a situação política na Turquia é difícil e a Grécia estava a atravessar uma crise na altura. Quando vim a Lisboa visitar alguns amigos, percebi que também tinha sete colinas, por isso, decidi dar uma oportunidade. Não foi a minha primeira escolha, mas foram as pessoas que me fizeram apaixonar pela cidade.

BJ: We first met when you were in an artistic residency here in Lisbon. You moved to Lisbon primarily to take part in an artistic residency and then never left, or was it your goal to move here? **EJ:** The two years before I left London I was travelling from residency to residency. Through this I learned that I was ready to move to a new city. The two great loves of my life are Istanbul and Athens. But the political situation in Turkey is difficult and Greece was going through a crisis at the time. When I came to visit friends in Lisbon I realised that it also had seven hills – so I decided to give it a try. Lisbon was not my first choice, but it was the people here that made me fall in love with the city.

BJ: Questiona o seu papel e a sua relação com a sociedade, a história, a paisagem e a arquitectura. Como descreve o seu exercício artístico? **EJ:** Tudo o que faço é *site-specific* ou *site-responsive*, de alguma forma. Cada vez que viajo e trabalho num novo contexto, as minhas referências mudam e isso influencia as minhas metodologias de investigação e a escolha de materiais e elementos de execução estética. Embora o meu trabalho se baseie essencialmente na investigação, a minha exploração do lugar e relação entre corpo e arquitectura é verdadeiramente empírica e embutida na narrativa pessoal. A exposição *Uma cobra naturalmente falsa* na galeria Balcony, pensada por mim e pela Mané Pacheco e com a curadoria da Ana Cristina Cachola, explora a relação com a Natureza, desafiando o conhecimento patriarcal e as formas binárias de apresentar o conhecimento. O meu trabalho incidiu na natureza do conhecimento, nas lutas pelo poder, na dicotomia entre o certo e o errado, no bem e no mal, mas também na ligação histórica que as mulheres têm com a Natureza, o conhecimento que adquiriram e a forma como foram perseguidas por ela. ♪

BJ: You question your own role and relationship with society, history, landscape and architecture. How do you describe your artistic exercise? **EJ:** Everything I do is, in some way, site-specific or site-responsive. Every time I travel and work in a new context my references change and this has a direct effect on my research methodologies, material choice and elements of aesthetic execution. Although my work is research-based, my exploration of place, space and the relationship between body and architecture is truly empirical and embedded in personal narrative. The exhibition *Uma cobra naturalmente falsa*, in Balcony gallery, devised by Mané Pacheco and myself and curated by Ana Cristina Cachola, explores our relationship with nature, challenging patriarchal knowledge and binary ways of presenting knowledge. My work in the exhibition explores the nature of knowledge, power struggles, the dichotomy between right and wrong, good and evil and the historical connection women have with nature, the knowledge they harnessed from this connection and how they have been persecuted because of this. ♪

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE – BETWEEN FICTION AND REALITY

www.monicademiranda.org

MÓNICA DE MIRANDA



Diferentes perspetivas do atelier./Different perspectives of the artist's studio; Pág. esq./Left page Mónica de Miranda.



O trabalho de Mónica de Miranda (Porto, 1976) situa-se entre os temas da arqueologia urbana e geografias pessoais. A artista apresenta-se de forma interdisciplinar, utilizando o desenho, a instalação, a fotografia, o cinema, o vídeo e o som, e procurando diluir as fronteiras entre a ficção e o documental.

Mónica de Miranda é artista e investigadora. Estudou em Inglaterra, doutorou-se em Artes Visuais na Universidade de Middlesex e é mestre em Arte e Educação pelo Instituto de Educação de Londres. Foi nomeada para prémios como o Prix Pictet (2016), o Prémio Novo Banco Photo (2016) e o Prémio EDP Novos Artistas (2019) e a sua obra pode ser vista no MNAC – Museu do Chiado, Lisboa; MAAT, Lisboa; CAM/ Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 21c Museum Hotels, entre outros.

The work of Mónica de Miranda (Porto, 1976) is based on themes of urban archeology and affective geographies. The artist presents herself in an interdisciplinary way, using drawing, installation, photography, film, video and sound, aiming to blur the boundaries between fiction and documentary.

Mónica de Miranda is both artist and researcher. She studied in England, obtained her PhD in Visual Arts from Middlesex University and has a Masters in Art and Education from the London Institute of Education. She has been nominated for awards such as the Prix Pictet (2016), the Novo Banco Photo Prize (2016) and the EDP New Artists Prize (2019) and her work can be seen at MNAC – Museu do Chiado, Lisbon; MAAT, Lisbon; CAM/ Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon; 21c Museum Hotels, among others.



"All that Burns melts into Air", exposição de Mónica de Miranda/Mónica de Miranda's exhibition, Galeria Sabrina Amrani, Madrid. Courtesy: the artist and Sabrina Amrani Gallery, 2020.

Alda Galsterer: A canção "Nova Lisboa", de Dino Santiago, transmite uma sensação nova de liberdade, abertura e vivência africana da cidade de Lisboa. Quando explora o setting urbano nos seus trabalhos, como no projecto "Circular do Sul" realizado para a EDP em 2019, interessa-lhe propor uma nova vivência ou consciência da cidade lisboeta/portuguesa? Mónica de Miranda: O "Circular do Sul" localiza-se num outro espaço que não o de agora. É a conexão entre o passado e o presente; a própria arqueologia da cidade de Lisboa. A história da estrada militar que circunda Lisboa e que foi usada no século XIX para defender a cidade contra as invasões francesas e que, depois com a descolonização em África, serviu para albergar a migração africana que entra na cidade e é o único lugar nas periferias que encontra para se estabelecer. Uma estrada desocupada onde hoje se situam todos os bairros sociais, ao lado de fortes que foram construídos para defender a cidade das invasões estrangeiras. De certa forma, tem uma dupla ironia, porque no passado protegiamos da entrada de estrangeiros e hoje também – da entrada dos africanos – de habitarem e viverem a cidade.

Logo, não é uma "Nova Lisboa", é uma Lisboa com uma história por contar, uma Lisboa tornada invisível com uma população que está fora da cidade e que pertence à cidade, mas que não a consegue ocupar e vive nas suas margens. "Circular do Sul" faz essa reflexão, é um trabalho fotográfico que desenvolvi durante 10 anos, onde documentei os bairros das periferias, essa margem, essa estrada militar. Passados 10 anos, percebi que tinha um arquivo fotográfico de uma cidade que já não existe (porque muitos desses bairros improvisados tinham sido demolidos), então decidi doá-lo ao Arquivo Fotográfico de Lisboa. Recentemente, "Circular do Sul", apresentado no MAAT (2019), é uma continuação desse projecto de pesquisa, um projecto que já não é só documental, mas mais ficcionado.

Alda Galsterer: The song "Nova Lisboa" (New Lisbon), by Dino Santiago, expresses a new sense of freedom, openness and an African experience of the city of Lisbon. When you explore urban settings in your works, such as in the project "Circular do Sul" (South Circular) made for EDP in 2019, are you interested in proposing a new experience or awareness of Lisbon/the Portuguese city? Mónica de Miranda: "South Circular" is located in a different space from now. It is the connection between past and present; the very archaeology of the city of Lisbon. The history of the military road that surrounds Lisbon and which was used in the 19th century to defend the city from the French invasions and that, later, following the process of Portuguese decolonisation in Africa, served to accommodate the African immigrants that came to the city and was the only place on the outskirts where they could settle. An empty road where all the social housing estates are now located, alongside forts that were built to defend the city from foreign invasions. In a way, it carries a twofold irony, because in the past it protected us from the entry of foreigners and nowadays it also protects us – from the entry of Africans – from inhabiting and living inside the city.

So it is not a "New Lisbon", it is a Lisbon whose tale is yet to be told, a Lisbon rendered invisible with a population that is outside the city and that belongs to the city, but which is unable to inhabit it and is relegated to living on its margins. "South Circular" reflects on this, it is a photographic work that I have been developing for 10 years, where I documented the neighbourhoods of the peripheries, on this margin, this military road. After 10 years, I realized that I had a photographic archive of a city that no longer exists (because many of those improvised neighbourhoods had been demolished), and so I decided to donate it to the Lisbon Photographic Archive. Recently, "South Circular", exhibited at MAAT (2019), is a continuation of that research project, a project that is no longer exclusively documentary, but more fictionalised.

AG: No seu trabalho dos últimos anos, existem tipologias de montagem recorrentes: a apresentação de fotografias em dípticos, trípticos, painéis múltiplos de tamanhos diferentes, o uso de estruturas que criam um melhor enquadramento... MdM: Falando da instalação e da performance, fiz escultura e essa formação acabou por transmutar para uma fotografia que não se quer bidimensional, mas mais espacial. Gosto de estabelecer uma relação com o espectador, com volume e ocupando o espaço; captar a memória do lugar através de um olhar mais periférico. Quero incluir vários pontos de vista. Assim nascem grandes instalações de fotografias de até seis metros que são também o resultado de performances onde percorro uma estrada ou circundo uma ilha de barco. E depois planifico ao fotografar este lugar e essa experiência relaciona-se com o meu movimento. A minha exposição "All That Burns Melts into Air", na minha galeria de Madrid, tinha que ver com essa impermanência do lugar, da história, da memória e como conseguimos captar isso numa imagem singular, daí que a pluralidade das imagens e as suas expressões múltiplas me interessarem. ^Δ

AG: In recent years your work features recurring typologies of montage: the presentation of photographs in dip-tychs, triptychs, multiple panels of different sizes, the use of structures that create a better framework... MdM: Talking about installation and performance, I did sculpture and this training ended up transmuting into a kind of photography that isn't merely two-dimensional, but more spatial in nature. I like to establish a relationship with the viewer, with volume and occupying the space; capturing the memory of the place through a more peripheral gaze. I want to include several points of view. This is how the large photographic installations of up to 6 metres are born, which are also the outcome of performances where I travel along a road or circle an island by boat. And then I plan by photographing this place and then that experience relates to my movement. My exhibition "All That Burns Melts into Air" at my gallery in Madrid was about this impermanence of place, of history, of memory and how we manage to capture that in a unique image, which is why the plurality of images and their multiple expressions interest me. ^Δ

"Circular do Sul/South Circular", 2019, MAAT. Photo Marco Gonçalves.





María Victoria 5 (Katalox), 2020. Katalon, rattan, 218-185-20,5 cm. © Marco A. Castillo
Photo Courtesy: Nara Roesler Gallery, São Paulo
▼ Marco A. Castillo.

MARCO A. CASTILLO



Conheci Marco Castillo no seu atelier em Madrid, no início de 2016. Na altura propus-lhe que, juntamente com Dagoberto Rodríguez (Los Carpinteros), recriasse uma instalação que nos fala dos segundos após uma explosão, e que seria, para mim, enquanto curadora da exposição (juntamente com Alda Galsterer), a celebração do início do edifício das Carpintarias, antiga fábrica de móveis de Lisboa. Hoje Castillo vive em Mérida, na península do Iucatão, no México, um lugar de uma beleza extraordinária que ainda permite a memória de outros tempos. Sempre preocupado com a história e a construção de histórias, Castillo desafia o esquecimento em que uma grande geração de artistas, designers e arquitectos do universo cubano foram deixados, e leva-nos através de um novo olhar a visitar conceitos e formas descendentes do tropicalismo e do modernismo tão maltratado na ilha das Caraíbas. Marco Castillo estudou na Faculdade de Belas Artes de Havana e o seu trabalho faz parte de colecções relevantes de museus de todo o mundo, entre eles o Centro Georges Pompidou, Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Casa Daros, Museu Solomon R. Guggenheim, Tate Modern e Whitney Museum of American Art.

Verónica de Mello: Como é que o projecto "The Decorator's Home" (A Casa do Decorador) se tornou num novo capítulo da sua carreira com mais de 20 anos? **Marco A. Castillo:** O design e o interiorismo – arquitectura de interiores, modernista sempre foram temas que me interessaram. Comecei a investigar e a coleccionar o trabalho de grandes mestres internacionais de design como Sergio Rodrigues, Lina Bo Bardi, Arne Jacobsen, etc. Esta paixão fez-me querer perceber o que se tinha passado em Cuba, essa estética e bom gosto que caracterizou a nossa sociedade e que se manteve até ao início do processo revolucionário. Conhecia alguns nomes isolados, especialmente arquitectos como Mario Girona, Ricardo Porro e Roberto Gottardi, que fizeram um trabalho maravilhoso durante os anos 70. Em 2017, juntamente com o curador Abel González, iniciámos um período intenso de investigação, pois não existia literatura escrita e organizada. A partir de diferentes testemunhos e entrevistas a alguns dos protagonistas deste movimento de design e arquitectura em Cuba, pudemos desvendar parte desta história que não estava escrita nem tinha sido contada.

VdM: Sempre houve um forte criticismo ao governo cubano e à falta de liberdade que provém da situação política. Qual a história de Cuba que pretende contar através desta série? **MAC:** La Casa del Decorador é uma exposição inspirada neste movimento utópico de designers, arquitectos de interiores e arquitectos formados durante o Movimento Moderno dos anos 50 que, nos primeiros anos da Revolução e impulsionados pelo governo cubano, trabalharam num projecto que poderia ser considerado uma revolução estética. Este grupo encarregou-se de

I met Marco Castillo in his Madrid studio in early 2016. At the time, I proposed that together with Dagoberto Rodríguez (Los Carpinteros) recreate an installation that tells us about the seconds after an explosion, that would be for me, as curator of the exhibition (together with Alda Galsterer) the celebration of the beginning of the Carpintarias building, the old furniture factory in Lisbon. Nowadays, Castillo lives in Mérida, on the Yucatan peninsula in Mexico. A place that still offers memories of other times and of an extraordinary beauty. Constantly concerned with history and the construction of stories, Castillo challenges the oblivion in which a large generation of artists, designers, and architects of the Cuban universe were left, and encourages us, by taking a fresh look, to revisit concepts and forms descended from the tropicalism and modernism that has been so badly treated on this embattled Caribbean island. Marco Castillo studied at the Faculty of Fine Arts in Havana and his work can be found in the collections of major world museums. To name but a few you can find his work in: Centre Georges Pompidou, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Daros Casa, Solomon R. Guggenheim Museum, Tate Modern, and the Whitney Museum of American Art.

Verónica de Mello: How did "The Decorator's Home" project become a new chapter in your career that has spanned more than 20 years? **Marco A. Castillo:** Modernist design and interiors have always been topics that have interested me. I first started researching and collecting the work of great international masters of design like Sergio Rodrigues, Lina Bo Bardi, Arne Jacobsen, etc. This passion encouraged me to understand what had taken place in Cuba, that aesthetic and good taste that was characteristic of our society and that persisted until the beginning of the revolutionary process. I was aware of some individual names, especially architects like Mario Girona, Ricardo Porro and Roberto Gottardi, who did wonderful work during the 1970s. In 2017, together with the curator Abel González, we embarked on an intense period of research, as there was no written and organised literature. Through different testimonies and interviews with some of the protagonists of this design and architecture movement in Cuba, we were able to unravel part of this story that had neither been written or told.

VdM: There has always been harsh criticism of the Cuban government and the lack of freedom arising from the political situation. What is the story of Cuba that you would like to tell through this series? **MAC:** La Casa del Decorador is an exhibition inspired by this utopian movement of designers, interior designers and architects trained during the Modern Movement of the 1950s who, in the early years of the Revolution and spurred on by the Cuban government, worked on a project that could be considered an aesthetic revolution. This group was tasked with designing and producing new spaces that



Vista da Exposição/Exhibition's view "Propiedad del Estado". Nara Roesler Gallery, São Paulo. Maio/May 2021. Beltrán Series, 2021. Mogno e rattan/Mahogany, rattan. Dimensões várias/Variable dimensions. © Marco A. Castillo
Photo Courtesy: Nara Roesler Gallery, São Paulo

▼ Vista da Exposição/Exhibition's view "Propiedad del Estado". Nara Roesler Gallery, São Paulo. Maio/May 2021. Iván Series, 2021 Dimensões várias/Variable Dimensions, Mogno/Mahogany. © Marco A. Castillo
Photo Courtesy: Nara Roesler Gallery, São Paulo

projectar e produzir novos espaços que viriam a moldar a vida do suposto homem novo. Nos anos 70, este processo foi abandonado, principalmente devido à falta de compreensão das instituições que estigmatizavam o trabalho destes designers de "gosto burguês".

Nesta exposição, comporto-me como se fosse um designer dessa época para dar continuidade a uma tradição que desapareceu em Cuba no início dos anos 80. O título de cada obra corresponde ao nome de figuras que retirámos das cinzas daquela geração. A obra Galván, 2019, por exemplo, revisita os biombos coloridos que Joaquín Galván e Rodolfo Fernández Suárez fizeram para a Sala do Protocolo do Conselho de Estado e que, aproveitando a trama da treliça, transformo num suporte para uma sopa de letras conceptual que lembra as línguas codificadas utilizadas durante a Guerra Fria.

VdM: Os materiais são importantes para si? A fisicalidade dos objectos tem relevância na forma como trabalha?

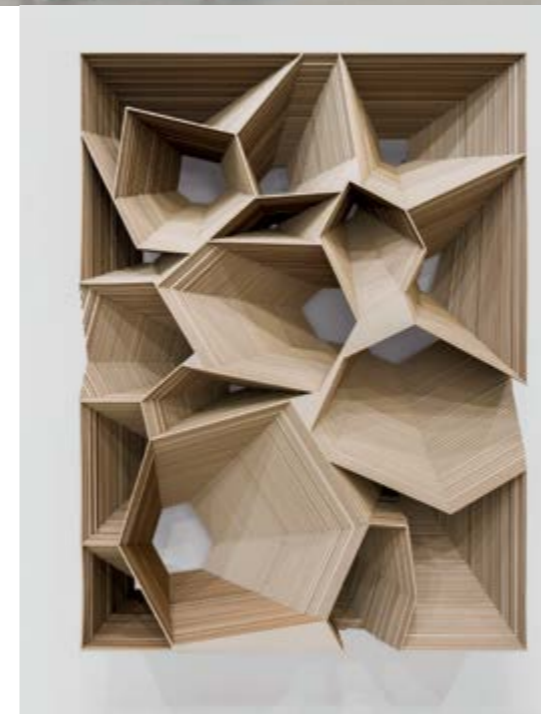
MAC: Os materiais sempre foram uma maneira de criar sentidos na minha obra. No caso desta exposição, era importante resgatar o universo material em que estas personagens trabalharam, de forma a transmitir essa mistura de cubanismo e modernidade do meu trabalho e, ao mesmo tempo, fazer com que as obras te transportassem de imediato para esse momento que poderia ter-se tornado numa revolução estética em Cuba. O design deste período resgatou diferentes materiais do passado indo-cubano e colonial. As pessoas revisitaram a história do mobiliário cubano e salvaram, por exemplo, a palhinha utilizada no período colonial. Fizeram também uma bela referência ao tropicalismo; os biombos deixavam passar o ar de um lado para o outro e as combinações entre a cor branca e a madeira de mogno faziam lembrar frutas tropicais como o coco, de uma forma muito subtil e conceptual. ▲

would ultimately shape the life of this supposedly new man. This process was abandoned in the 1970s, mainly due to the lack of understanding by the institutions that stigmatised the work of these designers of "bourgeois taste".

In this exhibition, I behave as if I were a designer from that era in order to carry on a tradition that disappeared in Cuba in the early 1980s. The title of each work corresponds to the names of figures we have recovered from the ashes of that generation. The work Galván, 2019, for example, revisits the colourful screens that Joaquín Galván and Rodolfo Fernández Suárez created for the Protocol Room of the Council of State. Taking advantage of the lattice weave, I transform it into a support for a conceptual alphabet soup that echoes the coded languages used during the Cold War.

VdM: Are materials important to you? Does the physicality of objects have any bearing on the way you work? How do you choose the media that each series focusses on?

MAC: Materials have always been a way of creating meaning in my work. In the context of this exhibition, it was important to recapture the material universe in which these figures worked, so as to convey that mixture of Cubanism and modernity in my work and, simultaneously, to make the works capable of immediately transporting you to that moment that could have ended up as an aesthetic revolution in Cuba. The design of this period retrieved different materials from the Indo-Cuban and colonial past. People revisited the history of Cuban furniture and recovered, for example, the straw used in the colonial period. They also made a beautiful reference to tropicalism; the screens allow air to flow from one side to the other and the combinations between the white colour and the mahogany wood are evocative of tropical fruits like coconut, in a very subtle and conceptual way. ▲



▲ Baixo-relevo com 17 depressões poliédricas (I)/Low Relief with 17 polyhedral depressions (I), 2020 Cartão/Cardboard 103-77-17,5 cm © Marco A. Castillo. Photo Courtesy: Nara Roesler Gallery, São Paulo
► Exposição/Exhibition's view *The Decorator's Home*. UTA Artist Space, Los Angeles, USA. Maio-Julho/May-July 2019. Galván (Section I and II), 2019. Mahogany 225-195-16 cm. © Marco A. Castillo. Photo Courtesy: Jeff McLane UTA Artist Space, Los Angeles/ KOW, Berlin



MIA DUDEK

EXPANDIR AS CONVENÇÕES DA FOTOGRAFIA – EXPANDING THE CONVENTIONS OF PHOTOGRAPHY

www.miadudek.co.uk



Artista polaca, Mia Dudek dedica-se à expansão de convenções fotográficas através da criação de instalações físicas em betão, materiais sintéticos como o látex e barreiras de segurança, frequentemente exibidas junto das suas fotografias. Procurando desenvolver uma poesia física capaz de gerar um maior envolvimento com o público, tem vindo a explorar os limites e a proximidade associados ao espaço e à arquitectura.

Mia Dudek is a Polish artist focussed on expanding the conventions of photography, by creating physical installations in concrete, synthetic materials such as latex and security barriers, which are normally exhibited in juxtaposition with her photographs. Her work tries to build a physical poetic, fostering greater engagement with the audience in order to address questions of boundaries and proximity connected to architecture and space.



Pág. esq. e em cima/ Left page and above: Mia Dudek.



Stroke III, 2021; "Amuse Bouche". Photo courtesy Galeria FOCO & Mia Dudek

Beatriz José: Fale-nos um pouco mais do seu percurso e do primeiro contacto que teve com o meio artístico. Foi o seu instinto comunicativo que a levou a estrear-se visualmente através da arte? **Mia Dudek:** Tenho contacto com a arte desde muito cedo. Os meus pais formaram-se em Estudos de Arte e eu estava sempre rodeada de pensadores e praticantes criativos, quer fossem pessoas ligadas ao teatro, indústria cinematográfica, fotografia, belas artes, escritores ou mesmo cantores de ópera. Comecei a fazer experiências com fotografia quando tinha cerca de 16 anos e acabei por dedicar-me à história da arte, arquitectura e fotografia. Fui aceite no curso de Fotografia, do London College of Communication, e foi assim que comecei a minha viagem profissional. Expandir o meu trabalho para além das convenções da fotografia foi realmente importante, foi aí que comecei a experimentar a escultura também. Queria justapor o objecto impresso com a instalação física, gerar uma tensão criativa entre os dois.

Beatriz José: Tell us a little more about this path you have pursued and your first contact with art. Do you feel that your instinct to communicate led you to do this visually through art? **Mia Dudek:** I have been in contact with art since an early age. Both my parents graduated in art studies and I was always surrounded by creative thinkers and artists. Whether it was people from theatre, film industry, photography, fine art, writers or even opera singers. I started experimenting with photography when I was about 16 and it was my natural instinct to focus on art history, architecture and photography. I was accepted on the Photography course of the London College of Communication and that's how I began my professional journey. It was very important to me to extend my work beyond the conventions of photography, so I started experimenting with sculpture. To juxtapose the print itself with a physical installation, by establishing creative tension between them.

"Untitled I - V" Skin Studies, 2010-2019.



"Figures I - V" Skin Studies, 2016.



"Body Recasts I - V", "Sculptural work", 2016-2020.



BJ: Trabalha actualmente entre Lisboa, Londres e Varsóvia, mas mudou-se para Lisboa para participar numa residência artística. O que nos pode dizer sobre esta mudança? **MD:** Após o referendo do Brexit, algumas pessoas diziam que o melhor era ir para Berlim, outra falavam em Atenas, Viena e algumas em Lisboa. Sempre senti uma boa ligação com Lisboa, mas nunca teria tomado esta decisão se o meu senhorio em Londres não tivesse decidido rescindir subitamente o contrato da minha casa. Acabei por voar para Portugal para surfar com alguns amigos e fui parar a uma residência artística. Passaram três anos desde então e, apesar de sentir falta da loucura de Londres, a minha mente está mais focada do que nunca.

BJ: You currently work between Lisbon, London and Warsaw, but you originally moved to Lisbon primarily to take part in an artistic residency. What can you tell us about this transition? **MD:** After the Brexit referendum, some said Berlin was the place to be, some Athens, some Vienna and some said Lisbon. I have always felt a great connection with Lisbon but I only made my final decision on the day my London landlord suddenly decided to end the contract on my home. I spontaneously flew to Portugal to surf with friends and then I found myself in an art residency. Three years have gone by and, even though I miss London's craziness, my mind is made up and I am finally focussed like never before.

"Monolith II" Skin Studies, 2016.



BJ: O seu trabalho amplia as convenções da fotografia; é esta a sua prática primordial que depois se expande para a escultura e instalação, incorporando as noções de arquitectura com as suas restrições e fluidez. Como descreve o seu exercício artístico? **MD:** O foco principal do meu trabalho é abordar o legado da arquitectura brutalista e a sua relação com o corpo, investigando noções de deslocação e de "habitação de órgãos". Investigo a noção de fisicalidade quebrada entre as pessoas, e, muitas vezes, represento o corpo abstraído e fragmentado, desprendendo-o e reformulando-o em novas estruturas. Tento confrontar, não só, os trabalhos fotográficos, mas, também os espectadores com as minhas enormes estruturas em betão, através das quais procuro ressoar a textura da pele, metamorfoseando e encarnando a consciência sensorial. [▲]

BJ: Your work expands the conventions of photography, this is your main practice that then develops to sculpture and installation, incorporating notions of architecture with its restraints and fluidity. How do you describe your artistic activity? **MD:** The main focus of my work is addressing the legacy of brutalist architecture and its relationship to the body, investigating notions of displacement and 'organ habitation'. I investigate the notion of broken physicality between individuals and often represent the abstracted, fragmented body, detaching and reformulating it into new structures. I try to confront not only the photographic works, but also viewers with my large concrete structures through which I aim to echo the texture of the skin, metamorphosing and embodying sensory consciousness. [▲]

DESAFIAR A TENSÃO ENTRE ESPAÇO E ESCULTURA – CHALLENGING THE TENSION BETWEEN SPACE AND SCULPTURE



www.fernandafragateiro.com

FERNANDA FRAGATEIRO

"A Cidade Incompleta".



▲Fernanda Fragateiro; ►"A Cidade Incompleta".



A arte de Fragateiro caracteriza-se por um grande interesse em repensar e sondar as práticas modernistas. A sua prática envolve uma arqueologia da história social, política e estética do modernismo através da investigação com matéria de arquivo, materiais e objectos.

Operando no campo tridimensional e desafiando a tensão entre a escultura e a arquitectura, as obras de Fragateiro potenciam as relações com cada lugar, aliando o espectador a uma situação performativa. As suas intervenções escultóricas e arquitectónicas em espaços inesperados e alterações subtis das paisagens existentes revelam histórias enterradas de construção e transformação.

Apresentou o seu trabalho inúmeras vezes a solo, em museus e instituições internacionais. A sua obra integra colecções importantes como, entre outras, CGAC, Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela; António Cachola, Elvas; Helga de Alvear, Cáceres; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Fundação de Serralves, Porto; Fundação EDP, Lisboa; Fundació la Caixa, Barcelona; Fundación Marcelino Botín, Santander; Fundación Neme, Bogotá; Jorge M. Pérez, Miami; MNCARS, Museo Reina Sofía, Madrid; Ella Fontanals-Cisneros, Miami; e Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, Viena, AT.

Fragateiro's art is distinguished by a profound interest in rethinking and probing modernist practices. Her practice involves an archaeology of the social, political and aesthetic history of modernism by means of research into archive matter, materials and objects.

Operating in the three-dimensional domain and challenging the tension between sculpture and architecture, Fragateiro's works enhance the relationships with each place, engaging the viewer in a performative situation. Her sculptural and architectural interventions found in unexpected spaces and subtle alterations of existing landscapes reveal buried histories of construction and transformation.

She has exhibited her work on numerous occasions as a solo artist, in museums and international institutions. Her work can be found in important collections such as CGAC, Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela; António Cachola, Elvas; Helga de Alvear, Cáceres; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon; Fundação de Serralves, Porto; Fundação EDP, Lisbon; Fundació "la Caixa", Barcelona; Fundación Marcelino Botín, Santander; Fundación Neme, Bogotá; Jorge M. Pérez, Miami; MNCARS, Museo Reina Sofía, Madrid; Ella Fontanals-Cisneros, Miami; and Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, Vienna, AT.

Alda Galsterer: Há alguns anos, disse que o que lhe interessa realmente "é pensar/trabalhar sobre o espaço". A sua mais recente exposição, inaugurada a 26 de Junho de 2021, chama-se "A Cidade Incompleta", segundo uma citação de Herberto Helder. Que parte da cidade transportou para dentro do espaço da sua exposição? **Fernanda Fragateiro:** A exposição começa cá fora, com o título "A Cidade Incompleta", pintado na fachada do edifício e inspirado em Herberto Helder, que dizia que as cidades são incompletas. A exposição é composta por obras produzidas nos últimos dez anos, à excepção de duas novas obras.

Em articulação com o Delfim Sardo, curador de "A Cidade Incompleta", procurei actuar em cada sala de forma a produzir um ambiente, uma atmosfera. As esculturas ocupam o espaço da exposição, mas permitem-nos ter uma experiência de vazio, de leveza, e de liberdade.

AG: O espaço público também foi sempre um território da sua obra. Lembro-me das obras no Land Art Cascais (2011), no jardim público de Vila Nova da Barquinha (2012), e ainda daquela intervenção incrível na antiga loja de Portimão (2008). Entre o espaço da paisagem natural e o espaço da cidade, onde se sente mais "em casa"? **FF:** Para mim, é tudo a mesma coisa. Não será a cidade uma forma de paisagem? Natureza, paisagem e construção devem ser compreendidas de forma articulada e não de forma separada. O que procuro é participar ou interferir nessa

Alda Galsterer: A few years ago, you said that what really interests you "is thinking about/working on space". Your most recent exhibition, inaugurated on 26th of June of 2021, is called "The Incomplete City", based on a quote from Herberto Helder. What part of the city did you transport into your exhibition space? **Fernanda Fragateiro:** The exhibition starts on the outside, with the title "The Incomplete City", painted on the building's façade and inspired by Herberto Helder, who said that cities are incomplete. The exhibition is comprised of works produced over the last ten years, with the exception of two new pieces.

In articulation with Delfim Sardo, curator of "The Incomplete City", I tried to operate in each room with the aim of producing an environment, an atmosphere. Although the sculptures occupy the exhibition space, they allow us an experience of emptiness, lightness and freedom.

AG: The public space has also always been a territory for your work. I remember the works in Land Art Cascais (2011), in the public gardens of Vila Nova da Barquinha (2012), and also that incredible intervention in the old Portimão fish lot (2008). Where do you feel most 'at home', in the natural landscape or the city? **FF:** For me it's all the same. After all, isn't the city a form of landscape? Nature, landscape and construction should be understood in an articulated way and not separately. What I attempt is to participate or interfere in this cultural construction, provoking gaps, attrition, or creating links and



▲ "A Cidade Incompleta": ► Atelier de Fernanda Fragateiro/*Fernanda Fragateiro's atelier.*



construção cultural, provocando brechas, atritos, ou criando ligações e tensões. A manipulação de espaços urbanos de modo a intensificar a tensão entre interior e exterior, público e privado, passado e futuro ou entre história e contemporaneidade, tudo isso está presente no meu trabalho.

Mas é óbvio que me interessa muito trabalhar fora do espaço protegido da galeria ou do museu e actuar em espaços públicos, abertos e acessíveis a todos. Procuo lugares onde as coisas possam ser vistas e partilhadas por todas as pessoas, sem que isso implique, à priori, o afastar de classes sociais que não têm acesso a espaços privilegiados. Quanto mais informais, mais livres do controlo do poder económico, político e social, melhor. Os espaços que estão nas margens, por serem difíceis de definir, são também mais difíceis de controlar, mais livres e surpreendentes.

AG: "No início estava a palavra..." Na sua obra, as palavras acumuladas em livros têm uma importância grande. Tão grande, que, repetidamente, os livros são base das suas obras. **FF:** Um dia, a conversar com a escritora Maria Gabriela Llansol, comentei que não lia exactamente os livros dela, mas caminhava dentro dos livros, tropeçava e caía dentro deles. Lia-os, como quem vagueia numa cidade sem usar mapa, e perdia-me neles, como quem se perde numa floresta escura. Para mim, a actividade da leitura não é uma coisa lúdica, que ocupa os meus tempos livres, mas sim uma actividade física, material, um trabalho. Uso os livros como se fossem tijolos, uso-os como matéria. Uso tanto o livro enquanto objecto como os conteúdos de um livro, convertidos em obra, como parte da obra, ou como investigação que antecede a obra.

tensions. The manipulation of urban spaces as a means of intensifying the tension between indoors and outdoors, public and private, past and future, or between history and contemporaneity, all this can be found in my work.

But it's obvious that I am really interested in working beyond the protected space of galleries and museums and performing in public spaces, that are open and accessible to all. I seek out places where things can be seen and shared by everyone, without this implying, a priori, the distancing of social classes that don't have access to privileged spaces. The more informal, the freer from the grip of economic, political and social power, the better. The spaces that are on the fringes, because they are difficult to define. They are also more difficult to control, freer and more surprising.

AG: "In the beginning was the word..." In your oeuvre, words accumulated in books are of great importance. So great, in fact, that books provide the basis for your work time and time again. **FF:** One day, while talking to the writer Maria Gabriela Llansol, I commented that I didn't exactly read her books, but I walked inside the books, stumbled and fell over within them. I read them, like someone wandering around a city without using a map, and I got lost in them, like someone who loses their way in a dark forest. For me, reading is not a leisure activity that occupies my spare time, but a physical activity, a material activity, a job. I use books as if they were bricks, I use them as matter. I use both the book as an object as well as the contents of a book, converted into an artwork, as part of the artwork, or as the research that precedes it. ▲

Até 16 de Janeiro de 2022 pode visitar a exposição "A Cidade Incompleta" de F. Fragateiro no MACE, Museu de Arte Contemporânea de Elvas. You can visit the exhibition "The Incomplete City" by F. Fragateiro at MACE, Museu de Arte Contemporânea de Elvas until 16 January, 2022. www.cm-elvas.pt/descobrir/cultura/museus/museu-de-arte-contemporanea

B a o b a b

COLLECTION



© Peter Lipmann

Borgia

www.baobabcollection.com

ALICJA KWADE BERLINISCHE GALERIE

18.09.2021 – 04.04.2022
www.berlinischegalerie.de

Inspirada por questões científicas, filosóficas e sociais, Alicja Kwade tornou-se numa das artistas mais requisitadas internacionalmente. Através de instalações em grande escala, a artista visual polonesa-alemã questiona as possibilidades do conhecimento objectivo e subjectivo, explorando modelos e construções que moldam a nossa percepção da realidade. In *Absence* foi projectada especificamente para a galeria Berlinische e centra-se pela primeira vez na própria artista e nos seus trabalhos mais recentes, podendo ser lida, de um modo amplo, através de auto-retratos. Procurando descrever a pessoa e a sua presença física no espaço, Kwade recorre ao seu próprio batimento cardíaco, código de ADN individual ou à combinação de elementos químicos que constituem uma pessoa.

Inspired by scientific, philosophical and social concerns, Alicja Kwade has become one of the most sought-after artists internationally. By way of her large-scale installations, the Polish-German visual artist poses questions the possibilities of objective and subjective knowledge, exploring models and constructs that mould our perception of reality. In *Absence* was specifically conceived for the Berlinische gallery and – for the first time – focusses on the artist herself and her most recent works, and can be read, in a broad sense, through self-portraits. Seeking to describe the person and their physical presence in space, Kwade draws on her own heartbeat, personal DNA code or the combination of chemical elements that make up a person.



Alcja Kwade, *Principium*, Detail, 2020, Courtesy of the artist; KÖNIG GALERIE, Berlin/ London/ Seoul/ Decentraland, Foto: Roman März

ALICJA KWADE ALICJA KWADE ALICJA KWADE

THE MAGRITTE MACHINE THYSSEN-BORNEMISZA NATIONAL MUSEUM

14.09.2021 – 30.01.2022
www.museothyssen.org

René Magritte (1898–1967) foi um dos principais artistas surrealistas belgas. Conhecido pelas suas obras provocativas, o seu trabalho procura mudar a percepção pré-condicionada da realidade e forçar o observador a tornar-se mais sensível ao que o rodeia. O museu nacional Thyssen-Bornemisza apresenta agora *The Magritte Machine*, a primeira retrospectiva dedicada ao pintor belga, desde a última exposição em 1989 pela Fundação Juan March. Com a curadoria do director artístico do museu Guillermo Solana, a exposição conta com mais de 95 obras e uma selecção adicional de fotografias e filmes, organizada por capítulos – os poderes do mágico, imagem e palavra, silhueta e fundo, pintura e janela, rosto e máscara, mimetismo e, finalmente, megalomania.

René Magritte (1898-1967) was one of Belgium's foremost Surrealist artists. Renowned for his provocative works, his oeuvre seeks to change our pre-conditioned perception of reality and compel the observer to become more sensitive to their surroundings. The Thyssen-Bornemisza national museum now presents *The Magritte Machine*, the first retrospective dedicated to the Belgian painter since the last exhibition in 1989 at the Juan March Foundation. Curated by Guillermo Solana – artistic director of the museum – the exhibition boasts over 95 works and an additional selection of photographs and films, organised into chapters: The Magician's powers, Image and word, Figure and background, Picture and window, Face and mask, Mimicry and, finally, Megalomania.



René Magritte, "Attempting the Impossible, 1928. Toyota Municipal Museum of Art, Toyota. Courtesy Ludion Publishers. René Magritte © VEGAP, Madrid, 2021.

THE MAGRITTE MACHINE THE MAGRITTE MACHINE

BOTTICELLI JACQUEMART-ANDRÉ MUSEUM

10.09.2021 – 24.01.2022
www.musee-jacquemart-andre.com

Sandro Botticelli (1445–1510), pintor italiano, foi um dos artistas renascentistas mais importantes de Florença, contribuindo para o desenvolvimento económico e mudanças profundas que transformaram o governo dos Médici. Conhecido pelas representações mitológicas e retábulos, a sua vida e actividade artística permanecem um mistério apesar de ser um dos artistas mais famosos da sua época. A exposição apresenta o artista italiano como criativo, empresário e mestre, e ilustra o desenvolvimento da actividade no seu estúdio, um laboratório de ideias e um local de formação característico da época. A exposição no museu Jacquemart-André, de ordem cronológica e temática, abrange ainda várias pinturas dos seus contemporâneos que foram influenciados pelo seu estilo.

The Italian painter Sandro Botticelli (1445-1510) was among the most important Renaissance artists in Florence, contributing to the economic development and profound changes that transformed the Medici government. Famed for his mythological representations and altarpieces, his life and artistic activity have remained a mystery despite the fact he was one of the most famous artists of his time. The exhibition presents the Italian artist as a creative, entrepreneur and master, and depicts the development of activity in his studio, a laboratory for ideas, as well as a place of training that was so characteristic of the period. The exhibition at the Jacquemart-André Museum – sequenced chronologically and thematically – also includes several paintings by contemporaries who were influenced by his style.



Alessandro Filipepi dit Botticelli (vers 1445 – 1510), *Retrato de Julien de Médicis/Portrait de Julien de Médicis*, circa 1478-1480, Bergame, Accademia Carrara © Fondazione Accademia Carrara, Bergamo

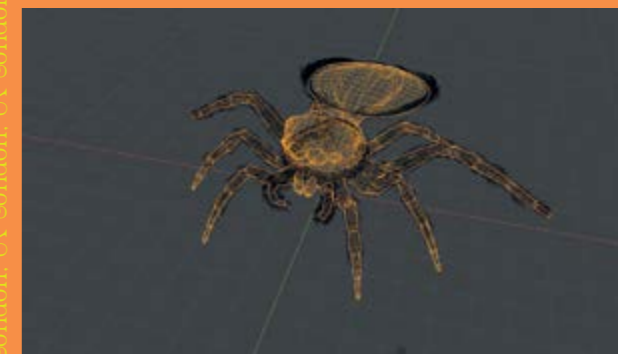
BOTTICELLI BOTTICELLI BOTTICELLI BOTTICELLI

TOMÁS SARACENO: WEBS OF LIFE SERPENTINE SOUTH GALLERY

19.06.2021 – 17.10.2021
www.serpentinegalleries.org

O artista contemporâneo Tomás Saraceno desafia as formas de habitar e sentir o ambiente, apelando para justiça ambientais que permitam a coabitação de espécies através das suas esculturas flutuantes, instalações interactivas e pesquisas realizadas pela comunidade Arachnophilia. O projecto *Webs of Life* convida-nos a mergulhar numa experiência interactiva de Augmented Reality, onde a espécie *Maratus* pode ser visualizada através do telemóvel em qualquer parte do mundo, em troca de uma fotografia de uma aranha ou da sua teia, e ainda será possível observar duas versões gigantes instaladas na galeria Serpentine South. A experiência visa chamar a atenção de todos para os habitats que as aranhas dependem para sobreviverem ao nosso dia-a-dia e aumentar a conscientização e recursos para a protecção da biodiversidade na era do aquecimento global.

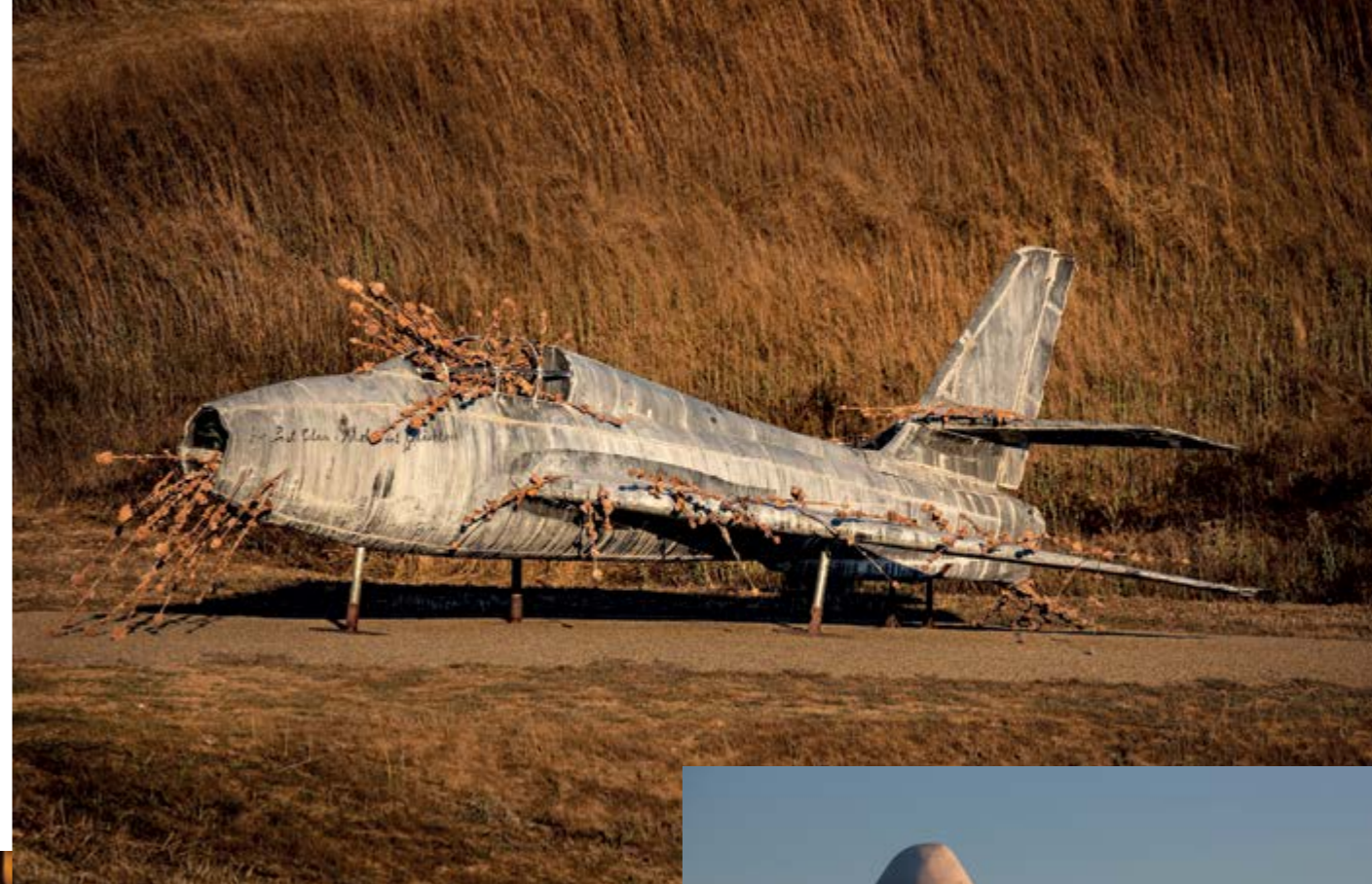
Contemporary artist Tomás Saraceno challenges our ways of inhabiting and feeling the environment, making a plea for environmental justice – that allows species to cohabit – through his floating sculptures, interactive installations and research carried out by the Arachnophilia community. *The Webs of Life* project invites us to delve into an interactive Augmented Reality experience, where the *Maratus* species can be viewed via mobile phone anywhere in the world, in exchange for a photo of a spider or its web, and two giant versions can also be found at the Serpentine South gallery. The experience aims to draw everyone's attention to the habitats that spiders depend on in order to survive in our daily lives and to also raise awareness and resources for biodiversity protection in this age of global warming.



Tomás Saraceno, *work in progress of Maratus speciosus*, Realidade Aumentada/Augmented Reality, 2021. Courtesy Tomás Saraceno and Acute Art

TOMÁS SARACENO WEBS OF LIFE TOMÁS SARACENO

DONUM HOME

California
USA

THE DONUM COLLECTION

- ▲ Zhan Wang, "Artificial Rock No126" 2007-13. Photo © Robert Berg.
- Richard Hudson, "Love Me", 2016. Photo © Gregory Gorman.
- ◀ David Thulstrup. Portrait © Irina Boersma.

THE DONUM COLLECTION

- ▲ Anselm Kiefer, "Mohn und Gedaächtnis", 2017. Photo © Gregory Gorman.
- Jaume Plensa, "Sanna", 2015. Photo © Robert Berg.



Vinho, terra e arte são os três motivos que nos levaram à aclamada região vinícola do condado de Sonoma, na Califórnia. Em causa está a propriedade Donum Estate com 200 hectares, que reúne uma instalação vinícola de última geração, uma quinta orgânica, uma das maiores colecções particulares de esculturas acessíveis no mundo, e a Donum Home, – um espaço desenvolvido pelo arquitecto Matt Hollis, do estúdio MH Architects, "onde os convidados podem apreciar as camadas do vinho Donum, num ambiente natural, e explorar a colecção de arte".

Na comemoração do vigésimo aniversário da Donum Estate, o arquitecto dinamarquês David Thulstrup reinterpretou a Donum Home pela sua visão holística, apresentando "um espaço honesto, simples e sem complexidades de design". Uma projecção arquitectónica que celebra a região onde se insere, pela utilização de matérias locais, e que se traduz no cruzamento entre a hospitalidade e a

Wine, land and art are the three reasons we headed for the acclaimed Sonoma County wine region in California. Our destination was the 200-acre Donum Estate, which combines a state-of-the-art winemaking facility, an organic farm, one of the largest private collections of accessible sculpture in the world, and Donum Home – a space developed by architect Matt Hollis from MH Architects studio, "where guests can savour the layers of Donum wine in a natural setting and explore the art collection."

To celebrate Donum Estate's 20th anniversary, Danish architect David Thulstrup reinterpreted Donum Home through his holistic vision, presenting "an honest, simple space devoid of design complexities". This architectural projection celebrates the region where it is set, by using locally-sourced materials, and embodies a combination of hospitality and the sensation of

sensação de nos sentirmos em casa, enaltecida através das peças de mobiliário personalizadas, como a mesa de pedra em granito da Califórnia ou jarra da artista dinamarquesa Lene Bødker.

Desta intervenção resulta a adição de três salas de degustação (num total de cinco salas), com vista para as colinas do sul de Sonoma, e a introdução de novas peças à colecção de arte Donum. Entre elas, os balões de vidro em tons predominantes vinícolas, de Jeppe Hein, revelam-se subtilmente pendurados no tecto, reflectindo as redondezas e ao mesmo tempo os convidados. Por outro lado, no alto da colina encontramos a escultura People Tree, do artista indiano, Subodh Gupta, que simboliza a vida. Uma experiência de hospitalidade contemporânea, onde "cada peça interage com a escala, natureza e imaginação", incentivando-nos a abrandar e a fugir à rotina do dia-a-dia. ▲

being at home, enhanced through the bespoke furniture, such as the California granite stone table or vase by Danish artist Lene Bødker.

The intervention has led to the addition of three wine-tasting rooms (in a total of five rooms), overlooking the hills of southern Sonoma, and the integration of new pieces of artwork in the Donum art collection. Among them, glass balloons in predominantly wine-like hues by Jeppe Hein are subtly revealed, suspended from the ceiling, simultaneously reflecting the surroundings and the guests. Then, at the crown of the hill, we find the People Tree sculpture by the Indian artist, Subodh Gupta, symbolising life. The Donum estate offers us an experience of contemporary hospitality, where "each piece interacts with scale, nature and imagination", urging us to slow down and escape the routines of daily life. ▲

◀ Keith Haring, "King and Queen", 1987. Photo © Gregory Gorman.

▼► Donum Home Estate. Photos © Eric Petschek.

Pág. dir./right page ▲ THE DONUM COLLECTION: Elmgreen&Dragset, "The Care of Oneself", 2017. Photo © Gregory Gorman

🖥️ Mais imagens na versão online.
More images on the online version.
www.attitude-mag.com





Pág. esq./left page ◀ Emery Gluck na/in the Paint Factory. Photo Courtesy PADA Studios. ▶ Parque industrial lado norte, 2019./Industrial Park North side, 2019. Photo Courtesy PADA Studios. ▼Exposição de Joana da Conceição./Exhibition by Joana da Conceição. Photo © Bruno Lopes.

Pág. dir./right page ◀ Roberto Rivadeneira: instalação site-specific na Paint Factory/site-specif installation in the Paint Factory. Photo Courtesy PADA Studios. ▲Exposição "O que não temos podemos criar"/"What we dont have, we can create" exhibition. Photo © Cláudio Ferreira.

Instalada no antigo parque industrial da Companhia União Fabril do Barreiro, um hub artístico em crescimento onde se localiza também o estúdio do artista Vhils, a PADA, organização fundada em 2018, proporciona aos artistas um espaço para desenvolverem a sua prática, interagirem com outros criativos e explorarem novas abordagens.

Através do programa de residências artísticas, no qual disponibilizam estúdios juntamente com um espaço de residência, nascem laços de interacção entre artistas nacionais e internacionais. Cada criativo poderá beneficiar do intercâmbio mútuo entre as formas de arte e o ambiente artístico da comunidade local, criando, assim, uma residência mais sustentável. Aberto a artistas de diferentes disciplinas, o programa convida os criativos a mergulharem no seu trabalho num ambiente único, um espaço estimulante que lhes permite trabalharem ao lado de artistas de todo o mundo. Instalados num parque industrial, os artistas têm, assim, a oportunidade de explorar novos materiais, ideias e práticas, através de uma abordagem *site-specific* inspirada na cena artística local.

Nos últimos três anos, a PADA trabalhou com mais de 180 artistas de mais de 20 países, contando com 135 residências e mais de 30 exposições. Todos os meses, as portas voltam a abrir-se para uma exposição colectiva que apresenta o trabalho desenvolvido pelos actuais artistas em residência. ▲

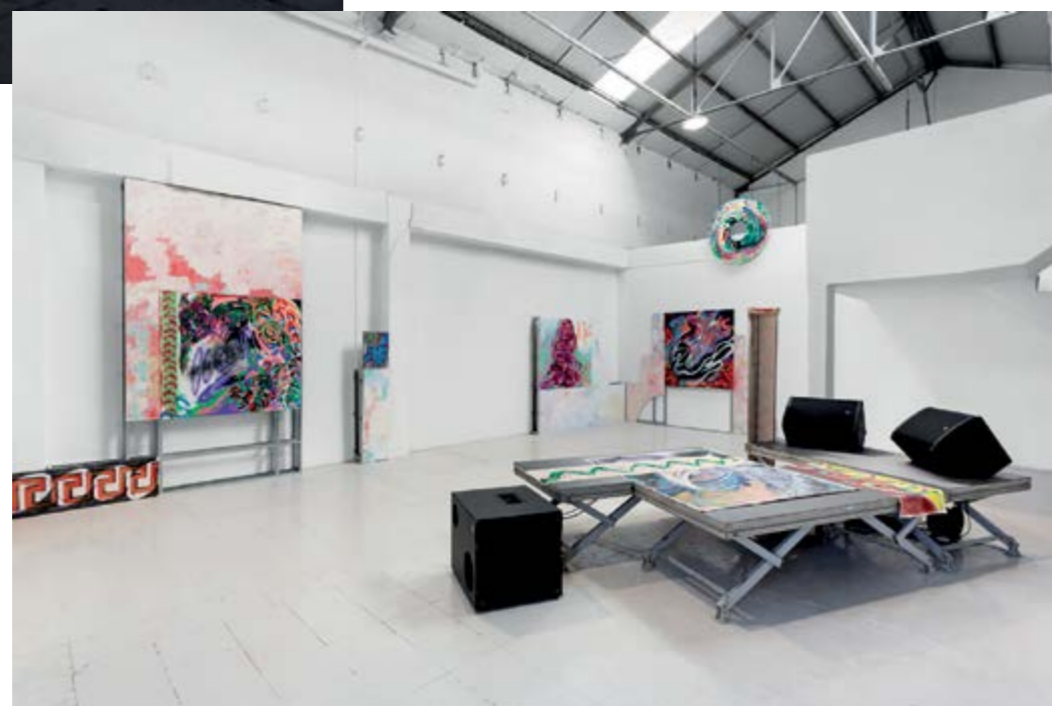
PADA, a growing artistic hub founded in 2018, is located on the former industrial estate of Companhia União Fabril do Barreiro, where the studio of the artist Vhils is also found. This organisation provides artists with a space to develop their practice, interact with other creatives and explore new approaches.

Through an artist residency programme that provides studios together with a residency space, interactive ties are born between national and international artists. Every creative can benefit from the mutual exchange between art forms and the artistic ambience of the local community, thus contributing a more sustainable residency. Being open to artists from different disciplines, the programme invites creatives to immerse themselves in their work within a unique environment – a stimulating space that allows them to work side by side with artists from all around the world. Set on an industrial estate, the artists are offered the opportunity to explore new materials, ideas and practices through a site-specific approach inspired by the local art scene.

Over the last three years, PADA has worked with more than 180 artists from over 20 countries, providing 135 residencies and hosting more than 30 exhibitions. Every month, the doors re-open for a group exhibition that showcases the work developed by the artists currently in residence. ▲

PADA STUDIOS

Barreiro
Portugal



CARPINTARIAS DE SÃO LÁZARO

Lisbon
Portugal



Inauguradas em 2017 e reabertas em 2019, após um período de obras, as Carpintarias de São Lázaro são o novo centro cultural da cidade de Lisboa. Passaram por aqui artistas visuais entre os quais Jorge Molder, Marina Abramović, Los Carpinteros ou Alfredo Jaar e, desde a sua abertura, o centro colaborou com várias instituições, festivais e iniciativas culturais como a Fundação Calouste Gulbenkian, FLAD, Fondazione Merz, Capital Ibero-Americana de Cultura 2017, BoCA (Bienal de Artes Contemporâneas), Indie Lisboa International Film Festival, Galleria Giorgio Persano, Trienal de Lisboa, RTP, Moda Lisboa, entre outros.

Inserido no casco histórico da capital portuguesa, entre duas praças emblemáticas, a Praça do Martim Moniz e a Praça do Campo Mártires da Pátria, junto ao bairro da Mouraria, numa zona onde, à tradição dos bairros lisboetas, foi acrescentada ao longo dos anos uma vibrante realidade multicultural, o centro cultural propõe a integração através da cultura, permitindo que a criatividade, a inovação e o cruzamento multidisciplinar criem oportunidades para reunir pessoas, comunidades e conhecimento. Um local de oportunidades que promove a cultura e as artes contemporâneas, das artes visuais à música, passando pelo teatro, a dança, o cinema e a gastronomia. Falámos com Fernando Belo, responsável pelo desenho do projecto e coordenação geral.

Renata Branco: Quando e como nasceu o Centro Cultural Carpintarias de São Lázaro? Fernando Belo: Tudo começou com o próprio edifício dos anos 20, dotado de uma fachada Art Déco, originalmente construído para acolher uma Carpintaria industrial. Na viragem do milénio, houve um grande incêndio que acabou com a sua actividade e transformou a Carpintaria numa autêntica ruína. O edifício recebeu obras de reabilitação ao nível da fachada principal e de reforço estrutural pelo Município, deixando o interior sem acessos verticais ou quaisquer outras infraestruturas. Surgiu então a oportunidade de criar a associação cultural sem fins lucrativos e apresentar uma proposta de um Centro Cultural multidisciplinar, através do concurso público internacional para a concessão do edifício.

Opened in 2017 and then reopened in 2019 after a renovation period, Carpintarias de São Lázaro is Lisbon's new cultural centre. Visual artists such as Jorge Molder, Marina Abramović, Los Carpinteros and Alfredo Jaar have all exhibited here and, since it was inaugurated, the centre has also collaborated with various institutions, festivals and cultural initiatives such as the Calouste Gulbenkian Foundation, FLAD, Fondazione Merz, Ibero-American Capital of Culture 2017, BoCA (Biennale of Contemporary Arts), Indie Lisboa International Film Festival, Galleria Giorgio Persano, Lisbon Triennial, RTP, Moda Lisboa, among others.

Located in the historic centre of the Portuguese capital, between two famous squares, Praça do Martim Moniz and Praça do Campo Mártires da Pátria, close to the Mouraria neighbourhood, in an area where the traditional daily life of Lisbon's neighbourhoods has been enriched over the years by a vibrant multicultural reality. The cultural centre proposes integration through culture, allowing creativity, innovation and multidisciplinary intersections to create opportunities for bringing people, communities and knowledge together. A place of opportunities that promotes culture and contemporary arts, from the visual arts to music, theatre, dance, cinema and gastronomy. We spoke to Fernando Belo, who is responsible for the project's design and general coordination.

Renata Branco: When and how was the Centro Cultural Carpintarias de São Lázaro born? Fernando Belo: It all started with the 1920's building itself, featuring an Art Deco façade, originally built to house an industrial carpentry shop. At the turn of the millennium, there was a major fire that put a stop to its activity and transformed the carpentry shop into an outright ruin. The building underwent rehabilitation work on its main façade and structural reinforcement by the City Council, leaving the interior without any vertical accesses or any other infrastructures. Then the opportunity arose to create the non-profit cultural association and to present a proposal for a multidisciplinary Cultural Centre, through the international public tender for the concession of the building.



Nesta dupla: várias perspectivas das Carpintarias de São Lázaro; Fernando Belo. / This spread: various perspectives from the Carpintarias de São Lázaro; Fernando Belo.

Pág. esq./left page ▶ Jorge Molder, "Jeu 54 cartes", 2019. Photo ©Vasco Stocker Vilhena.
▼ James Newitt, "Fossil" 2020. Photo © Ana Malta.

Pág. dir./right page ▲ Gustavo Sumpta, Performance "Sempre em Pé", 2020.
▼ AiR Carpintarias, Camila Lobos Díaz, Zona Fronteira 2020.
▼ Concerto microMACRO 2020, residência artística Music Buskers, 2020./ microMACRO 2020 concert, artistic residency Musicbuskers2020. Photos ©Eduardo Sousa Ribeiro.



Em 2014, iniciámos os processos relacionados com a adaptação do edifício à sua vocação e, em 2017, pareceu-nos importante marcar o terreno cultural da cidade, apresentando duas grandes exposições internacionais: "Los Carpinteros", com Showroom, e Alfredo Jaar, com Shadows. As Carpintarias de São Lázaro ganharam rapidamente notoriedade e passaram a fazer parte dos circuitos culturais da cidade. Concluídas as obras, reabrimos em Janeiro de 2019, com uma programação muito diversificada. No final de 2019, as Carpintarias receberam mais de 40.000 visitantes.

RB: Qual a missão e visão das Carpintarias de São Lázaro? FB: É um projecto em construção permanente, que incentiva o cruzamento das diversas áreas numa perspectiva de contaminação, complementando a realidade da oferta cultural da cidade. Tentamos ainda criar as condições para sermos uma ponte de entendimento e de compreensão entre a criação contemporânea e um universo alargado e diversificado de pessoas. Acompanhamos os criadores nos diferentes níveis de desenvolvimento das suas carreiras e, por isso, utilizamos como ferramentas de pesquisa e criação as nossas residências artísticas.

RB: O que poderemos esperar de futuro das Carpintarias? FB: Para o público, um espaço aberto à cidade com todas as suas valências que permite ao visitante "perder-se" durante um dia inteiro, num equilíbrio perfeito entre criação, tradição e sofisticação que cruza os universos das culturas envolventes. Para a equipa, um projecto que será sempre um desafio permanente à nossa criatividade, capacidade de aprendizagem e de concretização. Um projecto capaz de criar raízes profundas na vida cultural da cidade e que poderá continuar a existir para além dos seus fundadores. ▲



In 2014, we began the procedures related to the adaptation of the building to its new vocation and, in 2017, it seemed important to us to make a mark on the cultural landscape of the city, presenting two major international exhibitions: "Los Carpinteros", with Showroom, and Alfredo Jaar, with Shadows. The Carpintarias de São Lázaro was soon in the limelight and became part of the city's cultural circuits. Once the renovation work was completed, we re-opened in January 2019, with a very diverse programme. By the end of 2019, The Carpintarias had received more than 40,000 visitors.

RB: What is the mission and vision of Carpintarias de São Lázaro? FB: It is a project under constant construction, which encourages the crossover between various areas in a perspective of 'contamination', complementing the reality of the city's cultural offerings. We also try to create the conditions to act as a bridge of understanding between contemporary creation and a wide and diversified universe of people. We accompany creators at different stages of their career development and, because of that, we use our artistic residencies as a research and creation tool.

RB: What can we expect from Carpintarias in the future? FB: For the public, a space open to the city with all its assets that allows the visitor to "lose themselves" for a whole day, in a perfect harmony between creation, tradition and sophistication that brings together the universes of the surrounding cultures. For the team, a project that will always be a permanent challenge to our creativity, capacity for learning and achievement. A project capable of establishing deep roots in the city's cultural life and that may continue to exist beyond its founders. ▲



Nesta página/This page: obras de/artworks by Dan Coopey. Pág. dir./Right page: ►Fachada/Façade CAMA; ►►João Azinheiro.



CAMA

São Paulo
Brazil

Desde 2015 que a Kubik tem uma forte ligação com o Brasil. Fui convidado para fazer a programação de uma galeria paulista que tinha um artista em comum com a Kubik, o Ricardo Alcaide, durante seis meses. Com a Kubik a funcionar em simultâneo no Porto, fui para São Paulo e desenvolvi esse projecto que acabou por se prolongar durante uns meses. Quatro anos depois, ainda estava em São Paulo e, apesar de não ser o meu foco inicial, interessei-me pela arte latino-americana, o que fez com que surgissem outras colaborações – com a Galeria Luisa Strina, por exemplo –, mas também a oportunidade de expor artistas portugueses no Brasil e de conhecer novos artistas para mostrar em Portugal. É o caso de Dan Coopey, que conheci na Pivô, expôs na Kubik, em 2017, e é agora representado por nós –, tornando-se, assim, na nossa primeira mostra no espaço CAMA.

O CAMA surge no final de 2019, antes da pandemia, num suporte digital que acabaria por se transformar num projecto comum do qual fazem parte quatro galerias – Cavallo, Casanova, Kubik e Periscópio – e uma editora, a 55SP. Esta presença mais permanente, do outro lado do Atlântico, é fundamental para que a Kubik tenha um pólo que permita

Kubik has enjoyed a strong connection with Brazil since 2015. I was invited to create the programme for a São Paulo gallery for six months. The gallery worked with an artist in common with Kubik, Ricardo Alcaide. With Kubik operating simultaneously in Porto, I went to São Paulo and developed that project, which ended up lasting several months. Four years later, I was still in São Paulo and, although it wasn't my initial focus, I became interested in Latin American art, which led to other collaborations – such as with Galeria Luisa Strina – as well as the opportunity to exhibit Portuguese artists in Brazil and to meet new artists to show in Portugal. This is the case of Dan Coopey – who I met at Pivô, exhibited at Kubik in 2017 and who is now represented by us – thus becoming our first exhibition in the CAMA space.

CAMA emerged in late 2019, before the Covid-19 pandemic in a digital medium which would evolve into a joint project that includes four galleries – Cavallo, Casanova, Kubik and Periscópio – and a publishing house called 55SP. This more permanent presence, on the other side of the Atlantic, is vital for Kubik to have a nucleus that allows it to present the work of

mostrar o trabalho dos artistas numa dimensão maior, mais equilibrada, com outro foco. O projecto CAMA resulta da colaboração entre agentes do mercado da arte, uma partilha de um espaço expositivo que contempla uma intensa programação de exposições colectivas, individuais, eventos e o acervo das galerias parceiras. A casa, localizada na Vila Modernista de Flávio de Carvalho, coabita com outras galerias importantes do panorama artístico brasileiro.

Com o CAMA em São Paulo, abrem-se novas perspectivas e damos seguimento a um trabalho que já tínhamos iniciado há cinco anos. A pandemia veio clarificar outras situações que adensaram este processo de continuidade e que se tornaram importantes para solidificarmos os projectos que temos em mão. Para a programação do próximo ano, surgem nomes como Flávia Vieira, António Olaio, Pedro Tudela, Pedro Vaz e Sérgio Fernandes. Ainda este ano, apresentaremos o trabalho da Manoela Medeiros, que recentemente expôs na Kubik, no Porto. [▲]

artists in a larger, more balanced dimension and with a different focus. The CAMA project is the result of collaboration between agents of the art market, the sharing of an exhibition space that includes an intensive programme of collective and individual exhibitions, events and the collections of the partner galleries. The house, located in the Modernist Villa designed by Flávio de Carvalho, operates alongside other important galleries on the Brazilian art scene.

With CAMA in São Paulo, new vistas are opened and we move forward with this project that we started five years ago. The pandemic has shed light on other situations that have intensified this ongoing process and that have become important for us to consolidate the projects we have underway. Next year's programme features names like Flávia Vieira, António Olaio, Pedro Tudela, Pedro Vaz and Sérgio Fernandes. This year, we are still going to present the work of Manoela Medeiros, who has already been exhibited at Kubik, in Porto. [▲]



MUSEUM OF CONTEMPORARY ART HELGA DE ALVEAR

Cáceres
Spain



▲ Helga de Alvear com trabalho/*with artwork* "Faux Rocks", 2006, de/by Katharina Grosse. Photo © Luis Asin.
◀ Vista exterior do Museu/*Exterior View of the Museum*. Photo © Joaquín Cortés.



🖥️ Mais imagens na versão online.
More images on the online version.
www.attitude-mag.com

O novo Museu Helga de Alvear em Cáceres tem como missão recordar-nos que a arte é um motor essencial para continuarmos a olhar o futuro. Um espaço para toda a sociedade, destinado à reflexão, educação e desenvolvimento comunitário através do diálogo com a arte contemporânea.

Em 2021, abrem as portas do novo edifício, assinado pelo aclamado estúdio Tuñón Arquitectos, um espaço concebido especificamente para acolher a Coleção Helga de Alvear, considerada uma das coleções de arte contemporânea internacionais mais relevantes na Europa, e em todo o mundo. O que costumava ser o Centro de Artes Visuais Helga de Alvear, inaugurado em 2010 e limitado a um edifício Art Nouveau reabilitado, será agora transformado no Helga de Alvear Museu de Arte Contemporânea, uma instituição cultural que permitirá alcançar o sonho de tornar a arte contemporânea acessível a toda a população e gerações futuras.

The mission of the new Helga de Alvear Museum in Cáceres is to remind us that art is an essential vehicle for continuing to look towards the future. A space for all of society, aimed at reflection, education and community development through dialogue with contemporary art.

The new building, signed by the acclaimed Tuñón Arquitectos studio, will be inaugurated in 2021. The space has been purposefully designed to house the Helga de Alvear Collection, considered to be one of the most significant international contemporary art collections in Europe and the world. What previously used to be known as the Helga de Alvear Visual Arts Centre – opened in 2010 and limited to a refurbished Art Nouveau building – will now become the Helga de Alvear Museum of Contemporary Art, a cultural institution that will help fulfil the dream of making contemporary art accessible to the entire population and to future generations.

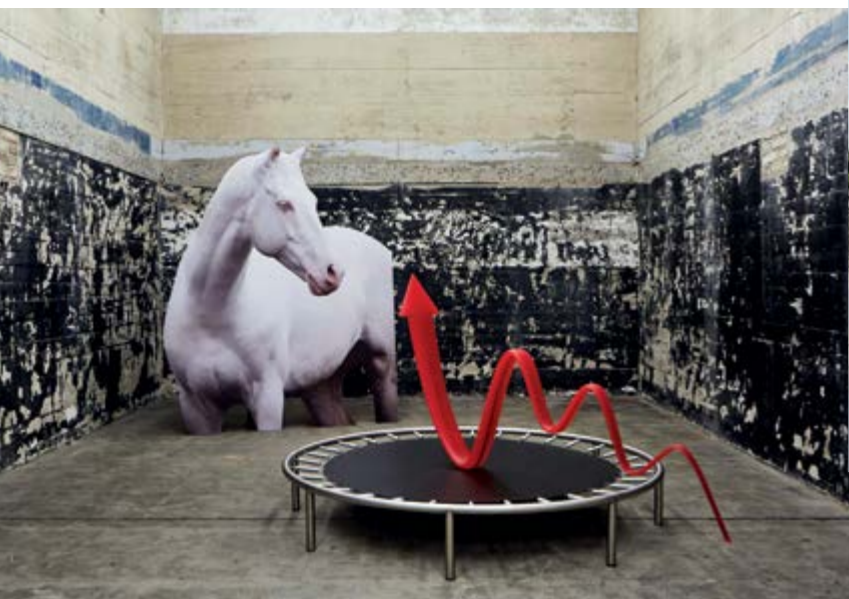
▲ "Descending Light", 2007, Ai Weiwei. Photo © Luis Asin.
▶ "The Family", 2003, Louise Bourgeois. + Sem título/*Untitled* (Três figuras pequenas/*Three Small Figures*), 1998, Juan Muñoz. "Powerless Structures, Fig. 329", 2012, Elmgreen & Dragset.
◀ "Papel Moneda", 2007, Ignasi Aballí + "Pavilion for showing Rock Videos/Films (Design I)", 2012, Dan Graham. + "100%", 2008, Albert Oehlen. Photos © Joaquín Cortés.

Com mais de 3000 m² de espaço de exposição e quase 8000 m² de superfície total, o Museu Helga de Alvear tem agora uma dimensão adaptada às necessidades de uma galerista e da sua vasta coleção, refletindo bem a sua paixão e compromisso com a arte contemporânea. Com efeito, desde Fevereiro que é possível testemunhar uma pequena fracção desse espólio surpreendente: a exposição inaugural acolhe apenas 5% do volume que será doado pela colecionadora, e reúne no mesmo espaço um conjunto entusiasmante de mais de 100 vozes criativas de 26 cantos do globo – do Vietname à Venezuela, passando por África do Sul, Hungria ou Brasil –, com nomes como Olafur Eliasson, Picasso, Ai Weiwei, Kandinsky ou Helena Almeida a marcar presença. ▲

With more than 3000 m² of exhibition space and almost 8000 m² of total surface area, the Helga de Alvear Museum now boasts a scale adapted to the needs of a gallerist and her vast collection, fully reflecting her passion and commitment to contemporary art. In fact, since February it has been possible to view a small fraction of this remarkable collection: the inaugural exhibition hosts only 5% of the volume that will be donated by the collector, and brings together all under the same roof an inspiring collection of more than 100 creative spirits from 26 corners of the globe – including Vietnam, Venezuela, South Africa, Hungary and Brazil – featuring artists such as Olafur Eliasson, Picasso, Ai Weiwei, Kandinsky and Helena Almeida. ▲

BOROS COLLECTION

Berlin
Germany



◀ Katja Novitskova, *Pattern of Activation*, 2014.
▲ Edifício/*Building Boros Collection*, Berlin.



▲ Instalação com trabalhos de /*Installation with artworks by Michel Majerus*.
▶▲ Karen e/and Christian Boros
▶ Yngve Holen, "Hater Headlight" (branco/white), 2016 e/and Hater Headlight (vermelho/red), 2016.
▶▶ Sergej Jensen, "Social-liberal Abstraction", 2015 e/and Justin Matherly, "Sniffing for every jungle (e.t.s.p.n.g.l.)", 2013.

A Coleção Boros é uma coleção privada de arte contemporânea, criada por Karen e Christian Boros em Berlim. O casal transformou um bunker de alta segurança do Terceiro Reich num espaço contemporâneo que, não só alberga a sua enorme coleção de arte contemporânea, mas, também, a sua casa, uma penthouse toda em vidro construída no topo da cobertura do edifício antigo (responsável desta transformação é o conhecido arquiteto alemão Jens Casper).¹

Uma construção de uma memória ainda bem presente, onde os buracos das balas das lutas de rua do final da Segunda Guerra Mundial continuam visíveis na fachada e relembram o passado. A arquitetura interveio na construção histórica e criou um resultado surpreendente: 3000 metros quadrados transformados em espaço expositivo e casa particular, numa construção espacial que, como diz o crítico de arquitetura Niklas Maak, é uma das construções espaciais que certamente faz parte dos mais excitantes edifícios de arte do nosso tempo.

Karen, VIP relations da Art Basel, e Christian, fundador da agência de publicidade BOROS, encontraram-se tarde, como disseram numa entrevista à plataforma Freunde von Freunden, mas foi claramente um encontro feliz: os seus gostos confluem, não só na vida mas, também, na arte, potenciando-se um ao outro.

The Boros Collection is a private contemporary art collection created by Karen and Christian Boros in Berlin. The couple have transformed what was once a high-security Third Reich bunker into a contemporary space that not only houses their enormous collection of contemporary art, but also their home, an all-glass penthouse built on the roof of the old building (the well-known German architect Jens Casper is responsible for this transformation).

A building with a memory that is still very visible, where the bullet holes from the street fighting at the end of the Second World War can still be seen on the façade and serve as a reminder of the past. The architectural intervention on this historical building has yielded a surprising result: 3000 square metres transformed into exhibition space and a private residence, in a spatial construction that according to the architecture critic Niklas Maak, is one of the most exciting art buildings of our time.

Karen, VIP relations at Art Basel, and Christian, founder of the BOROS advertising agency, met rather late, as they confided in an interview with the Freunde von Freunden platform, but it was evidently a very fortunate meeting: their tastes converge, not only in life but also in relation to art, strengthening each other.

A sua coleção, que tem vindo a ser apresentada em ciclos anuais de 2008-2012, 2012-2016, integra ainda, desde 2017, artistas como Ai Weiwei, Andreas Eriksson, Anselm Reyle, Cerith Wyn Evans, Cosima von Bonin, Danh Vo, Dirk Bell, Elmgreen & Dragset, Florian Meisenberg, John Bock, Kitty Kraus, Manfred Pernice, Manuela Leinhoß, Mark Leckey, Monika Sosnowska, Olafur Eliasson, Rirkrit Tiravanija, Santiago Sierra, Sarah Lucas, Roman Ondák, Stephen G. Rhodes, Tobias Rehberger, Thomas Ruff, Tomás Saraceno e Wolfgang Tillmans, entre outros. As 15.000 visitas guiadas aos mais que 600.000 visitantes, desde a sua abertura, dão conta do sucesso desta coleção de arte, onde o edifício imponente, a sua incrível história e a sua transformação contemporânea são claramente fatores que justificam o seu êxito junto do público.

Atualmente, a exposição *Sammlung Boros #3* conta com obras dos artistas Martin Boyce, Andreas Eriksson, Guan Xiao, He Xiangyu, Uwe Henneken, Yngve Holen, Sergej Jensen, Daniel Josefsohn, Friedrich Kunath, Michel Majerus, Fabian Marti, Kris Martin, Justin Matherly, Paulo Nazareth, Peter Piller, Katja Novitskova, Pamela Rosenkranz, Avery Singer e Johannes Wohnseifer. ▲

Their collection, which has been presented in annual cycles from 2008-2012, 2012-2016, has also, since 2017, incorporated artists such as Ai Weiwei, Andreas Eriksson, Anselm Reyle, Cerith Wyn Evans, Cosima von Bonin, Danh Vo, Dirk Bell, Elmgreen & Dragset, Florian Meisenberg, John Bock, Kitty Kraus, Manfred Pernice, Manuela Leinhoß, Mark Leckey, Monika Sosnowska, Olafur Eliasson, Rirkrit Tiravanija, Santiago Sierra, Sarah Lucas, Roman Ondák, Stephen G. Rhodes, Tobias Rehberger, Thomas Ruff, Tomás Saraceno and Wolfgang Tillmans, among others. The 15,000 guided tours and over 600,000 visitors since its inauguration prove the success of this art collection, where the massive building, its astonishing history and its contemporary transformation are clearly factors that contribute to its success with the public.

The *Sammlung Boros #3* exhibition is currently displaying works by the artists Martin Boyce, Andreas Eriksson, Guan Xiao, He Xiangyu, Uwe Henneken, Yngve Holen, Sergej Jensen, Daniel Josefsohn, Friedrich Kunath, Michel Majerus, Fabian Marti, Kris Martin, Justin Matherly, Paulo Nazareth, Peter Piller, Katja Novitskova, Pamela Rosenkranz, Avery Singer and Johannes Wohnseifer. ▲

¹ A 1 de Julho de 2007, a revista *The Art Newspaper* escreve "Nazi Bunker transformed" e acrescenta que "não é um espaço de exposição típico "cubo branco, muitas obras em vista serão específicas do local." E ainda: "não há isolamento térmico nem ar condicionado; é mais como um espaço experimental rudimentar."

¹ On 1 July 2007, *The Art Newspaper* writes "Nazi Bunker transformed" and adds that "it is not a typical "white cube" exhibition space, many works on view will be site-specific." It goes on: "there is no thermal insulation or air conditioning; it's more like a rudimentary experimental space."

MUSEU MUNICIPAL AMADEO DE SOUZA-CARDOSO

Amarante
Portugal



Nesta dupla, da esquerda para a direita, obras de *this spread*, from left to right, artworks by: Sandra Baia, Cristina Massena, Nikias Skapinakis, Alicia Eggert.

Instalado num antigo convento dominicano, anexo à Igreja de São Gonçalo de Amarante, o Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso congrega em si mesmo diversas tendências da arquitectura portuguesa. Unificando linguagens distintas por meio de uma intervenção assinada por Alcino Soutinho, que lhe conferiu também um ar de modernidade em consonância com o seu patrono – Amadeo de Souza-Cardoso –, o Museu constitui uma paragem obrigatória e um dos importantes motivos para visitar a cidade de Amarante.

O seu acervo é composto por colecções de arte portuguesa moderna e contemporânea, de onde se destacam obras de Amadeo de Souza-Cardoso, António Carneiro, Júlio Resende, Manuel Cargaleiro, Nadir Afonso, Vieira da Silva e José Guimarães. Existe também um núcleo de arqueologia de origem concelhia e os célebres "diabos de Amarante".

Installed in a former Dominican convent, attached to the church of São Gonçalo de Amarante, the Amadeo de Souza-Cardoso Municipal Museum brings together several trends in Portuguese architecture. Unifying its distinct languages through the project signed by Alcino Soutinho, which also lends it an air of modernity in keeping with its namesake – Amadeo de Souza-Cardoso – the Museum is a must-see and one of the important reasons to visit the city of Amarante.

The collection is comprised of modern and contemporary Portuguese art collections, with highlights including works by Amadeo de Souza-Cardoso, António Carneiro, Júlio Resende, Manuel Cargaleiro, Nadir Afonso, Vieira da Silva and José Guimarães. There is also a nucleus of archaeological artefacts discovered in the surrounding district, not to mention the celebrated "devils of Amarante".

Contudo, o núcleo de obras de Amadeo constitui uma das partes mais importantes do espaço museológico e a forma como é feita a aproximação à sua obra torna-a num "instrumento de uma pedagogia da modernidade, com os percursos visíveis do Cubismo à Abstracção, com as notícias do Futurismo, as marcas do Expressionismo e as premonições do Dadaísmo e seus absurdos", descreve a Direcção Geral do Património Cultural sobre este espaço.

Citando o extinto Director do Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, Professor Doutor António Cardoso, "o Museu congrega um conjunto de artistas fundamentais para o entendimento da Arte Moderna e Contemporânea Portuguesa e, em função do seu espaço físico, é um belíssimo exemplo de arquitectura, da Renascença ao modernismo, do arquitecto Alcino Soutinho".¹

However, the core of Amadeo's oeuvre forms one of the most important sections of the museum space. The approach taken to his work transforms it into "a pedagogical instrument on modernity, with visible paths from Cubism to Abstraction, with the approach of Futurism, the marks of Expressionism and the premonitions of Dadaism and its absurdities", as described by the Directorate-General of Cultural Heritage.

Quoting Professor António Cardoso – former Director of the Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso – "the Museum brings together a group of artists who are essential to the understanding of Portuguese Modern and Contemporary Art and, because of its physical space, it is a beautiful example of architecture stretching all the way from the Renaissance to Modernism, brought together by the architect Alcino Soutinho."¹

GALERIA VERA CORTÊS

Lisbon
Portugal

▼ Galeria com exposição de Carlos Bunga/
Gallery with Carlos Bunga exhibition.
► Vera Cortês.



Vera Cortês fez um percurso calmo e seguro. Depois de uma carreira que a levou a Espanha e a gerir mais de 40 lojas de moda, teve a certeza de que não seria esse o caminho a percorrer e acabou por trabalhar com o afamado galerista lisboeta Luís Serpa durante dois anos. Uma boa bagagem que viria a despoletar a criação de uma agência de arte sem espaço próprio, dedicada ao desenvolvimento de projectos expositivos assinados por artistas emergentes. Em 2006, expandiu o programa e abriu uma galeria com o objectivo de criar mais oportunidades e estabelecer colaborações contínuas e de longa duração com os artistas, promovendo a arte contemporânea.

Ao longo de 15 anos de galeria criaram-se relações longas com artistas como Gabriela Albergaria, que assumiu o risco de trabalhar com Vera, mesmo quando o projecto ainda era uma agência. Num universo artístico como o de Lisboa, era um *abandar das fundações*, e foi isso mesmo que chamou a atenção da artista que ainda hoje trabalha com Cortês. Alexandre Farto, por exemplo, foi também “um enorme risco”, considerando que tinha apenas 16 anos quando começaram a colaborar. Hoje, o artista com vasta obra internacional prova a garra e força desta galerista portuguesa. Vera Cortês tem um olho informado e selecti-

Vera Cortês has trod a calm and stable path. After a career that took her to Spain where she managed over 40 fashion shops, she realised that this was not the route she wanted to take after all and ended up spending two years working with the well-known Lisbon gallery owner Luís Serpa. This sound background would lead to the creation of an art agency without a dedicated space, specialising in the development of exhibition projects signed by up-and-coming artists. In 2006, she expanded the programme and opened a gallery with the objective of creating more opportunities and establishing ongoing and long-term collaborations with artists, promoting contemporary art.

Over the gallery's 15 years, lasting relationships have been created with artists such as Gabriela Albergaria, who took a gamble on working with Vera, even when the project was just an agency. In an arts environment like Lisbon's, it represented a shaking up of its foundations, and it was precisely this that captured the attention of the artist who still works with Cortês to this day. Alexandre Farto, for example, was also “a huge risk”, considering he was only 16 when they started working together. Today, the artist with a vast international oeuvre is proof of the verve and strength of this Portuguese gallerist. Vera Cortês has an informed and selective eye that guides her meticulous

“A ARTE DEVE FAZER PARTE DA VIDA DE CADA UM.” – “ART SHOULD BE PART OF EVERYONE'S LIFE.”

vo que guia a cuidadosa escolha dos artistas que formam parte da sua galeria: Daniel Blaufuks, João Louro, João Queiroz, José Pedro Croft, António Bolota, Carlos Bunga, Angela Detanico/Rafael Lain ou Daniel Gustav Cramer são alguns dos nomes da lista que conta agora com duas dezenas de artistas e cujo trabalho abrange um vasto espectro de disciplinas.

Afirma que “a arte deve fazer parte da vida de cada um”, e que a colaboração com os artistas e a visita regular aos ateliers é o que a move e o que realmente gosta de fazer. Um trabalho a que se propõe diariamente, e que passa pela definição de estratégias de carreira em equipa, de internacionalização, da aquisição das obras por parte de museus e de colecções de referência, ou, ainda, da edição de publicações.

O pulso forte de Vera Cortês dirige, com certeza, o caminho que escolheu fazer. Já passou por crises que a levaram a questionar o mercado, mas nunca cedeu, procurando sempre novos públicos e novos coleccionadores. Leva regularmente a galeria a participar em feiras internacionais como a ARCOmadrid, ArteBA, em Buenos Aires, Artissima, em Torino, Frieze London ou Armory Show, em Nova Iorque, entre outras, construindo um posicionamento dinâmico a nível internacional e de fortes fundações a nível local. ▲

choice of artists who are part of her gallery: Daniel Blaufuks, João Louro, João Queiroz, José Pedro Croft, António Bolota, Carlos Bunga, Angela Detanico/Rafael Lain and Daniel Gustav Cramer are some of the names on a list that now boasts two dozen artists whose work covers a wide spectrum of disciplines.

She maintains that “art should be part of everyone's life”, and that working with artists and regularly visiting their studios is what inspires her and what she truly enjoys. This is the work she dedicates herself to on a daily basis and which includes defining career strategies as a team, internationalisation, the acquisition of works on behalf of museums and renowned collections, and even publishing.

Vera Cortês's determined attitude certainly steers the path she has chosen to follow. Although she has already been through crises which made her question the market, she has never given up, always seeking new audiences and new collectors. She regularly takes the gallery to international fairs such as ARCOmadrid, ArteBA in Buenos Aires, Artissima in Turin, Frieze London and the Armory Show in New York, among others, building a dynamic international reputation with strong local roots. ▲





LX
LAPA

Lisbon
Portugal




Foi em Abril que a concept store LX Lapa decidiu ocupar os dois andares de um palacete dos anos 20 e uma sala do edifício contíguo, em Lisboa. Um hobby que se transformou numa área de negócio, e que resulta agora numa interpretação contemporânea da história que antes habitava este edifício – a comunidade de jesuítas portuguesas e a sede e biblioteca da revista Brotéria.

O projecto assinado pelos hoteleiros Sérgio e Filipa Cândido Pinheiro inspira-se em três pilares fundamentais: mobiliário, arte e plantas. Sob a premissa de "prolongar a vida destes objectos, num claro caminho de preservação e atenção à sustentabilidade", o casal recupera achados e peças icónicas, algumas de designers de referência. Na totalidade dos seus 2300m², seiscentos e cinquenta são preenchidos com novas vivências, adquiridas em vários cantos do mundo, como as cadeiras Cognac Leather Safari, que Karin Moberg desenhou para a Ikea, em 1974, e as Spider Table desenhadas por Jindrich Halabala.

Como elemento unificador de cada uma das 16 salas deste "imaginário de habitação", somam-se acessórios, arte e plantas, estas últimas apresentadas como "esculturas vivas e organismos purificadores de ar". Obras cuidadosamente seleccionadas em parceria com a Galeria Filomena Soares, e trabalhos de jovens artistas emergentes descobertos em ateliers da cidade, como as fotografias de Inês Mendes Leal, dão corpo à galeria de arte no segundo edifício, um espaço dedicado ao trabalho de jovens artistas, nacionais ou estrangeiros, a residir em Portugal. Neste novo conceito que promove a criação, "todas as peças têm vida efémera, podendo ser substituídas por outras quando ganharem uma nova morada." [▲]

◀ Filipa e/and Sérgio Cândido Pinheiro.



 Mais imagens na versão online.
 More images on the online version.
www.attitude-mag.com



▶ Curadoras do espaço/gallery curators:
 Delfina Sena e/and Carolina Pelletier Fontes.

It was in Lisbon, this April, that the LX Lapa concept store decided to move into the two floors of a 1920s mansion as well as a room in the adjoining building, in Lisbon. A hobby-turned-business which has now led to a contemporary interpretation of the history that once filled this building – the Portuguese Jesuit community, the headquarters and library of the Brotéria magazine.

The project created by the hotel entrepreneurs Sérgio and Filipa Cândido Pinheiro is inspired by three fundamental cornerstones: furniture, art and plants. Guided by the premise of "prolonging the life of these objects, as part of a clear commitment to preservation and attention to sustainability", the couple reclaim discoveries and iconic pieces, some by well-known designers. Over the 2300m² of the premises, six hundred and fifty of these are packed with new experiences, procured from various corners of the world, such as the Cognac Leather Safari chairs that Karin Moberg designed for Ikea in 1974, and the Spider Table designed by Jindrich Halabala.

The unifying element running through each of the 16 rooms in this "imagined living space" are accessories, art and plants, the latter presented as "living sculptures and air purifying organisms". Works carefully selected in partnership with Galeria Filomena Soares, as well as works by young up-and-coming artists discovered in ateliers across the city, such as the photographs by Inês Mendes Leal, are featured in the art gallery located in the second building – a space dedicated to the work of young artists both national and foreign, living in Portugal. In this new concept that promotes creation, "all the pieces have an ephemeral life, and can be replaced by others as soon as they find a new home." [▲]





Laurence Leenaert.

LRNCE

Marrakech Morocco

Sedeado em Marraquexe, o estúdio LRNCE resulta da vontade de Laurence Leenaert em criar diariamente o melhor de dois mundos, combinando materiais, técnicas, cores e elementos de uma forma espontânea.

Ana Rita Sevilha: Em que momento da sua vida encontrou Marrocos e decidiu criar a marca e o estúdio LRNCE?
Laurence Leenaert: Comecei a LRNCE durante o meu último ano em Moda, na Royal Academy of Arts, em Ghent. Depois do estágio, decidi focar-me a 100% na marca e, durante esse processo, agarrei na máquina de costura e estive um mês no deserto de Marrocos, em M'Hamid El Ghizlaine. Quando regresssei à Bélgica, pensei: porque não criar e gerir a minha marca a partir de Marrocos? Parti com 100 quilos de tecidos e escolhi Marraquexe porque achei que era o lugar certo para mim. Adorei a sensação de estar longe do "mundo real", num país novo onde não conhecia ninguém e podia fazer o que quisesse. Foi uma sensação de liberdade que mudou tudo.

ARS: Quais são as grandes inspirações para o design, produtos e paleta de cores da LRNCE?
LL: As cores e a luz de Marraquexe.

The LRNCE studio, based in Marrakech, is the result of Laurence Leenaert's determination to create the best of both worlds on a daily basis, combining materials, techniques, colours and elements in a spontaneous way.


Ana Rita Sevilha: At what point in your life did you discover Morocco and decide to create the LRNCE brand and studio?
Laurence Leenaert: I started LRNCE during my final year studying Fashion at the Royal Academy of Arts in Ghent. Following my internship, I decided to focus myself 100% on the brand and during that process, I grabbed the sewing machine and spent a month in the Moroccan desert in M'Hamid El Ghizlaine. When I got back to Belgium, I thought: why don't I create and run my brand from Morocco? I left Belgium with 100 kilos of fabrics and chose Marrakech because I thought it was the right place for me. I loved the feeling of being away from the "real world", in a new country where I didn't know anyone and where I could do whatever I wanted. The sense of freedom was such that it changed everything.

ARS: What are the main sources of inspiration for LRNCE's design, products and colour scheme?
LL: The colours and light of Marrakech.

ARS: E o que é fundamental no processo de desenvolvimento de cada produto?
LL: Fazer parte da minha vida, do meu dia-a-dia. Estou muito próxima de tudo o que faço, acompanho os processos e desenvolvimentos do início ao fim. Essa proximidade está muito relacionada com os detalhes, com a capacidade de fazer escolhas, com o conhecimento do que se está a criar e do que se quer criar.

ARS: Em relação ao seu processo criativo, o design nasce de forma espontânea e impulsiva ou existe algum ritual ou processo?
LL: A vibração em Marraquexe é muito "go with the flow" e o meu trabalho também, muito espontâneo, do momento, o querer descobrir novos materiais e procurar novos artesãos. Estou sempre a desenhar e a pintar e acho que o melhor momento para pensar é quando conduzo a minha scooter no meio do movimento da cidade.


ARS: Consegue indicar-nos três pessoas que são uma fonte de inspiração para si?
LL: É muito difícil escolher e os artesãos são a minha maior fonte de inspiração. Contudo, neste momento escolheria a pintora Vivian Suter, porque adoro a sua história e o seu trabalho; os Omega Workshops, porque acho o projecto muito interessante; e a pintora e escultora Sophie Taeuber-Arp, porque é uma inspiração na forma como me desafia a correr riscos e a trabalhar com materiais e técnicas artesanais que não conheço.

ARS: Como é um dia na sua vida?
LL: Todos os dias são diferentes, mas em todos eles passo muito tempo no estúdio, a conhecer artesãos, a visitar a olaria e a explorar materiais. 

ARS: And what is crucial in the development process behind each product?
LL: That it is a part of my life, my daily life. I am very closely involved in everything I do; I follow the processes and developments from beginning to the end. This proximity is very much concerned with the details, with the the capacity for making choices, with the knowledge of what you are creating and what you want to create.

ARS: In terms of your creative process, is design born spontaneously and impulsively or is there a ritual or process involved?
LL: The vibe in Marrakech is very "go with the flow" and so is my work; very spontaneous, of-the-moment, the desire to discover new materials and seek out new artisans. I'm constantly drawing and painting and, for me, the best time for thinking is when I'm riding my scooter in the middle of the bustling city.

ARS: Can you name three people who are an inspiration for you?
LL: It's very difficult to choose and artisans are my biggest source of inspiration. However, at this moment I would choose the painter Vivian Suter, because I love her story and her work; Omega Workshops, because I find the project very interesting; and the painter and sculptor Sophie Taeuber-Arp, because she is such an inspiration in the way she challenges me to take risks and work with materials and craft techniques I'm unfamiliar with.

ARS: What is a typical day in your life like?
LL: Every day is different, but I spend a lot of time in the studio, meeting artisans, visiting the pottery and exploring materials. 



THE ARTS CLUB

Dubai
United Arab Emirates



Pág. esq./left page:
◀Sala de jantar semi-privada./
Semi-private dining room.
▼Brasserie PDR.

Pág. dir./right page:
▶Members lounge.
▶▶Sandhurst.



Numa mistura ecléctica entre passado e presente, e num ritmo que ora está no contemporâneo ou com um pé no clássico, o The Arts Club Dubai é o primeiro espaço internacional do histórico clube londrino. Localizado num edifício da autoria do gabinete Foster & Partners, e distribuído por quatro andares, o estúdio italiano Dimorestudio assina o design de interiores que concretiza a visão de um espaço multifacetado, luxuoso e distinto, que é uma extensão da casa dos seus membros.

O estúdio de design sediado em Milão, que se caracteriza pela ousadia, afirmou aqui a sua abordagem, desenhando espaços inesperados e saturados de cores ricas e vibrantes, com a particularidade de cada um dos quatro andares evocar um ambiente e uma identidade diferentes. Um todo que se unifica pelos detalhes e materiais escolhidos, como os tecidos sumptuosos, papéis de parede ou mobiliário sofisticado que abrange peças históricas, móveis contemporâneos e desenhos por medida.

Sobre a experiência que foi desenhar um espaço tão particular, Britt Moran e Emiliano Salci, do Dimorestudio, sublinham a oportunidade de trabalhar a continuidade de um conceito de sucesso, referindo que foi com entusiasmo que abraçaram o desafio e a "abordagem dinâmica para um espaço significativo". Por outro lado, caracterizam o processo criativo de "totalmente único", lembrando que o projecto foi um meio para materializar uma experiência de luxo dirigida a membros exigentes.

O The Arts Club Dubai contempla uma variedade de salões, salas de jantar privadas, salas de reuniões, restaurantes, bares, biblioteca, terraço, espaços de socialização e também de contemplação silenciosa. ▲

In an eclectic mix between past and present, and at a tempo that is alternately contemporary and classic, The Arts Club Dubai is this historical London club's first international venue. It is located in a building designed by Foster & Partners and distributed over four floors. The Italian studio Dimorestudio is responsible for the interior design that materialises the vision of a multifaceted, luxurious and distinctive space, that is like an extension of its members' homes.

The Milan-based design studio, renowned for its audaciousness, has asserted its approach here, designing surprising spaces infused with rich, vibrant colours, with the distinctive feature of each of the four floors evoking a different ambience and identity. The whole establishment is unified by the details and materials selected, such as the sumptuous fabrics, wallpapers or sophisticated furniture that also integrates historic pieces, contemporary furniture and bespoke designs.

Regarding the experience of designing such a distinctive space, Britt Moran and Emiliano Salci, from Dimorestudio, highlight the opportunity it presented for working on the continuity of a successful concept, enthusiastically embracing the challenge and the "dynamic approach to a significant space". They also describe the creative process as "totally unique", pointing out that the project was a means to materialising a luxury experience for discerning members.

The Arts Club Dubai features a variety of lounges, private dining rooms, meeting rooms, restaurants, bars, library, terrace, areas for socialising as well as for quiet contemplation. ▲



SHILA

Athens
Greece



Ocupando um edifício neoclássico de 1920, numa tranquila rua pedonal no bairro Kolonaki, Shila é a mais recente morada a afirmar-se no panorama da hospitalidade na capital grega. Conceber um espaço acolhedor, dotado de uma beleza simples e intemporal, sem abdicar da máxima personalização e atenção ao detalhe, foram as premissas dos seus co-fundadores: a fotógrafa e directora criativa grega, Eftihia Stefanidi, e Shai Antebi, entrepreneur radicado em Nova Iorque.

Imerso na comunidade artística e de design locais, são frequentes as colaborações com artistas na curadoria e criação de peças exclusivas para este *hotel particulier*, que dispõe de uma colecção própria de mobiliário e objectos feitos à mão, passível de ser adquirida pelos hóspedes à saída. Falamos do projecto Shila Maison D'Object, coordenado por Anna Bonnet. Responsável pelos interiores, a designer francesa privilegiou uma atmosfera elegante e cálida, rica em texturas, tais como, tecidos vintage e veludos, que nos remetem para uma aura boémia, naturalmente célica. Optou ainda pela combinação de materiais naturais – como a pedra, o mármore ou a madeira –, com uma estética urbana e industrial, através do uso de estruturas de metal ou dos tijolos deixados à vista.

Conjugando elementos tradicionais com apontamentos contemporâneos, cada uma das suas seis suites (duas por andar) emana uma personalidade única, estendendo-se a agradáveis varandas ou pátios. Seja para trabalhar, desfrutar de uma bebida ou do pequeno-almoço (com ingredientes de proveniência local, como o mel da ilha de Kimolos ou as iguarias da Cleopatra's Pantry); seja para organizar jantares privados ou simplesmente relaxar, saiba que no verdejante roof garden encontra o cenário ideal para usufruir de momentos de absoluta tranquilidade, a poucos minutos da histórica Acrópole, ali tão perto. [A](#)

Occupying a 1920s neoclassical building on a quiet pedestrian street in the Kolonaki neighbourhood, Shila is the most recent address to make a name for itself on the Greek capital's hospitality scene. To create a welcoming space, featuring a simple and timeless beauty – without compromising the utmost personalisation and attention to detail – were the premises taken on by its co-founders: the Greek photographer and creative director, Eftihia Stefanidi, and Shai Antebi, a New York-based entrepreneur.

Engaged with the local art and design community, there are frequent collaborations with artists to curate and create exclusive pieces for this *hotel particulier*, boasting its own collection of handmade furniture and objects, which can be purchased by guests on departure. We're talking about the Shila Maison D'Object project, coordinated by Anna Bonnet. Being responsible for the interiors, the French designer opted to create an elegant and warm atmosphere, rich in textures such as vintage fabrics and velvets, evoking a naturally scenic and bohemian aura. She also favoured the combination of natural materials – such as stone, marble and wood – with an urban and industrial aesthetic, through the use of metal structures and open brickwork.

Blending traditional elements with contemporary touches, each of its six suites (with two per floor) emanates a unique personality, extending onto pleasant balconies or patios. Whether you want to work, enjoy a drink or breakfast (with locally sourced ingredients, such as honey from the island of Kimolos or delicacies from Cleopatra's Pantry), host private dinners or simply relax, the leafy roof garden offers the perfect setting for moments of absolute tranquility, just a few minutes away from the historic Acropolis. [A](#)



www.shila-athens.com



Berlin Art Fair, 2020. Photo © Clara Wenze.

Há 10 anos que a Berlin Art Week celebra a capital alemã como a maior joint-venture da cena artística de Berlim e ponto de encontro da arte contemporânea em Setembro.

Todos os anos, durante a *rentrée*, os fãs de arte de todo o mundo são convidados a experimentar este evento de cinco dias que mostra a tremenda energia e criatividade da cena artística berlinense. Simultaneamente ponto de atracção e fonte de fricção, a arte contemporânea desperta a enorme vitalidade da cidade e encontra expressão na sua deslumbrante diversidade artística. Nesta semana de arte em Berlim, reúnem-se os actores-chave: figuras do mercado artístico e espaços de exposição públicos e privados, museus e galerias, bem como, variadas colecções privadas que abrem as suas portas para inspirar uma visão do actual estado da produção artística contemporânea.

Em conversa com um dos fundadores da Berlin Art Week (BW), Moritz van Dülmen, gerente da organização Kulturprojekte Berlin (que, entre outras actividades culturais que usam a cidade de Berlim como o seu palco, como por exemplo, a Longa Noite dos Museus, também está na origem desta iniciativa afamada), van Dülmen transmite-nos a forma de estar dinâmica, motivada e positiva da sua equipa, que, mesmo após 10 anos de projecto, continua empenhada nos seus desafios constantes: reunir numa semana específica do ano todas as inaugurações da *rentrée* da cidade, dos museus, das galerias, dos espaços alternativos, das colecções particulares, entre outros, lidando com a sempre frágil questão do financiamento dos projectos culturais, que inclui a habitual hipótese de mudança de parceiros de ano para ano, e, ainda, a realização de projectos específicos pensados pela própria equipa da BW.

BERLIN ART WEEK

Berlin
Germany

For 10 years now, Berlin Art Week has celebrated the German capital as the biggest joint venture of the Berlin art scene and as a hotspot for contemporary art in the month of September.

Every year during the *rentrée*, art enthusiasts from all over the world are invited to experience this five-day event that showcases the formidable energy and creativity of the Berlin art scene. Simultaneously acting as a magnet and a source of friction, contemporary art stirs the city's enormous vitality and finds expression in its dazzling artistic diversity. In the Berlin art week, key players are brought together: figures from the art market and public and private exhibition spaces, museums and galleries, as well as various private collections that open their doors to inspire a vision of the current state of contemporary art production.

We spoke to one of the founders of the Berlin Art Week (BW), Moritz van Dülmen, who is manager of the Kulturprojekte Berlin (which, among other cultural activities that use Berlin as their platform, such as the Long Night of Museums) is also behind this famous initiative. Van Dülmen describes the dynamic, motivated and positive attitude of his team, which, even after 10 years of the project, is still just as passionate about its constant challenges: bringing together in a specific week of the year all the *rentrée* openings of the city, of museums, galleries, alternative spaces, private collections, among others. In addition to this the team deals with the ever-delicate issue of financing cultural projects, which includes the customary opportunity of changing partners from year to year, as well as the realisation of specific projects devised by the BW team itself.

Nesta pág./This page

- ▼ ABA na/at Haus der Statistik. © Aleksander-Komarov.
- Directors Lounge, André Werner ...Follows You 2020, objecto de luz interactivo/interactive light object. © André Werner.
- ◀ Akademie der Künste, "We Buy White Albums", Rutherford Chang. © Rutherford Chang.



▼ Julia Stoschek, Collection Berlin. Kandis Williams "Eurydice", 2018. Vista da instalação/ *installation view* "a fire in my belly". Photo © Alwin Lay.
 ► Berlinische Galerie, Alicja Kwade, detalhe da instalação/ *installation detail* "Clout Count" 2018. Glances at Blueproject Foundation Barcelona 2018. Courtesy of the artist. Photo © Roman März.



Pelo que parece, para esta equipa, que tem como directora artística Mona Stehle, o trabalho na Berlin Art Week é divertido, traz muita alegria e nunca se torna aborrecido, mantendo-se vivo mesmo no segundo ano de pandemia. Em 2020, a BW foi realizada com grande sucesso, atraindo dezenas de milhares de visitantes à cidade – muitos berlinenses, alemães, e, claro, menos estrangeiros –, mas reunindo sempre os criativos em toda a capital, fazendo desta cidade um grande pólo de atracção e de interactividade com o público. "Um projecto de muitos para muitos", diz van Dülmen.

A Berlin Art Week tornou-se, de facto, num exemplo para muitos; 10 anos que são uma década de muitas a seguir. É um projecto montado numa escala 1:1 e que, todos os anos, permite a criação de um evento único, para um público tanto local como internacional. "Uma fórmula que funciona para Berlim" e que, em 2021, nos traz uma programação de mais que 50 instituições parceiras, entre as quais se destacam cada vez mais colecções privadas – como a The Feuerle Collection ou a Julia Stoschek Collection –, mantendo museus conhecidos como a Berlinische Galerie, KW Institute for Contemporary Art, ou Hamburger Bahnhof – Museu para Arte Contemporânea; a feira de arte Positions Berlin, e, ainda, uma edição especial do Berlin Gallery Weekend chamada Discoveries, para coincidir com esta semana de arte e cultura internacional. ▲

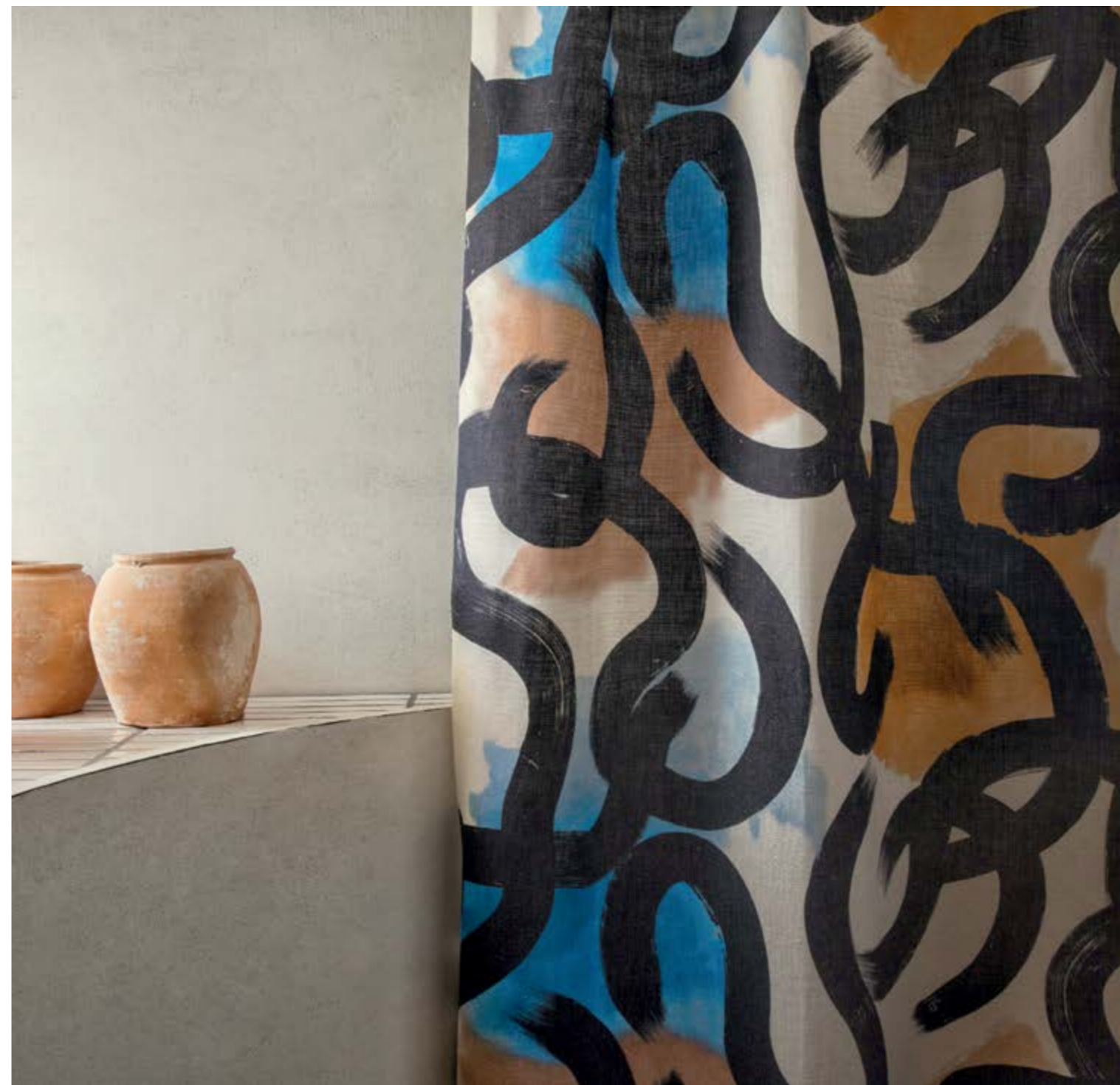
Este ano a Berlin Art Week acontece de 15 a 19 de Setembro.

From the looks of it, for this team – whose artistic director is Mona Stehle – working on Berlin Art Week is fun, brings plenty of joy and never gets boring, thriving even in the second year of the COVID-19 pandemic. In 2020, BW enjoyed great success, attracting tens of thousands of visitors to the city – many Berliners, Germans, and, naturally, fewer foreigners – yet always bringing together creatives across the capital, turning this city into a major hub of attraction and interactivity with the public. "A project of many for many," says van Dülmen.

In fact, the Berlin Art Week is already seen as an example by many; 10 years that is just one decade of many to come. It is a project set up on a 1:1 scale and which, year after year, allows for the creation of a unique event aimed at both local and international audiences. "A formula that works for Berlin" and which, in 2021, will bring us a programme of more than 50 partner institutions, including an increasing number of private collections – such as The Feuerle Collection and the Julia Stoschek Collection – while maintaining well-known museums such as the Berlinische Galerie, KW Institute for Contemporary Art, and Hamburger Bahnhof – Museum for Contemporary Art; the Positions Berlin art fair, as well as a special edition of the Berlin Gallery Weekend called Discoveries, scheduled to coincide with this international art and culture week. ▲

This year, the Berlin Art Week takes place between 15-19 September.

www.berlinartweek.de



ÉLITIS

Auteur & Éditeur.

PAPEL PINTADO, TECIDOS, REVESTIMENTO MURAL, L'ACCESSOIRE // WWW.ELITIS.FR

Braga **Blue Velvet** 913461766
 Cascais **Batik** 215925165
 Cascais **Fusion** 214861845
 Guimarães **5 Janelas** 253516155
 Lisboa **Companhia Do Campo** 213590211
 Lisboa **Rita Roquette Interiores** 219233738

Lousda **Atelier Marcio Teixeira** 913320023
 Matosinhos **Glamourarte** 229388240
 Paços de Ferreira **Carla Zuzarte Interiores** 255962593
 Paços de Ferreira **Jota Barbosa Interiors** 255862261
 Ponte de Lima **Inside Home** 969386733
 Porto **Causa Efeito** 223394650

Porto **Empatias** 229388240
 Porto **Induplano** 226062592
 Povoas do Varzim **Damas de Xangai** 913790710
 Setúbal **Jmbeyond Interiores SA** 65553329

Tony Allen THERE IS NO END

Tragicamente desaparecido o ano passado, o baterista e pioneiro do Afrobeat Tony Allen, durante décadas força motriz dos África 70 de Fela Kuti, deixou gravadas as bases deste disco póstumo onde os seus beats servem de inspiração para uma nova geração de intérpretes de hip-hop que se revêem no seu legado, incluindo nomes como Sampa the Great, Tsunami, Koreatown Oddity, Danny Brown e Skepta, sob a batuta dos produtores franceses Vincent Taeger e Vincent Taurelle. Ao contrário do habitual neste tipo de trabalho, *There Is No End* mostra-se surpreendentemente coerente e bem sucedido, na sequência de outras colaborações que o músico nigeriano tinha vindo já a desenvolver nos últimos anos com nomes tão díspares como os africanos King Sunny Adé e Manu Dibango, na área pop, Damon Albarn, The Good, the Bad & the Queen e Gorillaz, e na música electrónica Jeff Mills.



Tragically deceased last year, the drummer and Afrobeat pioneer Tony Allen, who was the driving force behind Fela Kuti's Africa 70s for decades, left recordings of the basis of this post-humous album where his beats provide the inspiration for a new generation of hip-hop artists who can identify with his legacy, including names such as Sampa the Great, Tsunami, Koreatown Oddity, Danny Brown and Skepta, under the aegis of French producers Vincent Taeger and Vincent Taurelle. As opposed to the typical outcome in this type of release, *There Is No End* is surprisingly coherent and successful, in the wake of other collaborations that the Nigerian musician had already been working on in recent years with such diverse names as the African musicians King Sunny Adé and Manu Dibango, in the pop genre, Damon Albarn, The Good, the Bad & the Queen and Gorillaz, and in the electronic field, Jeff Mills.

Marinero HELLA LOVE

Há discos que caem sobre o nosso Verão como uma brisa refrescante a que apetece sempre voltar. É o caso deste *Hella Love*, de Marinero, nome artístico de Jess Sylvester, um nativo de São Francisco, filho de mãe com origens mexicanas e pai marinheiro (daí o cognome). Um trabalho que é uma homenagem ao ambiente multicultural da cidade que foi forçado a abandonar, em favor de Los Angeles devido aos custos da gentrificação, e que parte de uma abordagem pop e soft rock não muito distante de seus pares, como Connan Mockasin e Mac DeMarco, para uma viagem a géneros e atmosferas tão distintos e sedutores como Bossa Nova, Tropicalia, Mariachi, Morricone, Beach Boys e Serge Gainsbourg, terminando com um namoro descarado ao Disco no tema de fecho, *Frisco Ball*.



There are records that drift over our summer like a refreshing breeze and that we always want to return to. This is the case with *Hella Love*, by Marinero, the artistic name of Jess Sylvester, a native of San Francisco, son of a mother with Mexican origins and a sailor father (thus the nickname). This is a work that pays homage to the multicultural environment of the city he was obliged to relinquish in favour of Los Angeles due to the rising costs brought about by gentrification. It starts off with a pop and soft rock approach not too different from his peers such as Connan Mockasin and Mac DeMarco, and then makes forays into genres and atmospheres as distinct and seductive as Bossa Nova, Tropicalia, Mariachi, Morricone, Beach Boys and Serge Gainsbourg, ending with a brazen dalliance with disco in the closing track, *Frisco Ball*.

Greentea Peng MAN MADE

Disco de estreia de uma personagem já bem conhecida da efervescente cena neo-soul britânica, *Man Made* foi criado ao longo do difícil e estranho ano de 2020, e gravado propositadamente em 432Hz (em vez dos habituais 440), devido às alegadas qualidades tranquilizantes desta frequência. Extenso, 61 minutos de música ao longo de 18 temas, e ambicioso no seu espectro sonoro, que vai do jazz e soul ao reggae, dub e drum & bass, este disco recorre aos serviços de um cast de produtores que inclui nomes emergentes como Swindle, SAMO & KIKO e Mala, e é dominado pela voz expressiva e sedutora de Aria Wells, num registo vocal que faz recordar a saudosa Neneh Cherry. Ao mesmo tempo tranquilo e inquieto, espiritual e visceral, este é um álbum que desafia géneros e convenções na sua procura de uma voz própria e criativa, livre de constrangimentos.



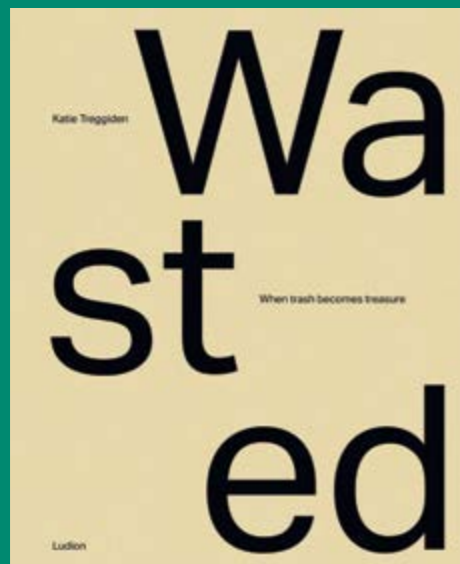
The debut album from a well-known figure on the buzzing British neo-soul scene, *Man Made* was crafted during the difficult and strange year of 2020, and deliberately recorded at 432Hz (instead of the usual 440), owing to the supposedly soothing qualities of this frequency. Extensive, 61 minutes of music across 18 tracks, and ambitious in its sound spectrum, ranging from jazz and soul to reggae, dub and drum & bass, this record enlists the services of a cast of producers that includes up-and-coming names like Swindle, SAMO & KIKO and Mala, and is dominated by the expressive and beguiling voice of Aria Wells, in a vocal register reminding us of the beloved Neneh Cherry. Simultaneously tranquil and restless, spiritual and visceral, this is an album that defies genres and conventions in its pursuit of a creative, unfettered and unique voice.

Bruxas MUSCLE MEMORY

Bruxas, assim mesmo em bom português, é o nome do novo projecto do músico psych holandês Jacco Gardner e do seu parceiro Nic Mauskovic, conhecido pelo seu projecto a solo The Mauskovic Dance Band, e também pela sua participação nos Altin Gün. Este *Muscle Memory* é o seu terceiro trabalho e primeiro longa duração para a editora Dekmantel, depois dos anteriores EP's *Más Profundo* (2017) e *Sirocco* (2018). Sob a influência da paixão partilhada pelo rock cósmico alemão dos anos 60 e 70, a no-wave, post disco e o disco electrónico de Patrick Cowley criaram um universo sonoro low-fi cheio de sintetizadores analógicos vintage, efeitos cósmicos, ritmos tribais e experimentação electrónica, sem nunca perder de vista o groove necessário para uma pista de dança imaginária, algures entre o espaço e a selva profunda.



Bruxas, (Witches), just like that in good Portuguese, is the name of the new project from Dutch psych musician Jacco Gardner and his partner Nic Mauskovic, known for his solo project The Mauskovic Dance Band, and also for his participation in Altin Gün. *Muscle Memory* is their third work and their first full-length release for the Dekmantel label, after previous EPs *Más Profundo* (2017) and *Sirocco* (2018). Influenced by their shared love of German cosmic rock from the 60s and 70s, Patrick Cowley's no-wave, post disco and electronic disco, they have created a low-fi sound universe full of vintage analogue synths, cosmic effects, tribal rhythms and electronic experimentation, without neglecting the groove needed for an imaginary dance floor, somewhere between space and deep jungle.

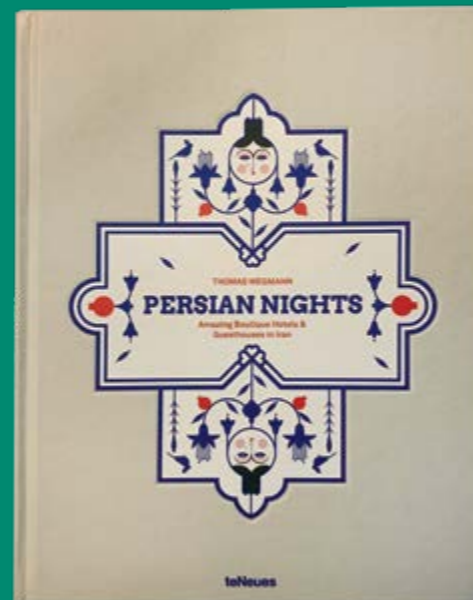


Wasted: When Trash Becomes Treasure

www.ludion.be

Na sua mais recente incursão literária, Katie Treggiden lança um novo olhar sobre o desperdício, explorando o trabalho de 25 designers, fabricantes e criativos capazes de fazer de qualquer resíduo o ponto de partida para a criação de objectos significativos e duradouros. Sob o mote "take-make-waste", a obra editada pela Ludion convida-nos a conhecer esta "matéria-prima do futuro", partilhando ensaios sobre os resíduos domésticos e industriais, mas, também, os desperdícios alimentares, da indústria da moda ou derivados do plástico. Mais do que apresentar "uma resposta para todos os problemas ambientais do planeta", Wasted sugere uma nova perspectiva sobre a economia circular, ilustrada através do recurso a velhos sapatos desportivos, moldes de chocolate industriais ou fios de cabelo humano.

In her most recent literary foray, Katie Treggiden takes a fresh look at waste, by exploring the work of 25 designers, manufacturers and creatives capable of turning any waste into a springboard for the creation of meaningful and durable objects. With the motto "take-make-waste", this publication edited by Ludion invites us to learn about this "raw material of the future", sharing essays on domestic and industrial waste as well as food and fashion industry waste or waste derived from plastic. Rather than presenting "an answer to the entire planet's environmental problems", Wasted suggests a fresh perspective on the circular economy, illustrated through the use of old sports shoes, industrial chocolate moulds and human hair.

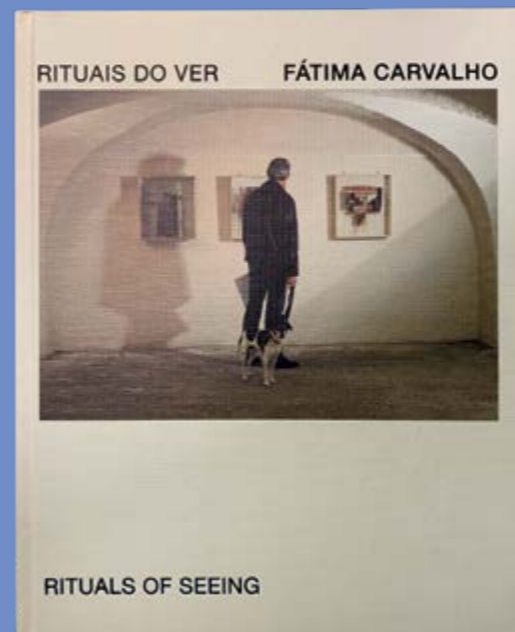


Persian Nights

www.books-teneues.com

Editado pela teNeues e assinado por Thomas Wegmann, Persian Nights convida-nos a descobrir alguns dos mais ferlhantes e criativos hotéis do Irão, comprovando a crescente expansão da cena hoteleira dos últimos anos. De casas centenárias a oásis mais remotos, atravessando, ainda, uma criteriosa selecção de concept stores, boutique hotéis, e cafetarias mais recentes, não faltarão motivos para nos rendermos a esta inspiradora selecção de 16 projectos, maravilhosamente ilustrada, onde ficamos a conhecer de perto, não só, os espaços de hospitalidade, mas também os nomes por detrás da sua origem.

Published by teNeues and signed by Thomas Wegmann, Persian Nights invites us to discover some of the most exciting and creative hotels in Iran, reflecting the growing expansion of the country's hotel sector in recent years. From centuries-old houses to more remote oases, as well as a discerning selection of concept stores, boutique hotels, and more recent coffee shops, there will be no shortage of reasons to surrender to this inspiring selection of 16 beautifully illustrated projects, where we get a close-up look not only at these hospitality spaces, but also at the names behind them.



Rituais do Ver *Rituals of Seeing*

Sempre de câmara na mão, pronta para captar o interior de museus, espaços de arte ou galerias públicas e privadas, em território nacional e estrangeiro, Fátima Carvalho encontra na arte o ponto de partida para uma nova matéria de criação: testemunhar o comportamento de quem a observa, revelando os diferentes rituais de contemplação. Segundo Bernardino Castro, director do Centro Português de Fotografia, a exposição que viria a dar origem a esta publicação procura despertar-nos para "rituais inexplorados e de misteriosos pensamentos", traduzindo bem a vontade da artista em "dar vida própria às imagens que ganham pela forma da contemplação".

Always with her camera at hand, ready to capture the interiors of museums, art spaces and public and private galleries, both in Portugal and abroad, Fátima Carvalho uses art as the starting point for new creative material: to register the behaviour of those who observe her, revealing different contemplation rituals. According to Bernardino Castro, director of the Portuguese Photography Centre, the exhibition that would lead to this publication seeks to raise our awareness of "unexplored rituals and mysterious thoughts", clearly expressing the artist's desire to "give life to the images that stand out due to their form of contemplation".



Mountain Escapes

www.books-teneues.com

Numa das suas mais recentes publicações, a teNeues desvenda alguns dos melhores hotéis de montanha do mundo, captando a beleza fabulosa de regiões como Aspen, Machu Picchu, Atlas ou Himalaias. Ao longo de mais de 200 páginas e 50 projectos, o especialista hoteleiro Martin N. Kunz conduz-nos por uma entusiasmante selecção de chalés, lodges e hotéis boutique instalados em vários cantos do mundo, da Áustria à Suíça, passando pela Indonésia, Austrália ou África do Sul. Uma obra para ser apreciada demoradamente mas que serve igualmente de ponto de partida para uma nova incursão digital, ao disponibilizar uma selecção alargada de imagens, vídeos e banda sonora.

In one of its most recent publications, teNeues reveals some of the best mountain hotels in the world, capturing the fabulous beauty of regions such as Aspen, Machu Picchu, the Atlas Mountains and the Himalayas. Over more than 200 pages and 50 projects, hotel specialist Martin N. Kunz guides us through an exciting selection of chalets, lodges and boutique hotels in various corners of the world, from Austria to Switzerland, and including Indonesia, Australia and South Africa. A book to be appreciated at leisure but which also offers a starting point for a new digital foray, by providing a wide selection of images, videos and soundtracks.

ARTE, ALGARVE E SIMPLICIDADE

Portimão, Portugal

ART, ALGARVE AND SIMPLICITY



Um ambiente sereno, informal e absolutamente artístico compõe esta habitação na cidade de Portimão. — A serene, informal and absolutely artistic ambience composes this home in the city of Portimão.



Na dupla anterior, sentada numa das cadeiras cujas pernas foram cortadas e cuja madeira foi lixada até chegar à sua cor natural, Meinke Flesseman recebe-nos, de sorriso aberto e sincero. Na página direita, mesa de jantar em metal batido Paola Navone com quatro cadeiras Panton.

On previous double spread, Meinke Flesseman welcomes us with an open and sincere smile sitting on one of the chairs whose legs have been shortened with wood sanded back to its natural colour. Right page, beaten metal dining table by Paola Navone with four Panton chairs.



Nesta dupla, sentido horário: vista da zona de jantar, com grandes obras da artista, nas quais se destacam as ovelhas pintadas e as cerâmicas. No tecto, pende um candeeiro feito à mão pela proprietária. As prateleiras e armários da cozinha foram produzidos por um carpinteiro local, e a pedra de granito da bancada veio de uma pedreira próxima. À semelhança das cadeiras de estar, a mesa de apoio, rodeada pelos sofás, viu as suas pernas encurtadas e perdeu o tom escuro que revestia a madeira original. O sistema vernacular de construção de paredes divisórias em adobe contrasta com a delicadeza e classicismo do candeeiro e mesa de apoio.

On this double spread, clockwise: view of dining area, with large works by the artist, most notably the painted sheep and ceramics. Lamp handmade by the owner suspended from the ceiling. The shelves and cabinets in the kitchen crafted by local carpenter, and the granite stone for countertop sourced from nearby quarry. As with the lounge chairs, the side table, surrounded by the sofas, also had its legs shortened and lost the dark hue that coated the original wood. Adobe partition wall revealing vernacular construction system contrasts with delicacy and classicism of the lamp and coffee table.





Esta casa foi o seu porto seguro. Foi “como um pai protector e nutritivo” durante o confinamento, e os seus vários recantos ajudaram-na e continuam a ajudar quando necessita de descansar, trabalhar ou recarregar baterias. – *This house has been her safe haven. It has been “like a protective and nurturing father” during lockdown and its different corners have helped her and continue to help her when she needs to rest, work or recharge her batteries.*

À esquerda, o quarto de banho é uma mistura do velho, novo e um toque étnico. O espelho e a mesa foram adquiridos numa feira de artigos em segunda mão (por vezes encontrados nas malas dos carros – *car boot sale*) e o lavatório é de origem marroquina. Ao fundo, o cadeirão branco é o lugar preferido de Meinke para se “afundar” e recarregar baterias. A pintura foi inspirada no rio Arade e, à esquerda, na área antecessora, colecção da obra cerâmica desta artista. Num dos closets, de novo uma mesa descoberta numa *car boot sale* e, sobre esta, uma obra que a holandesa fez a partir de estudos de nus, no ano passado. A colcha colorida que intercepta a alvura do quarto também foi adquirida numa feira da ladra.

No pátio, destaque para as peças da artista como a mesa com manchas de tinta da vida do seu atelier, um quadro que pintou em 2020 e uma selecção de pratos que tem feito ao longo dos anos.

On the left, the bathroom features a mix of old, new and ethnic touches. Mirror and table bought at second-hand fair (sometimes car boot sales) and washbasin from Morocco. In background, the white armchair is Meinke's favourite place to “sink into” and recharge her batteries. Painting inspired by the River Arade and, on left, in preceding area, collection of the artist's ceramic work.

In one of the dressing rooms, a table discovered, once again at a car boot sale and above it a work that the Dutch artist created from nude studies last year. The coloured bedspread contrasting with the room's whiteness was also bought at a flea market.

On patio, highlights include pieces by the artist such as a table with paint stains from its studio days, a painting she did in 2020 and selection of plates made over the years.



Algarve foi-lhe dado a conhecer pelos seus pais, nos anos sessenta, e foi neste destino que a artista Meinke Flesseman se decidiu fixar para dar asas à sua veia criativa, próxima do mar e de uma vivência mais simples e descontraída.

Apesar de nascida em Abcoude, na Holanda, Meinke admite que não conseguia pensar num melhor lugar para crescer que não fosse esta região de Portugal. Depois de viver cerca de dez anos no Sotavento algarvio, a vontade de estar junto de alguns familiares e amigos próximos, trouxe a pintora e ceramista para Portimão. A par disso, quando Meinke encontrou esta casa, quase em ruínas, e se depa-rou com o seu interior e com a sua fachada, apaixonou-se de imediato.

Enquanto outrora, no século XIX, funcionava no rés-do-chão um antigo lagar, o andar superior era ocupado pela zona habitacional. A artista holandesa decidiu, assim, investir neste passado e, através da compilação de algumas ideias e esboços arquitectónicos próprios, deu uma nova vida ao espaço, mantendo, em grande parte, a traça original, incluindo as persianas que apenas foram pintadas com uma nova cor.

Se no piso térreo há uma paleta de tons terrosos e quentes, fazendo deste um espaço aberto, muito pragmático, com zona de estar, apoiada por uma cozinha – condições ideais para amigos e convidados visitarem e conhecerem parte do espólio artístico de Meinke –, já no andar de cima há uma clara mudança. A área privada é um pouco mais leve e tranquila, de feições mais clássicas e com objectos e pinturas que têm sempre histórias pessoais para contar, para lembrar...

Admitindo a qualidade de vida que se sente em Portimão, por conseguir estar perto de praias fantásticas, bem como, do rio Arade, sem que a autenticidade se perca no peso dos empreendimentos imobiliários e outras actividades turísticas, Meinke recorda que esta casa foi o seu porto seguro. Foi “como um pai protector e nutritivo” durante o confinamento, e os seus vários recantos ajudaram-na, e continuam a ajudar, quando necessita de descansar, trabalhar ou recarregar baterias. “É também perfeita para receber amigos, clientes e ótima para entreter”, admite a artista que se alimenta do processo criativo, qualquer que seja o material que esteja a usar, alternando entre o bidimensional e o tridimensional.

Agora é o momento de relaxar por entre cada uma das divisões da habitação de Meinke Flesseman, de nelas encontrar a representação mais pura e descontraída desta artista. E esperar que, em breve, possamos ser presenteados com uma nova exposição de grandes paisagens monocromáticas, uma nova abordagem que, actualmente, entusiasma, e muito, esta proprietária. [▲]



She was introduced to the Algarve by her parents in the 1960s, and this was where the artist Meinke Flesseman decided to settle in order to pursue her creative vein, close to the sea and a simpler, more relaxed lifestyle.

Despite having been born in Abcoude, in Holland, Meinke recognises that she couldn't think of a better place to grow up than in this Portuguese region. After living in the Eastern Algarve for ten years, the need to spend time with family and close friends brought the painter and ceramist to Portimão. Parallel to this, when Meinke found this house, practically in ruins, and noticed its interior and façade, it was love at first sight.

During the 19th century, the ground floor was occupied by a traditional olive press, while the upper floor was used as the living quarters. The Dutch artist decided to reinvest in this past and, by combining some of her own ideas and architectural sketches, she breathed new life into the space, maintaining most of its original features, including the shutters, which were merely painted a new colour.

While on the ground floor we find a palette of earthy and warm tones, making this a very pragmatic open space, with a living area, supported by a kitchen – offering the perfect conditions for visiting friends and guests to discover part of Meinke's art collection – upstairs there is a marked change. The private area is a touch lighter and quieter, with more classical features and objects and paintings that always have their own personal stories to tell, to recollect...

Acknowledging the quality of life that Portimão offers, due to its proximity to fantastic beaches and the Arade river, without its authenticity being lost despite the pressure of property developments and other tourist activities, Meinke points out that this house has been her safe haven. It has been “like a protective and nurturing father” during lockdown, and its different corners have helped her, and continue to help her, when she needs to rest, work or recharge her batteries. “It's also perfect for receiving friends, clients and great for entertaining”, admits the artist who thrives on the creative process, whatever material she's using, alternating between the two and three-dimensional.

Now is the time to unwind in each room in Meinke Flesseman's home, to discover the purest and most relaxed representation of this artist. And hope that we will soon be treated to a new exhibition of large monochrome landscapes, with a new approach that is currently inspiring the owner. [▲]



Nesta página, grande perspectiva do estúdio, com uma multiplicidade de obras de Meinke, sem esquecer a sua bicicleta que lhe permite andar pela cidade de Portimão. O corredor encaminha-nos até ao pátio da oficina artística e culmina numa cadeira que faz parte das peças de mobiliário que sempre a acompanharam. Junto desta, um rádio antigo. Em baixo, a fachada alegre e colorida, por oposição às cores mais suaves do edifício adjacente, onde Meinke desperta para a sua arte. É na zona exterior do atelier que a artista passa muitas horas dos seus dias.

This page, wide view of the studio, with a myriad of Meinke's works, not forgetting her bicycle that she uses to ride around Portimão. The hallway leads us to the patio of the art workshop and leads to a chair which is a piece of furniture that has always accompanied her. Beside it, an old radio. Below, the cheerful, colourful façade, contrasting with the softer colours of the adjacent building, where Meinke develops her art. The artist spends many hours every day in this area outside her studio.



UMA COLECCIONADORA DE HISTÓRIAS

Lisbon, Portugal

A COLLECTOR OF STORIES



Na dupla anterior, no hall de entrada, destaque para a colecção de família Victoria & André, nome escolhido de acordo com os segundos nomes dos seus filhos, e para as obras de Pedro Reyes, Sandu Darie e de mestres religiosos.

Nesta dupla, sala de estar, a valiosa selecção de objectos é marcada por pequenas heranças familiares, ossos de dinossauros, cristais e artefactos de vários cantos do mundo, peças resgatadas em flea markets com um toque de artesanato português.

On the previous double spread, in the entrance hall, the Victoria & André family collection is highlighted, named after their children's second names, and including works by Pedro Reyes, Sandu Darie and religious masters.

This spread, in the living room, the precious selection of objects is distinguished by small family heirlooms, dinosaur bones, crystals and artefacts from different corners of the world, pieces salvaged from flea markets with a touch of Portuguese craftsmanship.



Consultora estratégica, investidora em tecnologia e empreendedora, Vanessa Arelle é uma colecionadora de histórias. Divertida por natureza, estabelece o contacto entre pessoas que considera interessantes e, mesmo quando parecia impossível, criou encontros online sobre os temas mais extraordinários durante os tempos da pandemia.

De 2011 a 2015, Vanessa actuou como Directora dos Assuntos Culturais mexicanos no Reino Unido, apoiando programas de arte, cultura e património. Durante esse período, esteve empenhada em trazer para o Reino Unido nomes como Pedro Reyes, para a Bienal de Liverpool e Galeria Whitechapel, bem como, Frida Escobedo, para a instalação do V&A no London Design Festival, em 2015, e para o Pavilhão do Serpentine Gallery, em 2018.

Em 2011, produziu *Imagine Peace* de Yoko Ono, para o Art Production Fund, em Nova Iorque, a propósito dos Jogos Olímpicos de Londres. Foi directora-adjunta do grupo de patronos da Whitechapel Gallery, em Londres, e também membro do Tate Modern Latin America Acquisitions Committee. Integrando alguns dos quadros que têm a capacidade de fazer do mundo da arte um lugar melhor, 2018 foi o ano em que se mudou para Lisboa e fez da sua colecção de histórias e obras de arte a sua nova casa. Pelo menos, por agora.

Verónica de Mello: Qual foi a primeira peça de arte que comprou e como descreve a sua estratégia de recolha, se é que a tem? Vanessa Arelle: A primeira peça que comprei foi no México, quando tinha apenas catorze anos. Na realidade, comecei a colecionar em 2005, quando fui à Frieze e me apaixonei por uma obra de Marilyn Minter, que infelizmente já tinha sido vendida. Eles enviaram-me o trabalho em curso do estúdio, onde mais tarde comprei "Pink Eye". Só tinha visto a peça que comprei quando fui ao Whitney e estava a ser exibida como peça central, foi aí que a recebi.

Coleciono para dar resposta a um primeiro impacto, se algo capta a minha atenção e penso que é esteticamente belo, quero adquiri-lo. Uma coisa que posso destacar é que tenho relações e amizades fortes com os artistas que coleciono. A minha colecção não tem uma estrutura formal; não há uma origem ou razão de ser, a não ser o facto de gostar de colecionar. A minha lógica é muito fácil de entender, reúno as obras por temas e associo-as a conversas da minha cabeça, ao corpo, a auto-retratos... O México é um tema que está amplamente retratado na minha colecção, quer através da aquisição de peças de artistas mexicanos, quer através da relação que tenho com galeristas mexicanos, que me permite contar a história do México, a minha história. A minha cultura é a minha essência.

Vanessa Arelle is a strategic advisor, tech startup investor, and entrepreneur. She is a collector of stories and a fun person to be around, always putting people she finds interesting in touch and creating gatherings, even when it looked impossible, she created get togethers online with the most extraordinary themes during covid times.

From 2011 to 2015, Vanessa acted as Head of Cultural Affairs for Mexico in the UK supporting programs in art, culture, and heritage. During which time she was involved in bringing to the UK among others: Pedro Reyes at the Liverpool Biennale and Whitechapel Gallery as well as Frida Escobedo to the London Design Festival 2015 Installation at the V&A and Frida Escobedo's Pavilion 2018 at the Serpentine Gallery.

In 2011 she produced Yoko Ono's *Imagine Peace* for the London 2012 Olympics Games for the NYC-based Art Production Fund. Arelle was co-chair of the Whitechapel patrons group, and also member of TATE Modern Latin America Acquisitions Committee. She has sat on many boards that have the capacity to make the art world into a better place. It was in 2018 that she moved to Lisbon with her collection of stories and art works and now calls the city home. At least for now.

Verónica de Mello: What was the first art piece you purchased and how would you describe your collecting strategy, if you have one. Vanessa Arelle: The first piece I purchased was one I got in Mexico, when I was only fourteen years old. But in reality, I started collecting in 2005, when I went to Frieze and fell in love with a work by Marilyn Minter which, unfortunately, had already been sold. But they sent me the work in progress from the studio, where I later purchased "Pink Eye". I hadn't seen the piece I bought until I went to the Whitney and it was being exhibited as the centre piece. That's when I received the piece.

I collect as a response to first impacts, if something catches my attention and I think it's aesthetically beautiful I want to own it. But one thing I can highlight is that I build relationships and friendships with the artists I collect from. My collection has no formal structure, no origin or *raison d'être*, other than what I like collecting. My logic is very easy to understand, I aggregate works by the themes I associate them with and conversations in my head: body, self-portraits... Mexico is a theme that is widely present in my collection, either through acquiring Mexican artists, or forging relations with Mexican gallerists so as to tell Mexico's history and my own. My culture is my roots.





Na dupla anterior, em cima, à esquerda, peça de Leo Villareal sobre cómoda brasileira em pau santo de 1950. À direita, a gata Miss Beja vigia as estantes na sala de estar, preenchidas por obras de arte desenhadas pelos mais novos ao longo dos anos. Em baixo, a mesa de jantar resgatada da casa de infância da proprietária é emoldurada por quadros assinados por Aaron Curry, Enrico David, Lola Montes Schnabel, Pedro de Oraá, entre outros.

Previous spread, above, left, piece by Leo Villareal on a 1950 Brazilian commode in pau santo wood. Right, Miss Beja, the cat, surveys the shelves in the living room, filled with artwork created by the youngsters over the years. Below, the dining table retrieved from the owner's childhood home is framed by paintings signed by Aaron Curry, Enrico David, Lola Montes Schnabel, Pedro de Oraá, among others.

Em toda a casa se faz sentir o seu gosto apurado, evidenciado por elementos como a cadeira Le Corbusier Basculant Sling, ou pelos objectos "Pelotas Cansadas", de Ariel Orozco, instalados em plintos sobre rodas. Em baixo, a parede da cozinha evidencia as raízes mexicanas da proprietária.

Refined taste can be felt throughout the home, seen in elements such as the Le Corbusier Basculant Sling chair, or the "Pelotas Cansadas" objects by Ariel Orozco, placed on plinths on wheels. Below, the kitchen wall echoes the owner's Mexican roots.



“Sou colecionadora no sentido em que gosto de coleccionar. Não apenas arte, mas também objectos, memórias, peças. Há sempre uma explicação para as peças chegarem onde chegaram.” – *“I’m a collector in the sense that I like to collect. Not just art but also objects, memories, pieces. Everything has a story of how it got here.”* VANESSA ARELLE

VdM: Conte-nos a magnífica história deste Salvador Dali "Cristo". VA: A minha mãe foi com o meu irmão a uma venda de garagem e ele viu esta escultura e comprou-a, pagou cerca de 20 dólares. Ele tinha 11 anos na altura e hoje tem quase 40, por isso foi realmente há muito tempo. Quando a estavam a limpar, descobriram que era um Dali verdadeiro, numerado e tudo. Agora tenho-o aqui na minha sala de estar em Lisboa.

VdM: Considera-se uma colecionadora? VA: Sim, sou colecionadora no sentido em que gosto de coleccionar. Não apenas arte, mas também objectos, memórias, peças. Há sempre uma explicação para as peças chegarem onde chegaram. Por exemplo, conheci Ariel Orozco de uma forma engraçada, íamos almoçar com um galerista, mas, de repente, tive de ir ao hospital, por isso tanto o galerista como o artista foram ter comigo às urgências. A enfermeira disse-me que tinham todos de ir embora, excepto um membro da minha família, e eu disse que Ariel era meu primo e ele ficou comigo durante todo o dia no hospital. Anos mais tarde, encontrei finalmente uma peça que gostava e comprei-a. Depois de terem sido todas vendidas, pude finalmente ficar com uma.

VdM: Chegou a Lisboa há dois anos, acha que o futuro trará colaborações com artistas portugueses? VA: Tenho a certeza. [▲]

VdM: Tell us the magnificent story of this Salvador Dali “Christ”. VA: My mum went with my brother to a garage sale and he saw this sculpture and brought it home with him, for something like 20 dollars. He was 11 at the time, and he is almost 40 now so this was a long time ago. When they were cleaning it they discovered it was a real Dali, numbered and everything. I now have it here in my living room in Lisbon.

VdM: Do you consider yourself a collector? VA: Yes, I’m a collector in the sense that I like to collect. Not just art but also objects, memories, pieces. Everything has a story of how it got here. For example, I met Ariel Orozco in the funniest way, we were going for lunch with the gallerist but, suddenly, I had to go to the hospital, so both the gallerist and the artist went to the emergency room to meet me. The nurse said everyone had to go except for one member of my family, I said Ariel was my cousin and he stayed with me throughout the whole journey. Years later, I finally found a piece I liked and bought it, as previously all of them had been sold before I could get my hands on one.

VdM: You’ve arrived in Lisbon two years ago today, do you think the future will bring collaborations with Portuguese artists? VA: I’m sure of it. [▲]



No corredor, o molde em vidro representa a barriga de grávida da proprietária, uma peça produzida em colaboração com a artista britânica Alexi Williams Wynn que une os quartos dos seus filhos. Na entrada de um dos quartos de banho, escultura em vidro de Yolanda Tabanera, à direita, e quadro de Katy Moran, à esquerda.

In hallway, glass moulding representing the owner's belly during pregnancy, a piece produced in collaboration with British artist Alexi Williams Wynn that connects the children's bedrooms. At the entrance to one of the bathrooms, glass sculpture by Yolanda Tabanera on right and painting by Katy Moran, left.



A CONEXÃO ENTRE A VIDA E A ARTE



Madrid, Spain

THE CONNECTION BETWEEN LIFE AND ART



Nesta dupla, na página esquerda, à esquerda, detalhe da obra de Rivane Neuenschwander, Deadline Calendar, 2011, colagem sobre papel, 12 peças, 76,5x65,5 cm cada. Ao fundo, quadro de Umberto Manzo, Sem título, 2003, técnica mista e emulsão fotográfica sobre tela, 269,9x240 cm. Nesta página, perspectiva da sala de estar com quadro de Tomás Espina, Sem título, 2015, fuligem no papel, 183x256 cm.

On this spread, left page, left, close up of work by Rivane Neuenschwander, Deadline Calendar, 2011, collage on paper, 12 pieces, 76.5x65.5 cm each. In background, Umberto Manzo painting, Untitled, 2003, mixed technique and photographic emulsion on canvas, 269.9 x 240 cm. This page, view of living room with painting by Tomás Espina, Untitled, 2015, soot on paper, 183x256 cm.



Nesta dupla, sala de estar com quadro de Hiroshi Sugimoto, à direita, *Differential Bevel Gears*, 2004, impressão sobre gelatina. Ed. 4/5. 152,4x188,9 cm. À esquerda a obra de Gego, em cima, *Sem título*, 1966, serigrafia, 31,75x7 cm, acompanha o quadro de Gustavo Pérez Monzón, em baixo, intitulado *6321*, 1980, técnica mista em papel 50x63 cm.

On this double spread, living room with painting by Hiroshi Sugimoto, on right, *Differential Bevel Gears*, 2004, gelatin print. Ed. 4/5. 152.4x188.9 cm. On left, work by Gego, above, *Untitled*, 1966, silkscreen, 31.75x47 cm, accompanies painting by Gustavo Pérez Monzón, below, titled *6321*, 1980, mixed media on paper 50x63 cm.



Em cima, destaque para obra de Sandu Darie, à esquerda, *Sem título*, ca. 1950's, têmpera em cartolina, 50x61,5 cm. No centro, obra de Jesús Rafael Soto *Doble Vibración en Rojo*, 1967, em madeira pintada, metal e cordas de nylon, 65x89x35 cm. À direita, obra de Alberto Martins, *Sem título*, 2012, relevo em aço e tinta para automóveis, 70x52 cm. Na página direita, neste recanto de leitura, destaque para trabalho do artista Manu Muniategiandiandikoetxea, *Construcción espacial nro. 9*, 2010, em madeira contraplacada de bétula, com 54 cm de diâmetro. Ao fundo, quadro de Carmen Herrera, *Sem título* (preto e branco), 1950, acrílico sobre tela, 121,9x121,9 cm.

Above, highlighting work by Sandu Darie, on left, *Untitled*, ca. 1950s, tempera on cardboard, 50x61.5 cm. Centre, work by Jesús Rafael Soto *Doble Vibración en Rojo*, 1967, painted wood, metal and nylon strings, 65x89x35 cm. On right, work by Alberto Martins, *Untitled*, 2012, relief in steel and car paint, 70x52 cm.

Right page, reading nook, highlighting work by artist Manu Muniategiandiandikoetxea, *Construcción espacial nro. 9*, 2010, in birch plywood, 54 cm diameter. In background, Carmen Herrera painting, *Untitled* (black and white), 1950, acrylic on canvas, 121.9x121.9 cm.



Entrevista ELLA FONTANALS-CISNEROS Interview

Filantropa, empreendedora e colecionadora.
Philanthropist, entrepreneur and collector.

Ella Fontanals-Cisneros sempre quis aprender mais: o seu incrível percurso para melhor compreender o mundo da arte, aliado à sua ânsia e paixão por esta disciplina, levaram-na a colecionar e a compreender diferentes aspectos da história da arte. A sua sensibilidade e o "olho" de colecionadora desempenharam igualmente um forte papel na sua selecção pessoal, ainda que as suas escolhas e orientações ao longo dos últimos anos tenham sido impulsionadas por curadores que escolhe e confia. Ella tornou-se numa dos mais relevantes colecionadoras latino-americanas: há quase vinte anos que tem vindo a apoiar e a promover a compreensão cultural e o diálogo educacional entre artistas latino-americanos e audiências globais, depois de ter criado a Fundação de Arte Cisneros Fontanals (CIFO), uma organização sem fins lucrativos.

Viajante por excelência, com muitos lugares a que poderia chamar "casa", o seu passado leva-a de volta a Cuba e à Venezuela, mas também a Madrid, Miami, Gstaad ou, mais recentemente, a Mérida, uma cidade que tem vindo a desempenhar um papel importante na sua vida. Pronta a ajudar outros criativos, Ella Fontanals-Cisneros promove o trabalho de vários artistas no seu último canal no YouTube, mas também através de bolsas, residências e exposições que tem vindo a apoiar ao longo das últimas duas décadas. Uma mulher com um sorriso encantador, uma vontade forte e um amor responsável e empenhado, que se tornou hoje numa padroeira verdadeiramente dedicada às artes.

Verónica de Mello: Começou a colecionar arte latino-americana durante as suas viagens pessoais pela América do Sul nos anos 70. Como tem sido o seu processo de recolha? Ella Fontanals-Cisneros: É um processo longo. Comecei a tentar comprar o que era correcto e conhecido, e mais tarde, comecei a compreender que este era um processo de aprendizagem. Percebi que a minha curva de aprendizagem estava ligada à minha viagem e à minha vida.

VdM: Quais são os principais critérios para a sua selecção pessoal, as obras que mantém nas suas casas particulares? EFC: São diferentes de quando comecei. Aos poucos fui percebendo que, embora gostasse das coisas, tinha de perceber o envolvimento do artista na obra e como esta difere de artista para artista. Não é só a beleza visível; agora que a colecção cresceu tanto, tento reflectir sobre o que a colecção precisa em vez do que gosto, procurando

Collector Ella Fontanals-Cisneros has always been interested in learning more, following an incredible path to better understand the world of art. Her eagerness and passion for the arts have allowed her to assimilate and comprehend different aspects of the history of art. Her sensibility and 'eye' for collecting have also played a strong role in her very personal selection. Nevertheless, in recent years, her choices and directions have been driven by curators she chooses and trusts. Ella has become one of the most significant Latin American collectors. Almost twenty years ago, the Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO) was founded as a non-profit organization with the mission to support and advance cultural understanding and educational dialogue among Latin American artists and global audiences.

She is a traveller by excellence, with many places she could call home. Her background takes her back to Cuba and Venezuela, and even Madrid, Miami, Gstaad and Mérida, but her latest address also plays an important part in her life structure. Ella Fontanals-Cisneros has always proved to be ready to help artists by promoting their work with her latest YouTube conversations channel or with grants and artist's residences and exhibitions which she has supported over the last two decades with the CIFO foundation. A woman with a charming smile, real determination, a responsible and committed love. A truly dedicated patron of the arts.

Verónica de Mello: You started to collect Latin American art during your personal travel through South America in the 70's later on. How has been your collecting process? Ella Fontanals-Cisneros: This was a long process. I started trying to buy what was considered correct and well-known, and then eventually started to understand that this was a learning process. I started to understand that my learning curve was connected to my traveling and my life.

VdM: What has been the criteria for your personal selection, the works of art which you maintain in your private houses? EFC: My criteria to buy or collect is now different to when I started: slowly I understood that even though I might like certain things, I had to understand the involvement of the artist in the work of art and how it differs between artists. It was not only about the beauty appealing to the eye; now that the collection has grown so much, I try to reflect on what the collection needs as opposed to what I enjoy, trying to understand what it means to have that piece within my collection. Some



© Portrait Pedro Torres Castilla



“Percebi que a minha curva de aprendizagem estava ligada à minha viagem e à minha vida.” – *“I started to understand that my learning curve was connected to my traveling and my life.”* ELLA FONTANALS-CISNEROS

entender o que significa ter aquela peça na minha coleção. Algumas peças são importantes porque encerram capítulos; algumas delas acrescentam algo, algo especial. Mesmo que, por vezes, ainda compre coisas que me atraem, tento considerar uma perspectiva exterior à forma como se apresenta dentro da coleção institucional.

VdM: Na sua casa em Miami reúne uma seleção importante de artistas internacionais e latino-americanos. Obras de Carmen Herrera (Cuba) e de Anna Maria Maiolino (Brasil), que fazem parte da lista de artistas que coleciona e que também expôs numa exposição. É importante para si, enquanto colecionadora, promover e expor a obra de um artista? Como iniciou esta actividade? **EFC:** Na minha casa em Miami há muitos artistas latino-americanos, mas, também, artistas internacionais. Na realidade, tento mostrar aquilo com que trabalho, estou sempre a emprestar peças a museus e instituições porque penso que o trabalho precisa de ser visto. Comecei a fazer isto no ano 2000 (CIFO), quando arranquei com as exposições, para que o público pudesse conhecer os artistas, como uma forma de promover o seu trabalho.

VdM: A sua coleção tem mais de 3000 peças e pode ser compreendida em quatro capítulos: arte abstracta e contemporânea, latino-americana, videoarte e fotografia moderna e contemporânea. Como vê o futuro das coleções? **EFC:** Como sabe, estava prestes a abrir um museu latino-americano em Espanha, o que não teve grande sucesso. Neste momento, estou a repensar como isto se pode tornar possível, que obras permanecerão públicas e que obras permanecerão na coleção e na Fundação. Outra parte poderá ir para a minha família, e outra poderá ser vendida. Neste momento, estou a tentar ter menos obras, pois é difícil manter uma coleção grande; tento concentrar-me na qualidade. Tenho pensado muito sobre o que fazer com toda a coleção. Claro que não vou parar de comprar, mas vou concentrar-me mais na escolha, pesquisar mais. [▲]

pieces are important because they enclose or close chapters in the collection, some of them bring a plus, something special. Even though sometimes I still buy things that are appealing to me, I try to encompass an outside perspective on how it looks inside the institutional collection.

VdM: In your Miami house you have a selection of very important international and Latin American artists. You have works by Carmen Herrera (Cuba) and Anna Maria Maiolino (Brazil) that are part of the list of artists that you collect and have also been displayed in an exhibition. As a collector, is the job of promoting and exhibiting the work of an artist important to you? How did you first start this activity? **EFC:** In my house in Miami, there are a lot of Latin American, but also international artists. Actually, I try to show what I work with; I'm always loaning pieces to museums and institutions because I believe the work needs to be seen. I began doing this in the year 2000 (CIFO) when I started the exhibitions, so that the public has more knowledge and gets to know the artists, as a way of promoting their work.

VdM: Your collection has over 3000 pieces and can be understood in four chapters “abstract and contemporary art, Latin American, video art, and modern and contemporary photography”. How do you see the future of your collection? **EFC:** As you know, I was about to open a Latin American museum in Spain, which wasn't successful. Right now, I'm rethinking of how this can become possible, what works will remain public and what works will stay in the collection and the Foundation. Another part can go to my family, and another can be sold. At the moment, I'm trying to reduce the number of pieces, since it is harder to maintain a bigger collection and so I focus on quality. I have been thinking a lot about what to do with the whole collection. Of course I won't stop buying, but I will focus more on the research and selection of the pieces. [▲]

Corredor com figura feminina de inspiração mesopotâmica.

Na dupla anterior, em cima, a filantropa, empreendedora e colecionadora Ella Fontanals-Cisneros. Em baixo, à esquerda, sobre a lareira, peça de Joaquín Torres-García *Gran Cuervo*, Nova Iorque, 1920, pintura sobre talha de madeira, 30,48x33cm. À direita, destaque para a obra de Dora Hersen *Composición*, 1952, óleo sobre tela, 94.6x74.9 cm.

Hallway with Mesopotamian-inspired female figure. Previous spread, above, Ella Fontanals-Cisneros, philanthropist, entrepreneur and collector. Bottom left, above fireplace, work by Joaquín Torres-García *Gran Cuervo*, New York, 1920, painting on woodcarving, 30,38x33cm. On right, highlighting Dora Hersen work, *Composición*, 1952, oil on canvas, 94.6x74.9 cm.

UM SER CRIATIVO

Portimão, Portugal

A CREATIVE SPIRIT

A mutação é constante, mas as premissas de ser uma casa, uma galeria, uma oficina e um laboratório de investigação num só prevalecem aqui. — While mutation might be a constant, the premises of being a home, a gallery, a workshop and laboratory for research all in one place prevail here.





Na dupla anterior, Eric de Bruijn prepara um repasto que serve de alimento para os pensamentos. Sobre a mesa, candeeiro Non Random, da Moooi, e, sobre a bancada, um pote tradicional marroquino. No lado oposto da cozinha, vislumbres de uma flor de agave seca admirados por um busto de Voltaire. Nesta dupla, encontramos uma vitrine, considerada relíquia familiar de Eric, pertencente a um projecto de uma loja de moda que fez no passado. O sofá e as poltronas brancas Illusion, do designer holandês Jan des Bouvrie, para a Gelderland, ligam-se à mesa de apoio, um projecto DIY. O computador apoia-se numa mesa desenhada pelo próprio, que mandou fazer num ferreiro local apaixonado pelo desenho. Ao fundo, outra perspectiva da cozinha, na qual as cadeiras tradicionais alentejanas, feitas à mão, ladeiam a extensa mesa branca, em contraste com a obra de fundo negro assinada por Eric.

On the previous double spread, Eric de Bruijn prepares a meal that provides food for thought. On table, Non Random lamp, by Moooi, and, on the worktop, traditional Moroccan pot. On opposite side of kitchen, a glimpse of a dried agave flower admired by a bust of Voltaire.

In this pair, we find a cabinet, a family heirloom of Eric's, belonging to a past fashion shop project of his. The sofa and white Illusion armchairs, by Dutch designer Jan des Bouvrie, for Gelderland, connect with the coffee table, a DIY project. The computer sits on a table conceived by the designer himself, who then had it made by a local blacksmith who is passionate about design. In the background, another perspective of the kitchen, where traditional handmade chairs from the Alentejo region flank the large white table, in contrast with the artwork with its black background signed by Eric.



Mais do que a sua própria casa e atelier. Eric de Bruijn criou neste espaço um "habitat artístico". – *More than just his own home and studio. Eric de Bruijn has also established an "artistic habitat" in this space.*



A anteceder a entrada na cozinha, uma peça artística de João Bruno Videira, com bolas de lã. Vários quadros do artista holandês decoram o espaço de descanso, enquanto o candeeiro de pé Rosy Angelis, de Philippe Starck, dá um tom quente e luminoso.

Nesta página, à direita, zona da entrada com cadeiras de escritório de Vico Magistretti, consideradas peças vintage pelo proprietário que as tem há mais de 25 anos. Um protótipo de candeeiro desenhado por Eric faz lembrar a fragilidade da casca de um ovo.

Before the entrance to the kitchen, artwork with woolen balls by João Bruno Videira. Several paintings by the Dutch artist decorate this resting space, while the Rosy Angelis floor lamp by Philippe Starck lends a warm, luminous tone. This page, right, entrance area with office chairs by Vico Magistretti, valued as vintage pieces by the owner who has had them for over 25 years. A prototype lamp designed by Eric, suggestive of the fragility of an eggshell.





Eric de Bruijn admite ter uma série de raridades: ora o aplique de parede Tolomeo, da Artemide; duas cadeiras Lord Yo, também de Philippe Starck, ora os pendentes de tecto Copper, de Tom Dixon. Um pouco por todo o espaço figuram diversas pinturas e obras de arte do proprietário. Na cozinha, pavimento tradicional da região, em terracota Santa Catarina.

Eric de Bruijn reveals he owns a number of rarities: one of them is the Tolomeo wall hanging by Artemide, two Lord Yo chairs by Philippe Starck and Copper ceiling pendants by Tom Dixon. Throughout the space there are various paintings and works of art by the owner. In kitchen, traditional regional flooring in Santa Catarina terracotta.



Nijmegen, a cidade mais antiga da Holanda, viu nascer Eric de Bruijn, contudo, foi em Portugal que se fixou permanentemente há cerca de 15 anos. Das visitas regulares que realizava desde meados de 1970, terá ficado este anseio de se estabelecer em definitivo no país. A cidade de Portimão foi a eleita, e o seu carácter portuário vê-se reflectido, não só na paisagem, mas no próprio interior da sua habitação.

Eric reabilitou uma antiga oficina de barcos, cuja história remonta aos tempos áureos da indústria conserveira. A disposição inicial do edifício não foi muito modificada, porém o pintor holandês definiu de forma mais clara as linhas divisórias entre os espaços, conferindo-lhes uma função mais moderna e padronizada, de acordo com as necessidades actuais.

Mais do que a sua própria casa e atelier, Eric de Bruijn criou neste espaço um "habitat artístico". Espera-se que, em cada um dos cinco quartos-conceito, no estúdio privado, nas diversas salas de estar, na piscina ou no terraço da cobertura, possam nascer ideias constantemente, para que arte, conceitos e objectos únicos floresçam e transformem o ambiente.

Na "Ana Ana", que significa "eu sou" em árabe, cada um dos hóspedes, e mesmo o proprietário, podem ser quem realmente são, quem pretendem ou necessitam ser, dominando e explorando toda a sua criatividade. A atmosfera pauta-se por um estilo ecléctico que vai buscar inspiração a vários destinos. Ao utilizar alguns pormenores baseados nos principais elementos terrenos, encontrados nas culturas asiática e árabe, identificamos o minimalismo japonês justaposto a artigos românticos de Marrocos ou a peças de arte mais gráficas.

A percepção visual renova-se com frequência à medida que também Eric de Bruijn vai pintando e expondo novos quadros, a par com outras obras suas, mais antigas. É o próprio pintor que reconhece as suas diferenças e evolução. Em jovem, seguia uma vertente que desafiava os limites da estética, ligando-se aos exemplos de Willem de Kooning, Jackson Pollock, Jasper Johns, os expressionistas americanos.

Hoje em dia, confessa que a sua rebeldia se desvaneceu, "a pureza e a regularidade da tranquilidade, o caminho para o equilíbrio, a profundidade e o espaço tomaram o seu lugar". Eric de Bruijn acredita que, ao pintar de modo mais despojado e próximo da essência, se aproxima de uma certa fragilidade, à semelhança de "como a própria vida é...".

Eric de Bruijn may have been born in Nijmegen, the oldest city in the Netherlands, but it was in Portugal that he decided to settle permanently some 15 years ago. His desire to set up home in the country was the result of his regular visits since the mid-1970s. The city of choice was Portimão and its character as a port is reflected not only in the landscape, but also in the interior of his home.

Eric restored an old workshop for boats, whose history dates back to the golden age of the fish canning industry. Although the original layout of the building might not have changed much, the Dutch painter has more clearly defined the lines dividing the spaces, giving them a more modern, standardised function in step with today's needs.

More than just his own home and studio, Eric de Bruijn has also established an "artistic habitat" in this space. He hopes that in each of the five concept rooms, the private studio, the various living rooms, the swimming pool or the roof terrace, ideas can constantly be generated, so that art, concepts and unique objects can flourish and transform the environment.

At "Ana Ana", which means "I am" in Arabic, every guest and even the owner can truly be themselves, whoever they want or need to be, mastering and exploring all their creativity. The atmosphere is defined by an eclectic style that borrows inspiration from various destinations. By using some details based on the main earthly elements, found in Asian and Arab cultures, we can detect Japanese minimalism juxtaposed with romantic items from Morocco or with more graphic pieces of art.

The visual perception of the home is often renewed as Eric de Bruijn also paints and exhibits new paintings alongside his older works. The painter himself acknowledges his own changes and evolution. When he was younger, he pursued an approach that challenged the limits of aesthetics, inspired by the likes of Willem de Kooning, Jackson Pollock, Jasper Johns and the American Expressionists.


These days, he confesses that his rebelliousness has subsided, with "the purity and regularity of tranquillity, the path to balance, depth and space having replaced it". Eric de Bruijn believes that by painting in a more unadorned manner, closer to the essence of things, he can achieve a certain fragility, "just like life itself...".



Na piscina, o verde dos cactos ressalta no tom Rosa Lalibela (CIN) que pinta as paredes. Junto ao chuveiro Original-01, da marca JEE-O, uma peça de arte exterior, concebida pelo proprietário. Uma obra do pintor iraquiano Saad Ali foi escolhida para animar a zona coberta de descontração no terraço.

In the swimming pool, the green of the cacti stands from the Rosa Lalibela tone (CIN) on the walls. Next to Original-01 shower, by JEE-O, a piece of outdoor art, created by the owner. A work by Iraqi painter Saad Ali, chosen to brighten up the covered relaxation area on the terrace.



 Mais imagens na versão online.
 More images on the online version.
www.attitude-mag.com

Uma conversa com Verónica de Mello, arquitecta, curadora e art advisor. — A conversation with Verónica de Mello, architect, curator and art advisor.

Selected Letters of James Joyce

edited by...



“SOMOS O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO.”

Estoril, Portugal

“WE ARE THE PAST, THE PRESENT AND THE FUTURE.”





Na dupla anterior, a proprietária Verónica de Mello, à esquerda, e perspectiva da piscina exterior, circundada por um pinho marítimo centenário e exuberantes buganvílias.

Nesta dupla, na sala de estar, uma selecção ecléctica de livros e objectos pessoais coabita com obras de nomes como José Pedro Croft, João Louro, Juan Manuel Castro Prieto e Juan Carlos Alom. "Não é premeditado, parece natural", acrescenta, sorridente, a proprietária.

On the previous spread, the owner Verónica de Mello, left, and view of outdoor swimming pool, surrounded by a centenary maritime pine and luxuriant bougainvillea.

On this double spread, in the living room, eclectic selection of books and personal objects alongside works by artists such as José Pedro Croft, João Louro, Juan Manuel Castro Prieto and Juan Carlos Alom. "It's not premeditated; it feels natural," the smiling owner muses.





“Um curador cria uma coleção que pode ser interpretada como um todo.” – “A curator builds a collection that can be interpreted as a whole.” VERÓNICA DE MELLO

Nesta página, na cozinha, o cartaz Los Carpinteros, de uma exposição na qual fez curadoria com Alda Galsterer, em 2017, acompanha os momentos de pequeno-almoço em família. Em baixo, as fotografias a preto e branco de Robert Rauschenberg e de João Paulo Serafim fundem-se com fotografias históricas de família dos anos 20 e 50 do século XX. Na página esquerda, em cima, a obra *Birds #1* de Nuno Cera, 2016, recebe provocativamente todos os que chegam à sala de jantar, “um símbolo de sabedoria”, aponta a curadora. Em baixo, no hall de entrada, maquete de Fernanda Fragateiro e duas jarras em vidro de Murano, adquiridas numa visita à Bienal de Veneza de 2007.

This page, in the kitchen, Los Carpinteros poster, from exhibition the owner curated with Alda Galsterer in 2017, accompanies family breakfasts. Below, black and white photographs by Robert Rauschenberg and João Paulo Serafim blend with historic family photographs from the 1920s and 1950s. Left page, the piece *Birds #1* by Nuno Cera, 2016, provocatively welcomes everyone entering the dining room, “a symbol of wisdom”, as the curator points out. Below, in entrance hall, maquette by Fernanda Fragateiro and two Murano glass vases, acquired while visiting 2007 Venice Biennale.



Submersa na sombra de um pinho marítimo centenário, circundada de exuberantes buganvílias, a casa de Verónica de Mello tem vista para o oceano. Do exterior, deixa antever a elegância sofisticada, característica das residências do Estoril. No interior, o ambiente igualmente elegante é acolhedor, informal e descontraído.

A combinação ecléctica de estilos tradicionais e contemporâneos procura reflectir a identidade dos seus proprietários. “Não sei se tenho um estilo... Penso que somos poliédricos,” reconhece. Apresenta-me a ideia de curadoria doméstica. A noção de que podemos construir colecções significativas nas nossas casas que representam quem somos. Enquanto arquitecta, Verónica assumiu a renovação da casa. As suas obras de arte, objectos recolhidos, antiguidades e mobiliário icónico testemunham as suas fortes preferências pessoais e presença no espaço.

A experiência de Verónica enquanto curadora e consultora de arte é significativa. “A mensagem que tentamos transmitir é construída através das obras de arte. Uma obra atrás de outra gera uma conversa”. Cada obra trabalha para fazer parte de uma narrativa maior. “Desta forma, as nossas casas podem funcionar como lugares onde podemos contar a nossa história, onde podemos recriar o nosso próprio mundo”. As heranças de família também são importantes. “Dizem de onde vim, sinto-me feliz quando olho para elas e lembro-me das pessoas que amo. Nós somos o passado, o presente e o futuro.”

Selected Letters of James Joyce prende-me o olhar e questiono-a sobre a história por detrás do objecto. “Faz-me lembrar Julião Sarmento, meu amigo e vizinho que acaba de nos deixar. Ofereceu-me esse livro no meu 40.º aniversário por reunir uma série de cartas eróticas que James Joyce escreveu à sua mulher no seu 40.º aniversário. Cada peça conta uma história... E cada uma é importante.” Continua casualmente. “A minha colecção pessoal começou sem eu saber; estava interessada em peças relacionadas com a arquitectura, com o espaço, e uma coisa levou à outra.” Questiono-a sobre aquisições mais recentes. “Estou sempre à procura. Claro que tenho, como muitos amantes da arte, a colecção perfeita na minha cabeça... Sou muito curiosa, para mim é importante estar constantemente a aprender algo, é esse o contributo dos artistas. Ensinam-me novas perspectivas. Não vejo as peças de arte como adições, vejo-as como algo que preciso de continuar a fazer.” “Ao acrescentar algo à sua colecção, considera o todo?” Persisto. “Cada peça é única. Por vezes escolho uma obra por saber que vai fazer sentido ao lado de outra, mas também tenho obras com 100 anos de diferença penduradas lado a lado para que a ligação esteja apenas na minha cabeça. Para mim, cada obra tem o seu valor inequívoco, a sua própria singularidade.”

Verónica de Mello's home overlooks the ocean, standing under the shade of a century-old maritime pine tree, with lush bougainvillea flanking its exterior. On the outside it suggests the sophisticated elegance typical of homes in Estoril. Inside, the correspondingly elegant interior is welcoming, informal and relaxed.

The eclectic combination of traditional and contemporary styles is intended to reflect its owners' identities. “I don't know if I have a style... I think we are polyhedral”, Verónica says. She introduces me to the idea of domestic curating. The notion that we can build meaningful collections in our homes that represent who we are. As an architect, she undertook the renovation of the house herself. Her works of art, collected objects, antiques and iconic furniture reflect her strong personal preferences and presence in the space.

Verónica's background as art curator and consultant is significant. “As a curator, the message that you are trying to convey is expressed through works of art. One piece beside another creates a conversation.” As a whole, they form part of a greater narrative. “In this way, our homes can function as the places where we get to tell our story, where we can recreate our own world”. Family heirlooms are also very important. “They remind me where I came from, they make me feel very happy as I look at them and remember the people who I love. We are the past, the present and the future.”

‘Selected Letters of James Joyce’ grabs my attention and I ask her for the story behind it. “That’s the late Julião Sarmento. My friend and neighbour, who has just departed from us. He gave it to me on my 40th birthday. It is a series of erotic letters that James Joyce wrote to his wife on her 40th birthday... Every piece tells a story... each one is important to me.” Veronica continues casually, “My personal collection started without my realising it; I was interested in pieces related to architecture, to space, and one thing led to another...” I ask her about new additions. “I am always on the lookout. Of course I have – just like any art lover – the perfect collection in my head... I’m a very curious person; for me, it is so important to constantly be learning and that is what artists do for me. They teach me new perspectives. I see art as something I need to keep going.” “When adding to your collection do you consider the whole?” I probe further. “Sometimes I choose knowing that a work by an artist makes sense beside another, but sometimes I have works that are 100 years apart and I hang them together so that the connection is just in my head. For me each piece has its own unequivocal value, its own uniqueness.”

Voltando à ideia de curadoria doméstica, pergunto-me como é que a proprietária selecciona o trabalho para as casas de outras pessoas. “Gosto de saber o que lhes interessa, o que as move, perceber como a arte mudará as suas vidas. Cada situação é diferente; quer escolha um único trabalho para um jovem casal ou uma nova abordagem experimental para uma colecção privada, trata-se sempre de criar um novo mundo. Basta ouvir”, acrescenta.

Questiono-me de onde virá a sua inspiração estética. “De todo o lado. Estou sempre atenta, sempre à procura”. A resposta de Verónica à minha última pergunta resume bem a essência da sua própria curadoria. Vou um pouco mais longe. “Traça uma linha entre um objecto decorativo e uma obra de arte? Não sei o que é decorativo. As flores são decoração ou um símbolo? São um prato, um objecto de decoração em prata, ou têm a sua própria história? A arte é maior do que nós”. ^A

No quarto principal, o azul evoca a proximidade do mar. Destaque para as obras do fotógrafo francês Denis Piel e da artista brasileira Marilá Dardot, esta última a representar “camadas de memórias gráficas, vestígios de livros que nos fazem voar para além dos seus conteúdos.”

Nas escadas, obra em papel de Pedro Cabrita Reis e pintura de António Bolota, “uma pessoa extraordinária com quem já trabalhei tanto como arquitecta como curadora, acredito muito no seu trabalho,” sublinha a proprietária.

In master bedroom, blue evokes the immediacy of the sea. Highlights include works by French photographer Denis Piel and Brazilian artist Marilá Dardot, with the latter representing “layers of graphic memories, vestiges of books that urge us to soar beyond their contents.”

On stairs, artwork on paper by Pedro Cabrita Reis and painting by António Bolota, “an extraordinary person who I have worked with both as an architect and curator. I really believe in his work,” the owner states.

Coming back to the idea of domestic curating, I wonder how she selects work for other people's homes. “I like to discover what interests people, what moves them, and how art will change their lives. Each situation is different, whether it's choosing a single work for a young couple or trying a new approach for an established private collection, it's about creating a new world for them. You just have to listen”, she muses.

I then ask where her aesthetic inspiration comes from. “Everywhere. I am always attentive, always searching.” Verónica's answer to my final question neatly sums up the essence of her own brand of curating. I venture: “Do you draw a line between a decorative object and piece of art?” “I don't know what is meant by decorative. Are flowers a decoration or a symbol? Is it a plate, a silver decoration, or does it have its own history? Art is bigger than us.” ^A



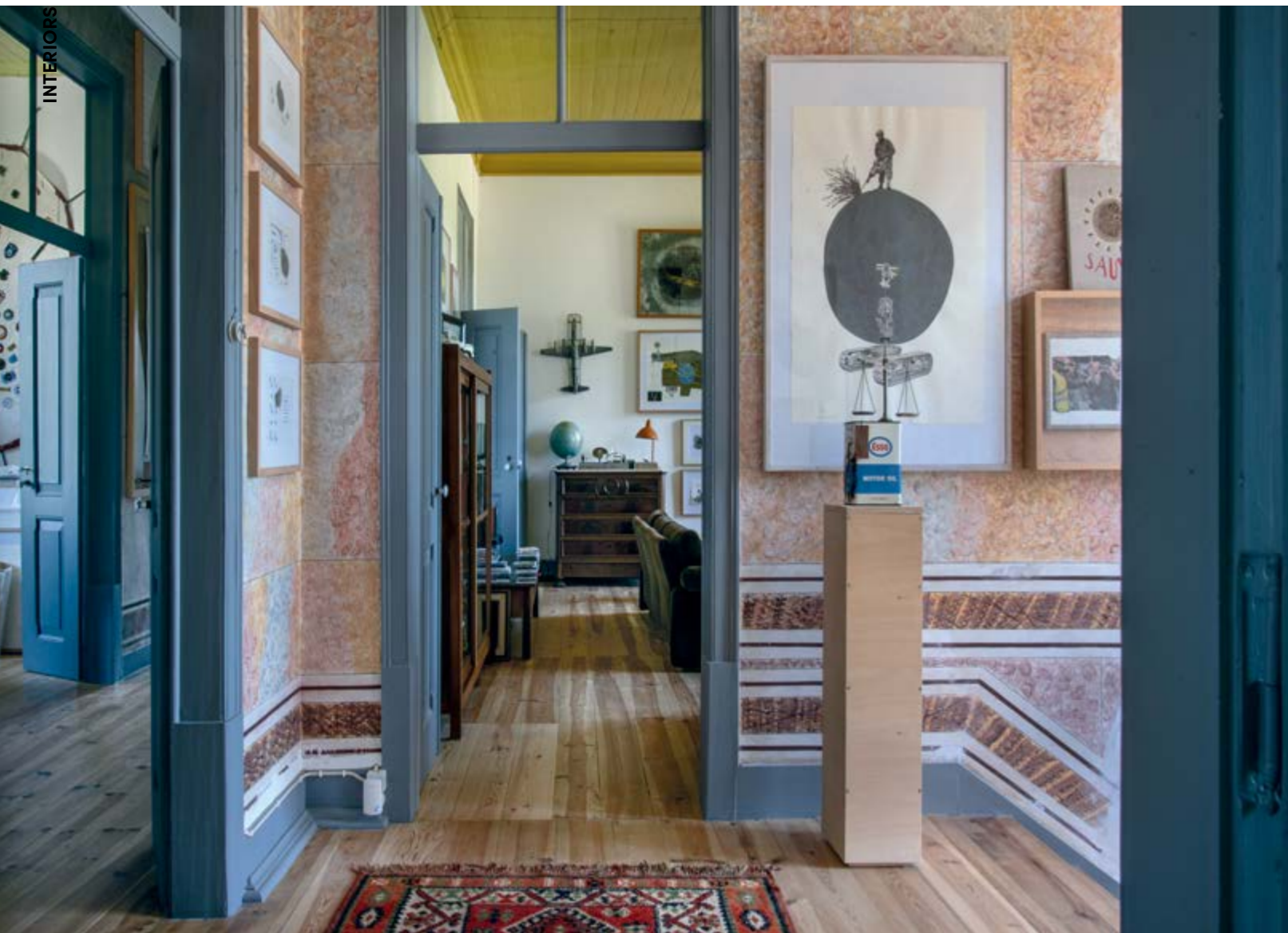


Quando a densidade artística carrega o peso do progresso e da tecnologia,
só a calma da Natureza poderá libertar o excesso de modernidade. —
When artistic density bears the burden of progress and technology, only the
tranquility of Nature can relieve the excesses of modernity.

O RUÍDO DA NATUREZA

Santarém, Portugal

THE NOISE OF NATURE



O artista plástico cultiva o seu amor à ciência, mecânica, engenharia ou fotografia, revelando um assemblage delicado e inesperado que se manifesta sob a forma de esculturas, colagens, fotografias ou instalações. – *The artist cultivates his love of science, mechanics, engineering and photography, revealing a delicate and unexpected combination that expresses itself in the form of sculptures, collages, photographs and installations.*



Na dupla anterior, o artista e proprietário Miguel Palma. À direita, entrada da residência com *Escultura Ninho*, 2020, e desenho *Suíça #11*, 2007, presente na exposição ProjectoMAP 2010-2020. Mapa ou Exposição, no Museu Coleção Berardo.

Nesta dupla, sente-se a harmonia entre o espaço de habitação e a obra do artista. Na página esquerda, destaque para a escultura *Esso*, 2018. Nesta página, em cima, espaço de trabalho e, à esquerda, fato cor-de-laranja *Desert Suit* realizado em 2012 numa residência artística no Arizona. Para combater o calor extremo do deserto, o artista recorreu a pequenas ventoinhas.

On the previous double spread, the artist and owner Miguel Palma. Right, entrance to the home with *Sculpture Nest*, 2020, and drawing *Suíça #11*, 2007, featured in the exhibition ProjectMAP 2010-2020. Map or Exhibition, at the Museu Coleção Berardo.

In this double, one can sense the harmony between the living space and the artist's work. Left page, *Esso* sculpture, 2018, is highlighted. This page, top, workspace and, left, orange *Desert Suit* created in 2012 during an artist residency in Arizona. The artist used small fans to counter the extreme desert heat.



À direita, detalhe do quarto e, em cima, no corredor, desenho *Fábrica*, 2006, com imagens do antigo atelier do artista na Fundação de Oeiras, nos tempos em que era uma fábrica de fundição de metal. Na página direita, destaque para as paredes forradas com os seus desenhos, quer na sala de jantar, quer no corredor com vista para a cozinha.

Right, close-up of the bedroom and, above, in the hallway, the drawing *Fábrica*, 2006, with images of the artist's former studio at Fundação de Oeiras, back when it was still a metal casting factory. Right page, walls lined with his drawings, both in dining room and in the corridor looking towards the kitchen.





Também na cozinha, o registo tradicional da casa, construída em 1912, foi preservado. Perspectiva da antecâmara/bengaleiro, com chapéu de bombeiro do início do século XX, e vista do jardim, propício a tardes de convívio e serões tranquilos na Natureza.

Also in the kitchen, the traditional style of the house built in 1912 has been maintained. View of the antechamber/cloakroom, with early 20th century fireman's hat, and view of the garden, ideal for lazy afternoons and quiet evenings in Nature.



A memória transforma o arco do tempo e o ciclo da vida. Não só a memória agrária, a mesma que compõe a herança desta propriedade do início do século XX, mas também a memória de uma dimensão mais próxima, onde, há menos de um ano, o isolamento ditou novas coordenadas na vida de Miguel Palma, apelando à urgência do reencontro com a Natureza.

Longe do bulício da cidade, rodeados por um simpático jardim de lílias, oliveiras, freixos ou magnólias, Miguel recorda como prescindiu da casa que tinha em Lisboa para se mudar para esta antiga quinta agrícola em Santarém. “Quando encontrei este espaço, o telhado estava caído e havia vidros no interior, mas sou um optimista por natureza, vejo as coisas e acho que é tudo fácil”, confidencia, sorridente, ainda no exterior da propriedade, onde a belíssima pátina permeia a fachada da casa principal, à qual se juntam ainda um atelier, um armazém inundado “de arte e de antigas coleções”, e ainda um edifício aberto ao encontro e ao convívio, que “será renovado para receber amigos e deservolver residências”.

Na companhia dos simpáticos pastores belgas Loki e Skadi, conduz-nos para o interior desta casa-galeria consagrada às artes e à modernidade. Aqui, os dias tranquilos e inspiradores entrelaçam-se com a paixão que nutre “por tudo o que está próximo”. O corredor central, comunicante com a cozinha, quartos e diferentes salas de estar, tem a sua obra profusa como principal leitmotiv. Em todas as divisões, o artista plástico cultiva o seu amor à ciência, mecânica, engenharia ou fotografia, revelando um assemblage delicado e inesperado que se manifesta sob a forma de esculturas, colagens, fotografias ou instalações. “Criei esta escultura a partir de uma bola antiga e de uma faca oferecida por um amigo”, revela, entusiasmado, mesmo antes de destacar elementos antigos de um avião, “como os cintos e os sensores”, uma enorme coleção de crachás americanos ou ainda “um fato criado numa residência no Arizona, construído para usar no deserto, em Flagstaff, onde treinam futuros astronautas.”

De regresso à cozinha, no piso térreo, Miguel recorda o momento em que descobriu que o pavimento hidráulico original fora produzido por uma fábrica da sua família. “Era a maior empresa de construção de ladrilho hidráulico do país, entre 1870 a 1935. Foi a minha família que construiu esta casa”, remata, orgulhoso. Talvez, por isso mesmo, se faça sentir a sua harmonização plena – um espaço onde a arte é soberana mas nunca intransigente, onde as ideias e os objetos “precisam de tempo, mas acabam sempre por encontrar o seu lugar.” Quando a arte alivia o peso da vida, a sua presença nunca poderá ser excessiva, apenas necessária. ▲

Memory transforms the arc of time and the cycle of life. Not only the memories of the farming world – like the ones that comprise the heritage of this property dating back to the beginning of the 20th century – but also the memories of a closer dimension. Less than a year ago, the need for isolation imposed new coordinates in Miguel Palma’s life, prompting an urgent reconnection with Nature.

Far from the hubbub of the city, surrounded by a delightful garden of linden, olive, ash, and magnolia trees, Miguel recalls how he gave up his Lisbon home in order to move to this former farm in Santarém. “When I found this property, the roof was caving in and there was broken glass everywhere inside, but being an optimist by nature, I look at things and think that everything will be easy,” he confides with a smile, while still standing outside the property. A beautiful patina permeates the façade of the main building, which is complemented by an studio, a warehouse crammed with “art and old collections,” and also a building dedicated to gatherings and conviviality, which “is going to be refurbished so that it can accommodate friends and develop artistic residences”.

In the company of his amiable Belgian shepherds Loki and Skadi, he guides us into the gallery-house dedicated to the arts and modernity. This is where quiet and inspiring days are intertwined with his passion for “everything that is close to us”. The main hallway, communicating with the kitchen, bedrooms, and different living rooms, abundantly features his work as the main leitmotiv. In every room, the artist cultivates his love of science, mechanics, engineering and photography, revealing a delicate and unexpected combination that expresses itself in the form of sculptures, collages, photographs and installations. “I created this sculpture from an old ball and a knife offered to me by a friend,” he enthusiastically discloses, before going on to draw our attention to old elements of an airplane, “like the seatbelts and sensors,” a vast collection of American badges, as well as “a suit created in a residence in Arizona, built to be worn in the desert, in Flagstaff, where they train future astronauts.”

Back in the kitchen, found on the ground floor, Miguel recalls the moment it dawned on him that the original hydraulic flooring had actually been produced by a factory owned by his family. “It was the largest hydraulic tile manufacturer in the country, from 1870 to 1935. My family built this house,” he proudly states. Perhaps that’s why everything feels perfectly harmonized – a space where art reigns supreme but is never uncompromising, where ideas and objects “need time, but always end up finding their rightful place.” When art lightens the burden of life, its presence can never be excessive, simply a necessity. ▲



Em cima, à esquerda, perspectiva do sótão e, à direita, o armazém que acolhe muitas das obras do artista português, onde encontramos o desenho Confinamento #2, 2020. De realçar, ainda, a tenda instalada no centro da propriedade, eleita “o parque de diversões” dos mais novos, e ainda o atelier, à esquerda.

Above, left, view of the attic and, right, the storehouse that accommodates many of this Portuguese artist’s works, where we find the drawing Confinamento #2, 2020. Also of note is the tent standing in the middle of the property, called “the amusement park” by the youngsters, and also the studio, on the left.

➤ Mais imagens na versão online. www.attitude-mag.com

REFLEXO DE VIDA
 Porto, Portugal
 REFLECTION OF LIFE



Uma pulsação artística itinerante veste as paredes brancas desta casa-galeria no coração do Porto. — An itinerant artistic pulse animates the white walls of this gallery-home found in the heart of Porto.





Na dupla anterior, na página esquerda, hall de entrada com escultura de Alberto Carneiro, pintura de Pedro Cabrita Reis, à esquerda, e tela de José Loureiro. Na página direita, a pintura de A.R. Penck protagoniza o espaço.

Nesta dupla, em cima, ângulo da sala de estar. Além da pintura do artista A.R. Penck, o quadro de Ana Vidigal, sobre a coleção de livros e revistas, é, ainda, um dos principais atributos desta área, a par da obra de Gerardo Burmester, em destaque na página direita, em baixo. Na mesma página, em cima, a obra de Antoni Tàpies acompanha a mesa com intervenção da artista Carmen Calvo. À direita, perspectiva da cozinha.

On the previous double, left page, entrance hall with sculpture by Alberto Carneiro, painting by Pedro Cabrita Reis, on left, and canvas by José Loureiro. On right page, painting by A.R. Penck stands out in this space.

On this double spread, above, view of the living room. In addition to painting by A.R. Penck, Ana Vidigal's painting seen above collection of books and magazines is also one of the main elements in this area, together with Gerardo Burmester's work, also highlighted on the right page, above. On same page, above, a work by Antoni Tàpies complementing table, with intervention by artist Carmen Calvo. On right, view of the kitchen.



Um "porto de abrigo" que resiste ao tempo e acolhe a vida, não apenas dos que lá passam, mas de toda a arte que nela habita. – *A 'safe haven' that has withstood the test of time and embraces life, not only for those who are passing by, but also for all the art that is found within.*

Há quase três décadas instalado naquele que é hoje um dos maiores pólos artísticos da cidade, viu nascer um Porto criativo e efervescente, comprovando um forte apetite cultural que estará longe de se extinguir. Da perfeita articulação entre a arte, o conforto e esse "bairrismo" imprescindível, o galerista portuense idealizou um "porto de abrigo" que resiste ao tempo e acolhe a vida, não apenas dos que lá passam, mas de toda a arte que nela habita.

Ao longo de quase 300 metros quadrados, o proprietário manifesta o seu interesse pela arte e design contemporâneos. "Inicialmente, quis criar um espaço de convívio, que promovesse o encontro entre os artistas da minha galeria e os colecionadores. Aconteceu no princípio, mas foi complicado manter." Conduz-nos, assim, por um roteiro criativo surpreendente, que abrange nomes como Antoni Tàpies, A.R. Penck, Jan Voss, Carmen Calvo ou Pedro Cabrita Reis, e desmistifica a ideia de colecionador, pois "as obras nunca são nossas. Os ganhos pessoais acontecem no dia-a-dia, quando aconselho o cliente sobre aquilo em que acredito."

Ao designer e amigo Paulo Lobo deve a concepção do espaço, uma colaboração que viria ainda a contar com a visão criteriosa e informada de Luis Sirvent na selecção do mobiliário. Num primeiro olhar, uma certa frieza poderia apropriar-se de um pano de fundo neutro e despojado, mas bastariam poucos minutos para intuímos essa paixão artística idiossincrática, que se alimenta do espaço negativo para causar admiração.

No hall de entrada, a instalação de Alberto Carneiro e o quadro de José Loureiro levam-nos a uma nova certeza: nem só a arte vive de primeiras impressões. "O impacto de chegar a uma casa e lançar um suspiro, para mim, é fundamental." Tudo o resto vai descamando à nossa volta, revelando um pouco mais sobre a sua essência: a paixão pela cozinha, que foi aprimorando durante o confinamento; a sucessão de livros e revistas que vai compilando "no chão, desorganizadamente", ou, ainda, "a vista para o mar e a forma como a casa se transforma com o nascer e o pôr-do-sol." O privilégio "de ter tudo por perto" fê-lo valorizar "esses pequenos prazeres que ganham importância com a idade", remata, orgulhoso. Não poderíamos estar mais de acordo. ▲

it has been established for almost three decades in what has become one of the city's leading artistic centres, and it has witnessed the rise of a creative and vibrant Porto, attesting to a marked appetite for culture that is far from being exhausted. Through the perfect harmony between art, comfort and that essential 'neighborhood spirit', this Porto gallery owner has developed a 'safe haven' that has withstood the test of time and embraces life, not only for those who are passing by, but also for all the art that is found within.

The owner expresses his interest in contemporary art and design throughout the nearly 300 square metres of the gallery. "Initially I wanted to create a space for gatherings, which would promote encounters between the artists in my gallery and collectors. It did happen in the beginning but it was tricky to keep it up over time." He guides us through a surprising creative itinerary - which includes names such as Antoni Tàpies, A.R. Penck, Jan Voss, Carmen Calvo and Pedro Cabrita Reis - and demystifies the idea of the collector since "the works are never ours. The personal gains happen on a day-to-day basis, when I advise the client on what I believe in."

The designer Paulo Lobo, who is also a personal friend, was responsible for designing the space, a collaboration that would also rely on the discerning and informed vision of Luis Sirvent in terms of furniture selection. At first glance, a certain coldness could pervade the neutral and stark background, but a few minutes is all it takes to sense the underlying idiosyncratic artistic passion that thrives on this negative space to inspire admiration.

In the entrance hall, Alberto Carneiro's installation and José Loureiro's painting provide us with a new certainty: it's not only art that is based on first impressions. "The impact of arriving at a house and letting out a sigh is crucial for me." Everything else gradually unravels around us, revealing a little more of his essence: a passion for cooking that he refined during the COVID lockdown; the succession of books and magazines that he compiles "on the floor, in a disorganised manner", or even "the sea view and the way the house is transformed at sunrise and sunset". The privilege "of having everything close at hand" has made him treasure "these small pleasures that acquire more importance with age", he remarks proudly. And we couldn't agree more. ▲

Em baixo, à direita, o espelho e a enorme obra de Jorge Galindo apropriam-se do quarto principal. À esquerda, destaque para o imponente hall de entrada, com escultura de Alberto Carneiro e pintura de Santiago Ydáñez.

Bottom right, the mirror and Jorge Galindo's enormous work appropriate the master bedroom. On left, the imposing entrance hall, with sculpture by Alberto Carneiro and painting by Santiago Ydáñez.





You can read us everywhere!

www.attitude-mag.com



Subscreva | Subscribe

Assinaturas (6 edições)
Portugal / Ilhas da Madeira e Açores
40.00€/45.00€ ano

Signatures (6 editions)

Europe:

85€/year

Rest of the World:

135€/ year

+ info: assinaturas@attitude-mag.com

At any time!



Assinatura Digital | Digital Subscription



You can be with us everywhere...



World Distribution

Australia · Austria · Belgium · Brazil · Denmark · France · Germany · Hong Kong · Indonesia · Italy · Japan · Morocco · Poland · Portugal · Singapore · South Korea · Spain · Switzerland · Taiwan · The Netherlands · United Kingdom · USA

www.exportpress.com

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE



Complete a sua Colecção em — Complete your Collection at

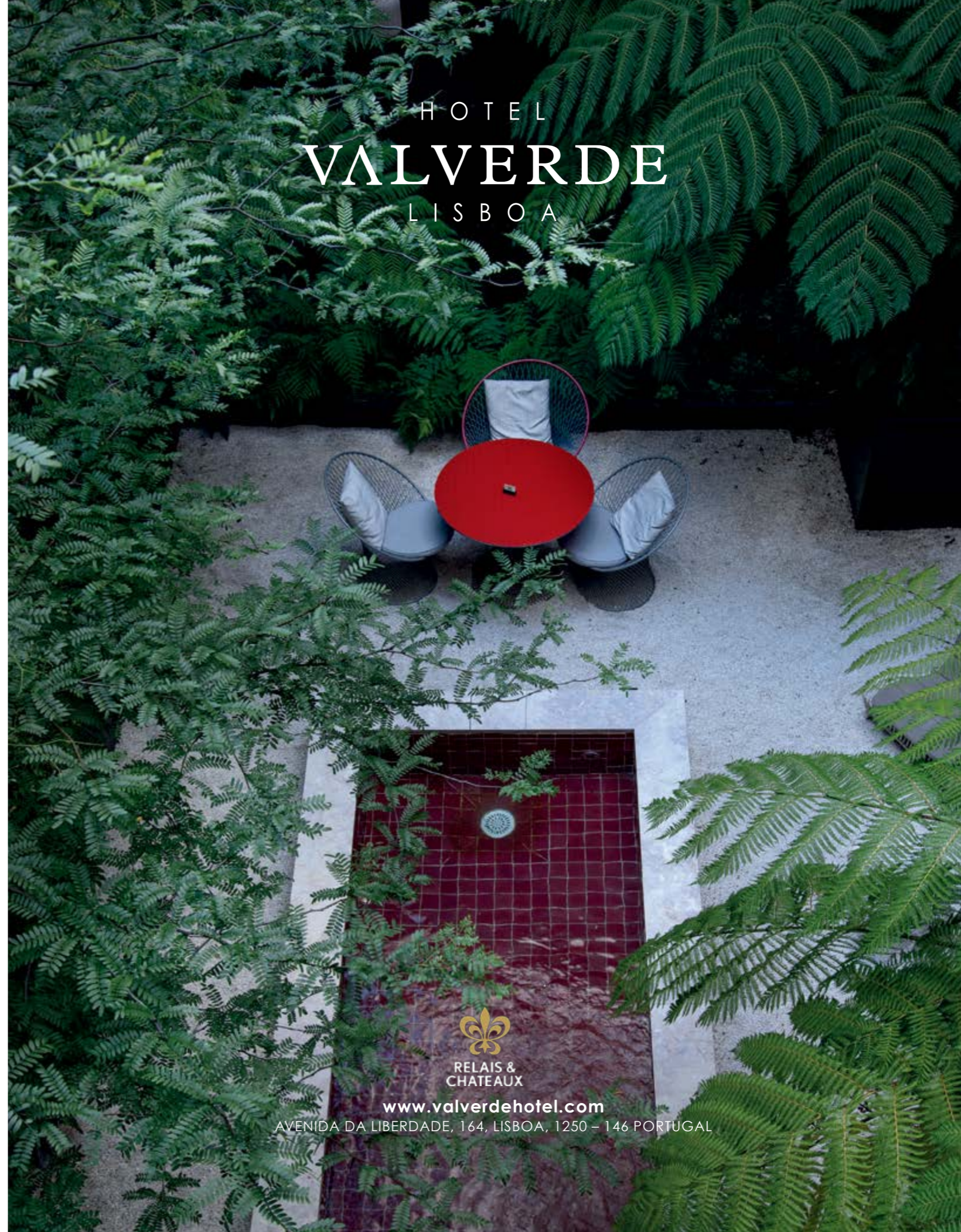
www.attitude-mag.com



Encontre o livro 15 anos — Find our Book 15 Years

"VIVER (S)EM LIBERDADE", *LIVING WITH(OUT) FREEDOM.*

Peça produzida com técnicas de tear, costura e colagens. Materiais: rede de galinheiro, base de ferro para vasos, lãs, linhas, fitas, fios, desperdício, tecido, dracalon, flores de plástico, missangas e pedras. – Piece produced with loom techniques, sewing and collage. Materials: chicken wire, iron pot base, wool, thread, ribbons, yarn, waste, fabric, dracalon, plastic flowers, beads and stones.



HOTEL
VALVERDE
LISBOA



RELAIS &
CHATEAUX

www.valverdehotel.com

AVENIDA DA LIBERDADE, 164, LISBOA, 1250 – 146 PORTUGAL

GANDIABLASCO

CAPA by Søren Rose



GANDIABLASCO LISBOA
Lg. Vitorino Damásio 2 F/G. Lisboa.
T. +351 213 962 338

GANDIABLASCO PORTO
Rua Dr. Melo Leote, 20. Porto.
T. +351 226 181 355

www.gandiablasco.com



Gandia Blasco Group

80 YEARS | 1941
2021